



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ECONOMIA

MARIANNA BRAGHINI DEUS DEU

**Da *California Eastern Airways* à *DynCorp*: movimentos de
ascensão das empresas militares privadas**

**From *California Eastern Airways* to *DynCorp*: the rise of
private military companies**

**Campinas
2022**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ECONOMIA**

MARIANNA BRAGHINI DEUS DEU

**Da *California Eastern Airways* à *DynCorp*: movimentos de
ascensão das empresas militares privadas**

Prof. Dr. Eduardo Barros Mariutti – orientador

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Econômico, na área de História Econômica.

**ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO
DEFENDIDA PELA ALUNA MARIANNA
BRAGHINI DEUS DEU E ORIENTADA
PELO PROF. DR. EDUARDO BARROS
MARIUTTI.**

**Campinas
2022**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Economia
Luana Araujo de Lima - CRB 8/9706

D488c Deus Deu, Marianna Braghini, 1991-
Da *California Eastern Airways* à *Dyncorp* : movimentos de ascensão das empresas militares privadas / Marianna Braghini Deus Deu. – Campinas, SP : [s.n.], 2022.

Orientador: Eduardo Barros Mariutti.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia.

1. Empresas militares privadas. 2. Guerra fria. 3. Segurança internacional. 4. Desenvolvimento econômico. 5. Inovações tecnológicas. I. Mariutti, Eduardo Barros, 1974-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Economia. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: From California Eastern Airways to Dyncorp : the rise of private military companies

Palavras-chave em inglês:

Private military companies

Cold War

Security, International

Economic development

Technological innovations

Área de concentração: História Econômica

Titulação: Mestra em Desenvolvimento Econômico

Banca examinadora:

Eduardo Barros Mariutti [Orientador]

Antonio Carlos Diegues Junior

Patrícia de Oliveira Matos

Data de defesa: 18-02-2022

Programa de Pós-Graduação: Desenvolvimento Econômico

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0001-8022-1663>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/6139129103217931>



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ECONOMIA**

MARIANNA BRAGHINI DEUS DEU

**Da *California Eastern Airways* à *DynCorp*: movimentos de
ascensão das empresas militares privadas**

Prof. Dr. Eduardo Barros Mariutti – orientador

Defendida em 18/02/2022

COMISSÃO JULGADORA

**Prof. Dr. Eduardo Barros Mariutti - PRESIDENTE Universidade Estadual de Campinas
(UNICAMP)**

**Prof. Dr. Antonio Carlos Diegues Junior
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)**

**Prof. Dra. Patrícia de Oliveira Matos
Universidade da Força Aérea (UNIFA)**

A Ata de Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica da aluna.

DEDICATÓRIA

Para Manuel Deus Deu, Anna Deus Deu
e Carlos Braghini

in memoriam

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Agradeço primeiramente ao Instituto de Economia da Unicamp e toda a equipe que garante a manutenção deste importante espaço de formação. O programa me permitiu a melhor orientação possível em todo este processo de pesquisa. Agradeço especialmente meu orientador, Eduardo Mariutti, que inspirou muitas das abordagens aqui tratadas e sempre encorajou a criatividade pessoal. Sem sua figura, esta pesquisa não teria sido a mesma.

Agradeço principalmente minha unidade familiar. Aos meus pais Cabral e Marcia, as bases de minha educação e formação. Seus valores de amor e união são as características principais do elo entre todos nós. Agradeço por toda influência que tiveram em mim e por serem não só um grande apoio, mas sobretudo, um refúgio. Aos meus irmãos Luís Carlos, Marcella e Dalton, agradeço por toda parceria que me proporcionam, a felicidade deles é sempre motivo da minha. São responsáveis pelos meus dois maiores presentes: meus sobrinhos Gabriel e Maitê. Pelo futuro destes dois, minha insistência em um mundo menos hostil.

Não poderia deixar de agradecer diretamente aos meus tios Sérgio e Katya, que encorajaram esta pesquisa antes mesmo de ela existir. Seu apoio, prontidão e carinho sempre estiveram em minha vida e são alicerces deste processo. Agradeço em especial minha avó Wanda, ela é o principal pilar de uma extensa família e sua energia de vida é inspiração para todos nós. Agradeço também tantas outras pessoas pelo clima de festividade e companhia que emana desta família, Mara, Julia, Cláudio, Roseli, Nina, Gabi, Pedro e Thaís. Sem deixar de agradecer aos meus tios Amadeu, Rosa, João, Norma, Félix, Andréia e Rocha, e uma infinidade de primos, Rafael, Tiago, Félinho, Vitor e Ronaldo.

Agradeço Antonio Martins, amigo e editor, que me proporcionou a primeira oportunidade de publicar produções pessoais, por ter gentilmente possibilitado meu acesso a portais *online* de periódicos estrangeiros e garantir importantes fontes de pesquisa para este estudo. Também agradeço o notável trabalho de divulgação científica de Alexandra Elbakyan, sua plataforma contribuiu significativamente para o esforço aqui realizado e de tantos outros pesquisadores mundo afora.

Meus colegas de graduação também foram um grupo necessário para que este trabalho se concretizasse. Agradeço a Thila, Marcela, Marina, Caio, em memória ao nosso amigo Thales. Nesta jornada de mais de uma década, perdemos dos nossos pelo caminho, e

ainda que nosso grupo esteja agora incompleto, a presença destas amigadas nunca deixou de ser uma constante. Este grupo é a origem do caminho que me trouxe para este trabalho e uma rede de apoio em qualquer projeto que nos engajamos.

Agradeço aos meus colegas de pós-graduação, com menção especial ao Tiago, nossa parceria e amizade foi também nosso lar, agradeço por todas as conversas que tanto me ajudaram neste processo de pesquisa. Agradeço também Marcos, Bruno, Millena, Camila, Priscila, Eduardo, Diógenes, Vinícius, Daniela, Rayssa, Taís e Cinthia. O convívio e a amizade que estas pessoas me deram a oportunidade de vivenciar foi iminentemente parte do meu processo de formação. Foram as escoras que sustentaram o turbulento caminho que é a produção de pesquisa. Foram com eles, nas pequenas conversas, nas pausas, entre o bosque, a biblioteca e as calçadas, que surgiram boa parte das ideias e elaborações desta pesquisa. Agradeço o apoio, cuidado e risadas que fizeram destes anos de pesquisa, os melhores possíveis.

Não poderia deixar de agradecer minha grande parceira Adriana, sua natureza divertida e carinhosa sempre garantiu alegria mesmo nos momentos mais árduos dos últimos anos. O mesmo vale para a Bianca, considero sua valiosa amizade uma das minhas grandes sortes, a quem agradeço por me encorajar em todas as empreitadas, em especial esta pesquisa. Agradeço também aos caros amigos Takahashi e Cauê, por todas as conversas e reflexões acerca dos mais diversos assuntos e por todas as oportunidades proporcionadas, além de grandes referências para mim, eles inspiram todos ao seu redor.

Agradeço aos que foram meu lar nesta reta final, Vinícius e Daniel, o tamanho de sua torcida e seu apoio me impactaram mais do que eu um dia poderia imaginar.

A verdade é que não há nada de sozinha nesta produção. Foi preciso uma comunidade de pessoas, que me ajudaram das mais variadas formas. Este esforço é também manifestação de todo esse apoio que eu tenho a sorte de poder contar. Agradeço todos que me encorajaram durante este caminho.

RESUMO

Aparatos de defesa contemporâneos vêm notadamente integrando a iniciativa privada para prestação de serviços militares em contextos diversos, ao passo em que o uso associado de tecnologias de ponta e de empresas militares e de segurança privada têm demarcado dinâmicas da economia de guerra. O ramo de serviços militares privados tem como principal marco histórico o período pós fim da Guerra Fria, em que se identifica a proliferação do setor e uma tendência crescente da participação destas empresas nos cenários de segurança. Se é possível falar em um momento de impulso, isso significa que estas empresas já estavam posicionadas de tal maneira que puderam atender a escala de demandas que lhe foram apresentadas. Isto é, o fenômeno das empresas militares e de segurança privada é decorrente de processos anteriores que conduziram, permitiram e orientaram a aderência da iniciativa privada do ramo de serviços nos aparatos de defesa. A presente pesquisa se propõe a compreender este processo, de forma a identificar e mapear os principais aspectos que possam explicar como estas empresas se consolidaram nas práticas de guerra dos Estados Unidos. Para tal, utiliza-se a história da empresa *DynCorp* como estudo de caso, abrangendo o período a partir de sua fundação, ao final da Segunda Guerra Mundial, até a virada do milênio – como apontado, o momento-chave para a ascensão do setor. Em toda sua história, a empresa conquistou contratos com as Forças Armadas para diferentes serviços, em diferentes contextos. A transformação da empresa ao longo do tempo sugere uma busca pela readequação mediante as tendências e oportunidades que se apresentavam em cada período. A partir desta premissa foi possível abordar a dinâmica entre demandas de segurança e transformações de ordem política, econômica e social. Esta pesquisa entende que as movimentações da empresa podem ser encaradas como pistas que ajudam a identificar elementos que apontem no sentido da aderência da iniciativa privada e do desdobramento para o ramo de serviços. Portanto, o esforço aqui consiste em apresentar a história da empresa, contextualizar suas movimentações e identificar quais aspectos suscitavam seus negócios, de tal maneira que seja possível apontar as vias pelas quais seu ramo pôde prosperar e as razões pelas quais a iniciativa privada foi convidada a adentrar em cenários de conflito armado sob mando estatal.

Palavras-chave: Empresas Militares Privadas; Guerra Fria; Segurança Internacional; Desenvolvimento Econômico; Desenvolvimento Tecnológico.

ABSTRACT

The contemporary defense sector has notably integrated the private initiative to provide military services in a range of contexts, while the military strategy of the associated use of cutting-edge technologies as well as private military and security companies, have notably marked the war economy dynamics. The definitive historical moment that highlights the rise of private military and security companies in the world is the post-Cold War period, when the proliferation of the military services sector became a growing trend. If we can point to a decisive moment in which the presence of these companies became highly notable, this means that these companies were already positioned in such a way that they were able to meet the scale of demands presented to them. That is, the phenomenon of private military and security companies is the result of previous processes that led, allowed and guided the adherence of private enterprises providing military services to the defense sector. The present research proposes to understand this process, so as to identify the main aspects that may explain how these companies were consolidated in the United States war practices. To do so, the history of the company DynCorp is treated here as a case study, starting our analysis by the moment from its founding, right at the end of World War II, until the 2000s - as pointed out, a key moment. Throughout its history, the company has been awarded contracts with the US Armed Forces for different services, in different contexts. It's transformation over time suggests its aiming readjustments aligned with the trends and opportunities that presented themselves in each period. Based on this premise, it was possible to address the dynamics between security demands and political, economic and social transformations. This research understands that the decisions of the company can be seen as clues that help to identify certain elements, that point to the directions of the path that the private initiative followed until becoming fundamental actors in international security matters. The discussion that follows consists of presenting the history of the company, contextualizing its decisions and identifying which aspects presented itself as business opportunities. That way, it can be possible to understand the reasons why private initiative was invited to enter armed conflict scenarios under state command.

Keywords: Private Military Companies; Cold War; International Security; Economic Development; Technological Development.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
PARTE 1: A CALIFORNIA EASTERN AIRWAYS	18
2. Surge a <i>California Eastern Airways</i>	20
2.1. Os primeiros passos da empresa no contexto pós-Segunda Guerra	24
2.2. Rumo à indústria de tecnologia	27
2.3. Industrialização, desenvolvimento tecnológico e estratégia militar	29
3. Inovação Tecnológica e o Campo Militar	32
3.1. O processo inovativo	32
4. O Complexo-Militar-Industrial-Acadêmico	36
4.1. O Alerta de Eisenhower	47
4.1.1 O <i>lobby</i> do CMIA	50
4.1.2. O custo econômico associado às consequências políticas	53
4.1.3 Militarização como pacto social	63
PARTE 2: A DYNALECTRON	70
5. O Acordo de Bretton Woods	73
5.1. Instabilidades no sistema comercial internacional	77
6. A Dynalectron e o arranjo da Era de Ouro	80
6.1. Petróleo	80
6.2. Internacionalização empresarial	83
6.3. A <i>Dynalectron</i> na Guerra do Vietnã e demais contratos com as Forças Armadas	86
7. O Regime Cibernético da Guerra	88
7.1. Nortes científicos sob demanda militar	89
7.2. A estratégia do regime cibernético empreendida no Vietnã	92
8. Esgotamento do padrão de acumulação, fim de Bretton Woods e Revolução Cultural – novos paradigmas de segurança	94
9. Do <i>just in case</i> ao <i>just in time</i> : as forças armadas <i>on demand</i>	108
PARTE 3: A DYNCORP	113
10. Principais aspectos da terceira fase da empresa	113
11. Globalização e tendências de segurança em linhas gerais	116
11.1. Um olhar mais atento para a periferia: o Plano Colômbia	123
12. Doutrina militar estratégica e as guerras em rede	131
CONCLUSÃO	139
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	146
ANEXO 1 – Linha do Tempo da Empresa	150

1. INTRODUÇÃO

Era início de abril de 2004 quando jornais mundo afora transmitiram as imagens de quatro corpos carbonizados de soldados norte-americanos, hasteados em uma ponte no Iraque, enquanto uma multidão de locais comemorava ao redor, após o comboio dos agentes ser alvo de uma emboscada em Fallujah, onde foram pegos e espancados. Essa é a principal memória que originou a proposta desta pesquisa. A chamada Guerra ao Terror já era parte dos noticiários, mas o fato em questão ganhou certo destaque, isso porque originou uma nova operação de retomada do controle da cidade, que foi palco de um intenso e violento conflito contra a denominada insurgência iraquiana. Mas algo mais chamava atenção: aqueles agentes não eram soldados oficiais das Forças Armadas dos Estados Unidos, eram contratados civis, suas mortes sequer entrariam na contagem de perdas de vidas do efetivo oficial. Eles foram recrutados e alocados no conflito armado por meio de uma empresa militar e de segurança privada (a então *Blackwater*), que chegou a ser acusada de negligência e processada pelas famílias das vítimas.

Os agentes eram exemplos do que é possível compreender agora como um mercenarismo em sua forma corporativa. Termos como *contractors* e *private military contractors* tornaram-se parte do glossário das guerras contemporâneas, ao passo em que os aparatos de defesa ocidentais têm notadamente integrado a iniciativa privada do ramo de serviços militares, associadamente com estratégias fundamentadas em tecnologias de ponta, como meio de operacionalizar determinados objetivos políticos, os que são solucionados pela via militar, de segurança e de defesa.

O objeto ao qual esta pesquisa se volta são as empresas militares e de segurança privada e compreende, como hipótese base, que existe um fenômeno de privatização da guerra em curso, cuja expressão máxima é a escala que estas empresas vêm ganhando nos cenários de segurança internacional. A proposta tem como objetivo responder quais foram os processos históricos que impulsionaram e consolidaram o ramo de serviços militares privados. Isto é, quais elementos foram os mais determinantes para que estas empresas surgissem em cena, a quais problemas elas foram convocadas como solução e quais transformações orientaram seu processo de ascensão.

Para responder estas perguntas, diversas abordagens foram consideradas. O que seria mais emblemático para realizar este mapeamento? Tratar de países e regiões pré-colonizadas que são alvo da atuação destas empresas? Demonstrar seu uso a partir de operações militares específicas em que essas empresas estiveram fortemente presentes? Poderia se falar deste fenômeno estudando as operações, ou então, a partir das próprias empresas?

A literatura que trata do tema, em geral, tem justamente como marco histórico o final da Guerra Fria para falar da proliferação do setor privado nas guerras.¹ Este é um fator, portanto, bem consolidado, em boa medida a explicação perpassa uma gama de elementos que são identificados como fundamentais para pensar como estas empresas se tornaram tão presentes no mundo contemporâneo, como redução orçamentária dos setores de defesa pós fim da Guerra Fria, colocando contingentes inteiros de agentes de segurança agora à disposição do setor privado, a emergência de focos de instabilidade locais pelo mundo gerando demandas de segurança e a manutenção das condições assimétricas do sistema internacional e, talvez principalmente, uso de efetivo militar extraoficial como alternativa política para encobrir práticas de guerra. Como veremos, estes aspectos integram, de fato, o conjunto de características que explicam a crescente presença de empresas militares e de segurança privada em cenários de conflito armado.

Entretanto, se podemos falar deste marco histórico como determinante para proliferação do ramo, isso significa que processos históricos anteriores, que podem elencar outros elementos, as colocaram em uma posição engatilhada para este salto. Por isso esta pesquisa busca identificar quais aspectos podem ser apontados como as bases que permitiram ou mesmo orientaram este processo de ascensão.

Na busca por um estudo de caso que pudesse oferecer tal mapeamento, sobressalta-se uma determinada empresa estadunidense, a *DynCorp*. Cujas presença no Oriente Médio a tornou uma *contractor* de destaque, uma das principais empresas contratadas para prestar serviços em meio à guerra contra Iraque e Afeganistão.² A empresa em questão, como foi possível apurar, prestou serviços de apoio militar ao governo dos EUA em diversos momentos desde sua fundação, em 1946. Em cerca de sete décadas de existência, ela respondeu a demandas que lhe eram colocadas, seus serviços foram se diversificando e a magnitude de seu apoio foi crescendo conforme outras transformações nas políticas de segurança foram ocorrendo.

Por prestar diferentes serviços ao longo de sua história, atuando em importantes contextos de conflito armado, sua história poderia indicar por quais vias a aderência da iniciativa privada se consolidou no ramo contemporâneo de empresas militares e de segurança privada. Considerando que suas movimentações ao longo do tempo são pistas deste processo é

¹ BRUYÈRE~OSTELLS, 2012; ESCUDÉ, 1999; UESSELER, 2008.

² AVANT e NEVERS, 2011; SCAHILL, 2008.

possível apresentar as dinâmicas que expliquem a maneira e os motivos que impulsionaram o setor, e como isso se modificou ao longo do tempo.

Isto é, ao apresentar as movimentações da *DynCorp* que mais se destacaram, apontar as razões pelas quais determinados aspectos são fundamentais e contextualizar as tendências características de diferentes períodos, podemos mapear as transformações mais determinantes para a ascensão e proliferação do ramo de serviços militares privados.

Criada por pilotos veteranos da Segunda Guerra, a *DynCorp* atuou nos principais conflitos e operações de paz desde o fim da guerra. Como Guerra da Coreia, Guerra do Vietnã, Guerra dos Balcãs, em missões humanitárias no Haiti e Libéria, Guerra do Golfo, na guerra contra Iraque e Afeganistão e Plano Colômbia, apenas para nomear alguns dos destaques em sua história. Iniciando seus serviços como uma empresa de frete aéreo e somando esforços ao setor de defesa dos EUA, a empresa diversificou-se ao longo do tempo, em alguma medida concatenada às demandas de segurança apresentada nos diferentes períodos, cravando seu espaço no complexo militar-industrial-acadêmico e especializando-se no setor de tecnologia voltada a aparatos bélicos, até chegar à prestação de serviços como recrutamento, treinamento e fornecimento de soldados mercenários no mercado da segurança privada.

Sua história remonta ao impacto das transformações capitalistas em políticas de segurança nacional e internacional e responde em boa medida à pergunta proposta por esta pesquisa. Ela conta muito sobre a aderência da iniciativa privada neste setor privado da guerra. A partir dela foi possível identificar – o que não significa estabelecer uma correlação direta e causal – elementos acerca da dinâmica entre empresas militares e de segurança privada confrontadas com demandas estabelecidas pelos governos para suas empreitadas bélicas. Sua história pode indicar, em alguma medida, quais os objetivos e justificativas da crescente presença da iniciativa privada nos aparatos de defesa nacional, a partir de quais serviços puderam prosperar e se há características comuns da atuação do setor.

Assim, a alegoria desta dissertação é a empresa *DynCorp* e seus movimentos ao longo do tempo, suas decisões, suas movimentações e o teor de seus contratos. Iniciando suas atividades como *California Eastern Airways*, a empresa eventualmente passou a se denominar como *Dynalectron* e, posteriormente, *DynCorp*. Cada denominação representa, ao que sugere este estudo, uma fase da empresa, e, curiosamente, seus direcionamentos perante transformações no desenvolvimento capitalista e seus respectivos impactos em demandas e políticas de segurança. A pesquisa se divide em três sessões principais (A *California Eastern Airways*, A *Dynalectron* e A *DynCorp*) cujos principais aspectos evidenciados pelas movimentações e contratos adquiridos pela empresa expressam diferentes processos acerca da

dinâmica da iniciativa privada com o setor de defesa e sua participação nos esforços de guerra e manutenção da ordem internacional, de forma associada, portanto, a um movimento mais amplo das transformações históricas em nível econômico, político e social. Sempre buscando evidenciar quais os elementos mais emblemáticos para compreender a evolução da presença da iniciativa privada nos aparatos de defesa contemporâneos, em especial no que se refere às políticas determinantes para o convite regalado ao setor privado de prosperar atuando diretamente em conflitos armados e regiões instáveis.

A primeira seção descreve a empresa em sua fase enquanto *California Eastern Airways*, abordando o início de suas atividades em 1946 até adentrar em um outro ciclo enquanto *Dynalectron*, em 1961. Se faz necessária uma breve explanação de como a empresa surgiu e seus primeiros passos na relação com o setor de defesa nacional (em especial na Guerra da Coreia, se tornando cliente *prime* do Departamento de Defesa). Assim, descreve-se o início de suas atividades como uma empresa *non-scheduled* de serviços de transporte aéreo e a importância do apoio da iniciativa privada nos esforços da Guerra Fria, que desdobrou-se rapidamente na estruturação de um complexo militar-industrial-acadêmico – algo indicado pela própria diversificação da empresa ainda na década de 1950 no ramo de tecnologias que aportavam a estratégia da superioridade bélica e de demandas da comunidade de inteligência do país.

No sentido de acompanhar o direcionamento da empresa apontado segundo suas decisões internas de diversificação e a relação destes feitos com as demandas de segurança no imediato pós-Segunda Guerra, a seção aborda o panorama internacional e a relação dos EUA enquanto posição hegemônica e a necessária articulação de recursos para atingir objetivos políticos nacionais. Este momento posterior a uma guerra em que o uso de inovações tecnológicas integradas em diferentes unidades militares mostrou-se um elemento significativo no conflito foi profundamente marcado por uma corrida armamentista intensiva em tecnologia, uma vez que o setor de defesa operava como principal força de demanda e financiamento de inovações tecnológicas e forçando a expansão das fronteiras tecnocientíficas (Capítulos 2 e 3).

A configuração de um sistema nacional de inovação baseado essencialmente nas demandas da Guerra Fria, emulada na figura do comumente chamado complexo militar-industrial é também objeto da primeira seção. E busca discorrer acerca das principais forças e atores que influenciaram os desfechos do contexto, trazendo ao centro do debate o funcionamento do processo inovativo e o papel desempenhado pelo setor de defesa, assim como as principais motivações que orientavam as demandas estabelecidas (entenda-se a doutrina estratégica militar empenhada segundo os lastros deixados pela Segunda Guerra) e a relativa

aderência da iniciativa privada no processo. Sem deixar de explicitar as principais problemáticas colocadas por determinada literatura acerca da relação entre a iniciativa privada, esforços de guerra e legitimação pública dos objetivos políticos e a mobilização de recursos necessários para se aportar o projeto de forma geral - estruturais, financeiros e mesmo sociais (Capítulo 4).

A segunda seção principal da dissertação trata do período de 1961 a 1989, na fase da empresa enquanto *Dynalectron*. Como sugerem os contratos adquiridos pela empresa e mesmo suas orientações internas se aprofundando no ramo da tecnologia, evidenciam-se elementos preponderantes não tratados na primeira parte, sua busca constante pela compra de empresas no ramo de energia e tecnologia e seu movimento de transnacionalização e o aprofundamento de sua relação com o setor de defesa prestando serviços em esforços de guerra de forma cada vez mais direta – evidenciado principalmente por sua atuação na Guerra do Vietnã.

O período foi marcado por transformações disruptivas, em especial a partir da década de 1970. De forma a apontar qual a relação dos movimentos tomados pela empresa com o contexto e seus referentes processos históricos, se faz necessário indicar a importância da expansão do padrão de acumulação de capital estadunidense e o que significava a manutenção de uma comunidade internacional “saudável” após passar por duas guerras mundiais e um *crash* internacional. O debate se coloca necessário uma vez que o setor da indústria de Defesa é posicionado de forma correspondente às demandas estabelecidas segundo à concepção estratégica-militar e objetivos políticos nacionais, ambos elementos sofreram profundas transformações no período abordado.

A seção é apresentada partindo do fenômeno de transnacionalização de capitais e a importância conferida ao desenvolvimento energético, abarcados no arranjo político econômico internacional de Bretton Woods, buscando apontar os elementos que se sobressaem ao pensar a crise da referida ordem (Capítulo 5) e em quais tendências a empresa buscou se aderir (Capítulo 6), para que então, possa se discorrer o debate da relação das transformações na ordem da Guerra Fria com os novos paradigmas de segurança, resultantes de elementos externos, mas também domésticos (Capítulos 7 a 9).

O envolvimento dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã e sua subsequente derrota são um fator comum da compreensão das transformações no teatro de guerra (em especial no que se convém a chamar por guerra assimétrica). A iniciativa privada, como será demonstrado, foi somada aos esforços durante o conflito em si necessárias para a estratégia desempenhada pelos EUA, cujo aparato altamente tecnológico e integrado a partir dos avanços e novidades

em eletrocomunicação exigiam uma determinada qualificação para sua operação eficiente – este foi um importante aporte fornecido por empresas especializadas, como a aqui tratada, algo visto com mais intensidade em sua fase enquanto *Dynalectron*.

A empresa foi uma das primeiras a ser contratada para serviços de manutenção, reparos e modificação de componentes militares, em especial de aviação. A busca por empresas especializadas em tecnologias passou a ser uma demanda concreta do setor de Defesa, uma vez que exigia qualificações específicas a qual o Exército não necessariamente dispunha de antemão. Além disso, graças a concepção estratégica militar que considerava um formato organizacional subdividido entre atividades centrais e periféricas, a compreensão de que empresas privadas poderiam cada vez mais auxiliar em atividades menos essenciais às operações militares foi ganhando espaço. O envolvimento dos EUA na Guerra do Vietnã, o papel desempenhado pela *Dynalectron* e outras empresas do setor são elementos apresentados na segunda seção da dissertação.

A terceira e última seção trata da empresa em sua fase enquanto *DynCorp*, a partir de 1989. Apesar de ser uma das principais contratadas para atuar na guerra empenhada contra Iraque e Afeganistão, há já disponível uma extensa literatura que pensa a questão das empresas militares privadas a partir deste contexto,³ e não se pretende abordar com detalhamento o adentrar do novo milênio. Para os propósitos desta pesquisa, a atuação da empresa em operações de paz e em acordos bilaterais de combate ao narcotráfico – em especial o Plano Colômbia, respondem satisfatoriamente qual o atual status de empresas militares e de segurança privada nos cenários de segurança contemporâneo, como e mais importante: porque operam (Capítulos 10 a 12).

Partindo do período de fim da Guerra Fria, em 1989, a seção apresenta um novo elemento que pôde ser identificado a partir dos contratos firmados pela empresa e para quais serviços passara a se direcionar: as relações entre novos paradigmas organizacionais na economia e a estruturação dos aparatos de defesa. Tal paralelo não é um acaso, como se pretende discutir, e exerceu uma significativa influência determinada segundo o *ethos* neoliberal e o fenômeno de globalização. Sem deixar de considerar outros aspectos políticos e fatores históricos determinantes para a reestruturação dos aparatos de defesa crescentemente apoiados na iniciativa privada.

Para a construção da história da empresa, foi possível dispor de dezenas de artigos de jornal do *The New York Times*, que permite a realização de pesquisas por palavras-chave em

³ SCAHILL, 2008; SINGER, 2008; PELTON, 2007.

um sistema de busca que congrega todas as edições impressas do jornal desde sua criação. Este aporte não se pretende integralmente satisfatório, ainda que tenha possibilitado descrever as movimentações da empresa mediante o que fora noticiado no referido jornal.

PARTE 1: A CALIFORNIA EASTERN AIRWAYS

Esta seção se dedica a apresentar a história da empresa em sua primeira fase, quando se denominava por *California Eastern Airways* (1946-1961), trazendo os elementos aqui compreendidos como os mais determinantes para pensar o processo de aderência da iniciativa privada ao setor de defesa e o respectivo desdobramento para o ramo de serviços. Seu surgimento e seus primeiros passos fornecem um retrato do contexto em que nossa história se inicia. O imediato pós-Segunda Guerra inicia o ciclo de Guerra Fria, com a economia de defesa dos EUA reorganizando-se em um mundo que acabara de passar pelos dois grandes conflitos mundiais e um *crash* internacional, ao mesmo tempo em que preparava-se para enfrentar em uma corrida armamentista a proclamada ameaça soviética, enquanto o país buscava manter sua recém-consolidada posição hegemônica no sistema internacional.⁴

A empresa surge em 1946, criada por pilotos veteranos da Segunda Guerra, como uma empresa de transporte aéreo de cargas e passageiros, em um contexto de aumento da demanda por serviços de transporte aéreo no período, em que novas companhias aéreas puderam aproveitar desta mão de obra veterana, bem como do mercado de aeronaves e componentes colocados para compra e aluguel, a preços atraentes, pois o setor que fora mobilizado para a guerra encontrava-se ocioso e custoso para o setor público. Assim, o comércio do arsenal para a iniciativa privada foi visto como uma alternativa mais rentável.⁵

Até 1961, ano em que a empresa muda de nome e transforma-se em *Dynalectron*, emergem como fatos importantes de sua história: seu envolvimento nos esforços para cumprir objetivos políticos do país, como *tomar parte em uma iniciativa civil de apoio a nações europeias* impactadas pela guerra antes que os soviéticos o fizessem e ampliassem sua esfera de influência; logo adquirir *contratos com as Forças Armadas dos EUA*, a exemplo do firmado com a Força Aérea para serviços na Guerra da Coreia (especificamente contratos de transporte aéreo e fornecimento de equipes de manutenção) e outros com a Marinha; não só, a empresa também parece ter identificado como um nicho lucrativo uma *posição entre a indústria de defesa e indústria de tecnologia*, como sugerem as diversas aquisições de outras empresas, em um processo de expansão e diversificação.

⁴ MAZZUCHELLI, F. *Os Dias de Sol: A Trajetória do Capitalismo no Pós-Guerra*. Campinas: Facamp Editora, 2013.

⁵ STRINGER, D. Non-Skeds: the story of America's Supplemental Airlines Part I. *Airways Magazine*, 2015. Disponível em: <<https://airwaysmag.com/best-of-airways/later-bro/>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2020.

No período a veremos não só expandir sua área da aviação, bem como incorporar empresas desenvolvendo pesquisas de aplicação industrial, no ramo de energia e principalmente do ramo de tecnologia.

Em seu período como *California Eastern*, a empresa também passou a buscar sua transnacionalização, como demonstra sua parceria com companhias japonesas no início da década de 1950 para criação de linhas aéreas de costa a costa e interligando Estados Unidos, Japão e América Latina. Em 1952 a empresa anunciou uma parceria para criação da companhia de transporte aéreo *Japanese International World Airlines*⁶ e de novas rotas aéreas também em parceria com empresas japonesas.⁷ Em 1956 a empresa também via oportunidades no setor de aviação comercial da Argentina, fornecendo serviços e alugando aeronaves para novas rotas entre as principais cidades argentinas.⁸

Considerando as movimentações da empresa objeto desta pesquisa como pistas que podem nos ajudar a compreender o processo de aderência da iniciativa privada ao setor de defesa de forma a desdobrarem-se no ramo de serviços militares, temos aqui, portanto, os principais aspectos considerados chave para compreender a ascensão de empresas militares e de segurança privada no que tange ao período compreendido entre 1949 e 1961. São eles:

- a) Apoio da iniciativa privada em esforços de guerra para além da indústria de defesa, ou seja, por meio de serviços logísticos, manutenção, transporte, etc;
- b) O contexto a partir do início da Guerra Fria e a transformação das relações geopolíticas dos EUA; e
- c) A formação e o fortalecimento de um complexo militar-industrial-acadêmico em que a iniciativa privada encontrava lucrativos contratos, onde a *California Eastern* pôde posicionar-se em um nicho entre indústria de defesa e indústria de tecnologia como sugerem suas investidas de diversificação e expansão.

Cada um destes aspectos será analisado com maior profundidade nesta seção. Buscando sempre apontar a importância destes elementos para pensar o corrente fenômeno de privatização da guerra e as bases em que se sustenta. Os tópicos a seguir contemplam discussões

⁶ NEW Tokyo Airline is Formed on Coast. *The New York Times*, Nova York, p.71, 3 abr. 1952.

⁷ JAPANESE Vessel Welcomed Here: New Panamá Maru completes maiden trip in 24 days and 2 hours. *The New York Times*, Nova York, p.63, 15 mai. 1952.

⁸ ARGENTINA Plans Aviation Growth: New government relaxing curbs imposed by Peron on private flying. *The New York Times*, Nova York, p. 267, 11 nov. 1956.

mais ampliadas acerca das pistas que emergem e permitem trazer discussões mais aprofundadas de cada aspecto.

2. Surge a *California Eastern Airways*

Para contar a história da *California Eastern Airways*, que viria a se tornar a atual *DynCorp*, é necessário começar pelo setor de aviação civil e comercial nos EUA logo ao final da Segunda Guerra Mundial. A empresa, criada em 1946 por pilotos veteranos, começou seus trabalhos como uma empresa de serviços de frete aéreo e passou anos operando como “*non-scheduled*” (algo como “não regular”) – isso por conta da restrição de não poderem operar como linhas aéreas comerciais com serviços regulares que possuem a devida certificação junto ao órgão responsável pela regulação do setor, a *Civil Aeronautics Board* (CAB).

As companhias *non-scheduled*, que não possuíam as certificações necessárias junto à CAB, enfrentavam algumas restrições, como impossibilidade de inaugurar novas rotas ou cobrar preços menores que as companhias certificadas. O órgão governamental em questão, a CAB, tinha como função, entre outras, a supervisão das condições de competitividade entre as companhias aéreas e somente as que eram por ela licenciadas poderiam prover serviços de correio, além de receber subsídios para operar em áreas menores cujo tráfego aéreo não era suficiente para garantir rendimentos que cobrissem os serviços. A CAB era também responsável por outorgar certificados para companhias aéreas poderem operar serviços suplementares, passou a conceder, para aquelas que não conseguiam preencher os critérios para o licenciamento – as *non-scheduled* – formas de operar os ocasionais serviços que as linhas certificadas não cumpriam, ou seja, exceções para que as companhias não-certificadas pudessem operar serviços não-frequentes e não-regulares.⁹

Esta lacuna criou uma frente de oportunidades para linhas aéreas menores que ainda não haviam conquistado o licenciamento regular, ela também serviu como um meio para garantir o desenvolvimento do setor e o atendimento satisfatório da demanda. O critério fundamental para que as companhias aéreas pudessem operar desta forma, é que seus serviços não poderiam ser agendados, ou seja, não poderiam ser frequentes e regulares.¹⁰ A então *California Eastern Airways* parece ser uma das principais a operar a partir desta concessão.

⁹ STRINGER, David. Non-Skeds: the story of America’s Supplemental Airlines Part I. *Airways Magazine*, 2015. Disponível em: <<https://airwaysmag.com/best-of-airways/late-bro/>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2020.

¹⁰ Ibid.

Aeronaves utilizadas na guerra, excedentes, passaram a ser vendidas no mercado comercial e houve uma tendência de pilotos veteranos passarem a empreender no setor, fornecendo serviços de transporte aéreo de cargas e mesmo passageiros. Apesar do aparente empenho da CAB em manejar o setor de forma que ele pudesse se desenvolver e operar suficientemente para atender a demanda, as empresas regulamentadas acabavam tendo que competir com estas empresas menores que não possuíam a certificação para operar de forma regular. As companhias não agendadas acabaram atraindo uma nova camada demográfica com passagens mais acessíveis.¹¹

Na década de 1940, as companhias agendadas e certificadas pela CAB forneciam serviços de primeira classe, com altas tarifas. Mas, as companhias *non-scheduled* ofereciam um transporte mais barato, inclusive, muitas delas se uniam em espécies de “agências” de transporte aéreo, devido às limitações de voos que eram permitidas realizarem individualmente. Se cada companhia poderia realizar somente oito voos por mês, quando combinadas, teriam permissão para mais. Os clientes compravam de uma agência, mas seus voos poderiam ser de quaisquer das companhias que a compunham. Uma alternativa mais barata para todo um contingente da população e inaugurando uma nova fase para as companhias aéreas.¹²

Além do transporte de passageiros, as companhias irregulares também forneciam serviços de transporte de carga, ou ainda sendo exclusivamente transportadoras de carga, não só de passageiros. De toda forma, a demanda civil se combinava aos equipamentos aéreos utilizados na guerra que eram colocados no mercado de aeronaves militares usadas, pelo próprio governo. Disponíveis e relativamente baratos, inclusive para aluguel, as companhias não regulamentadas aproveitaram essa chance.¹³

Já em 1946, no ano de sua criação, a *California Eastern* buscava a certificação junto à CAB,¹⁴ o que aconteceu em pouco tempo, em 1948, com outras cinco companhias, sendo o grupo as principais entre as *non-scheduled* em operação. O artigo do *The New York Times* que noticiou o fato descreveu como o setor prestava “um tipo de serviço que começou desde a guerra, principalmente executado por pilotos que ganharam sua experiência ao prestar serviços de transporte aéreo na guerra”. Ao defender sua regularização, o porta-voz de uma das companhias recém-aprovadas afirmou que o congelamento do setor sob as regras criadas no

¹¹ Ibid.

¹² Ibid.

¹³ Ibid.

¹⁴ AIR Concerns Act to Retain Rights: Non-scheduled operators send letters to CAB. *The New York Times*, Nova York, p. 14, 30 jul. 1946.

período pré-guerra contribuiria para a conformação de um monopólio e impediria que novas operadoras pudessem competir.¹⁵

Havia um certo tensionamento entre as operadoras regulares e as *non-scheduled*, administrado pela CAB, a desobrigação de determinados procedimentos pelos quais passaram as certificadas e a lacuna normativa sob a qual operavam as companhias menores, criaria condições desiguais de competição. Na segunda metade da década de 1940, a CAB chegou a iniciar um processo para abolir os direitos de operação das *non-scheduled*, ainda que tenha iniciado um novo processo de autorização e certificação para o qual elas poderiam se inscrever. Entre 1949 e 1950, o Congresso dos EUA foi pressionado a intervir na tentativa de encerramento das operações destas companhias não-regulamentadas, que respondeu convocando a CAB e as operadoras não-certificadas para uma audiência parlamentar. Como resultado, o legislativo apurou a importância destas companhias “irregulares” para o setor, com especial atenção ao seu desempenho como suporte logístico aos militares durante a Segunda Guerra Mundial.¹⁶

No período, uma demanda por frete de cargas com avisos de pouca antecedência deveria ser suprida sem que afetasse o atendimento da demanda civil interna dos EUA. Isso fez com que os militares prestassem um pouco mais de atenção ao potencial das companhias de aviação comercial. Um exemplo foi a contratação destas companhias para operarem a *Berlin Pacific Airlift*, quando Stalin impôs um bloqueio em Berlim Ocidental, forças estadunidenses e britânicas buscaram enviar suprimentos por via aérea. Para tal, a Força Aérea e a Marinha dos EUA utilizaram de seu próprio aparato, o *Military Air Transport Service* (MATS) e companhias aéreas comerciais *non-scheduled*. Para garantir a chegada dos suprimentos em suas bases na Europa. Boa parte do potencial de transporte, de equipes e aeronaves dessa operação adveio do apoio destas companhias.¹⁷

A própria *California Eastern* posteriormente foi contratada para o transporte aéreo na Guerra da Coreia, via contrato para a *Pacific Airlift*. Como as companhias aéreas comerciais não estavam autorizadas a operar em zonas de guerra, elas operavam o transporte dos EUA até

¹⁵ 'IRREGULARS' Win Air Board Support: Examiners urge full approval of plea of six freight lines for certification. *The New York Times*, Nova York, p.29, 13 mar. 1948. Tradução livre.

¹⁶ STRINGER, David. Non-Skeds: the story of America's Supplemental Airlines Part II. *Airways Magazine*, 2016. Disponível em: <<https://airwaysmag.com/best-of-airways/non-skeds-story-americas-supplemental-airlines/>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2020.

¹⁷ *Ibid.*

o Japão, de onde o MATS aparecia em cena para o transporte até a Coreia, no curso de toda guerra as empresas *non-scheduled* foram utilizadas.¹⁸

É possível também apontar o fato de que a Guerra da Coreia exigiu uma mobilização de tropas muito menor do que o visto na Segunda Guerra, o que produziu um efeito de maior apoio de companhias privadas para fornecerem o suporte necessário, permitindo que as forças oficiais mobilizadas pudessem resguardar-se da carga extra de serviços.¹⁹

Além do contrato via *Pacific Airlift*, a *California Eastern* conquistou contrato para serviços de manutenção em uma inovação logística das Forças Armadas, o *Contract Field Teams*, que consistia no transporte das equipes de manutenção e equipamentos para conserto das aeronaves, anteriormente, o processo se dava de forma contrária, as aeronaves deveriam ser transportadas até as bases com oficinas de manutenção. A *California Eastern* foi a primeira a conquistar o contrato e seguiu como a principal operadora até pelo menos 2019.²⁰

Para além da participação nos esforços voltados à Guerra da Coreia, a empresa prestou serviços de transporte e manutenção de aeronaves em uma base militar na Califórnia,²¹ e conquistou um contrato *prime* com a Marinha para transporte de carga prioritária de costa a costa regularmente.²²

Assim, podemos identificar como já era recorrente o apoio operacional de serviços militares privados, as empresas tinham condições de atender às demandas quando lhe eram colocadas via contratos apontando por novidades incrementais e suporte. Como trataremos mais adiante, as demandas colocadas via setor de defesa foram um fator decisivo na formação do sistema nacional de inovação dos EUA pós-Segunda Guerra, em uma arquitetura que envolveu a mobilização de departamentos de ciência universitários na missão de expansão das fronteiras do conhecimento científico, em que os investimentos em pesquisa e desenvolvimento agiam no *cutting edge* de paradigmas tecnológicos, no âmbito de consórcios organizados pelo Estado e com a participação da indústria de defesa. A herança do sucesso de programas de desenvolvimento tecnológico de aplicabilidade militar, como o que desenvolveu a bomba atômica (o Projeto Manhattan) foi a base-modelo do que se convencionou chamar de complexo militar-industrial, a força motriz deste arranjo moldou o espaço institucional e até mesmo as

¹⁸ SHRADER, C. Contractors on the Battlefield. *AUSA Institute of Land Warfare ATTN: Landpower Essay Series*, v. 99, n.6, pp. 1-15, mai/1999, p. 7-8.

¹⁹ SHRADER, C. Contractors on the Battlefield. *AUSA Institute of Land Warfare ATTN: Landpower Essay Series*, v. 99, n.6, pp. 1-15, mai/1999, p. 7-8.

²⁰ Informação obtida no portal online da empresa. Disponível em: <<https://www.dyn-intl.com/about-di/history/>>. Acesso em 12 de set. 2019.

²¹ COAST Line Joins Pacific Airlift. *The New York Times*, Nova York, p. 22, 14 ago. 1950.

²² CALIFORNIA Eastern Aviation. *The New York Times*, Nova York, p.48, 24 mai. 1956.

agendas de pesquisa pelo país. Antes de adentrarmos nesta questão, se faz pertinente delinear algumas das características do contexto no imediato pós-Segunda Guerra, já que demarcações da Guerra Fria serão importantes para compreender as transformações da empresa e por quais vias prosperou como *defense contractor*.

2.1. Os primeiros passos da empresa no contexto pós-Segunda Guerra

A *California Eastern* não tardou engajar-se aos esforços de política externa. Em 1947, menos de um ano após ser criada, a empresa se candidatou para auxiliar o chamado Movimento Trem da Amizade, cuja prerrogativa era ajudar as populações na Europa devastada pela guerra poucos anos antes. A ideia do projeto foi elaborada pelo famoso jornalista Drew Pearson, em sua coluna diária *Washington Merry-Go-Round*, ele conclamou o *Citizens Food Committee* a se empenhar em uma coleta de alimentos pelos EUA, doados pela população, direcionados a países como França e Itália.

Segundo ele, países comunistas que enviavam suprimentos (em especial a União Soviética) eram celebrados e os EUA não poderiam permitir que seu empenho passasse despercebido, escreveu o jornalista Drew Pearson: “ours was a genuine gesture of friendship to the people of France and Europe from the people of America, but the people of Europe never fully realized that this was the case. This time, Communist leaders (...) already are preparing to unload a few cargoes of Russian wheat with great fanfare in order to repeat their successful propaganda (...) They want history to repeat. And if we are not careful it will.”²³ Sua ideia era que o gesto fosse da população estadunidense para com a população europeia, desamarrada de interesses governamentais que diferenciasse a gentileza da atitude entre povos, no lugar da frieza de uma agenda de política externa. Embora também citasse a certeza de que governadores locais apoiassem a iniciativa, assim como os jornais e sem deixar de lado “the patriotic actors of Hollywood” como apoiadores da construção das “novas democracias”, em seu artigo endereçado também à Casa Branca, com um apelo para que não deixassem os comunistas conquistarem os corações da população europeia com suprimentos alimentícios em pleno inverno.²⁴

²³ FRIENDSHIP train aided by airline: 6.000 pounds of Food Flown to Newark Daily to Await Coming of Rail Carrier. *The New York Times*, Nova York, p. 7, 14 nov. 1947.

²⁴ PEARSON, Drew. Washington Merry-Go-Round. *The Bell Syndicate*. Nova York, 11 out. 1947. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1961/2041-21899>. Acesso em: 7 mar. 2020.

O jornalista não estava sozinho em suas preocupações. Os países europeus que foram duramente atingidos pela Segunda Guerra ainda buscavam recuperar suas economias e suas cidades. Para os EUA, isso poderia significar que estas nações estavam vulneráveis ao discurso comunista devido sua situação aterradora de fome e ruína, cujos povos estariam “mais do que dispostos a ouvir o apelo da revolução social e de políticas econômicas incompatíveis com o sistema internacional de livre empresa, livre comércio e investimento pelo qual os EUA e o mundo iriam ser salvos.”²⁵ Assim, a escolha da França também não parecia ser em vão, visto que no ano anterior o próprio primeiro-ministro francês, em visita aos EUA, indicara sua propensão ao lado que lhe fornecesse apoio econômico, adicionava-se ainda à situação uma má safra e um inverno rigoroso naquele ano, o que acionou ainda mais as preocupações dos estadistas estadunidenses.²⁶

A empresa auxiliou com o transporte dos alimentos pelos EUA, um fato elogiado pelo presidente do comitê nacional do Trem da Amizade, Harry M. Warner, o então presidente da produtora *Warner Bros*, além de transportar milhares de panfletos redigidos em francês para serem enviados à França e Bélgica, cuja distribuição ficaria a cargo do exército dos EUA e companhias aéreas comerciais.²⁷

A posição dos EUA no mundo pós-Segunda Guerra havia se transformado. Na verdade, os impactos do conflito na Europa e o desenvolvimento econômico interno dos EUA mediante a mobilização da economia para a guerra foram fundamentais para esta transformação. De forma que os próprios resultados da Primeira e da Segunda Guerra para os EUA tiveram um papel significativo para consolidá-lo como a nova potência hegemônica. A própria constituição da hegemonia americana “tem a ver diretamente com as condições criadas pela guerra”. Pois o esforço na economia orientada para suprir este período bélico “permitiu, no interior da economia norte-americana, a coesão ente blocos econômicos, financeiros e regionais” sendo que “o próprio planejamento exigido pela necessidade de atender as demandas de guerra colaborou nesse sentido.” E no âmbito internacional, a situação dos países concorrentes devastados pela guerra permitiu aos EUA garantir a supremacia nos fluxos comerciais e na expansão de seu padrão de acumulação. Se a definição de poder incorre no

²⁵ HOBBSAWM, E. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*; tradução Marcos Santarrita - São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.228.

²⁶ *Ibid.* p, 228-229.

²⁷ FOOD Train Pamphlets on Way. *The New York Times*, Nova York, p. 52, 19 dez. 1947.

“poder de matar e poder de pagar”, os EUA emergiram em condições superiores para atender ambos critérios no imediato pós-guerra.²⁸

Um processo de transnacionalização identificado no período é assim originado no movimento de exportação do padrão industrial ao modelo dos EUA. Isso também significou financiar e permitir a reconstituição do poder produtivo de nações concorrentes, em especial Alemanha e Japão, não só para garantir privilégio aos seus próprios fluxos comerciais no mundo, bem como devido à percepção de que a situação em que aqueles países se encontravam os deixavam vulneráveis ao apoio soviético, que poderia aumentar sua esfera de influência na Europa.²⁹

Em 1952, o Japão demonstrava sua volta às rotas comerciais internacionais e a *California Eastern* se envolveu em uma iniciativa para criar uma rota internacional entre EUA, Caribe, Brasil e Japão. A *California Eastern Airways* e a *Osaka Shosen Kaisha*, uma companhia de navios a vapor, formaram uma parceria para criar a *Japanese International World Airlines*. A *California Eastern* seria a responsável por fornecer as aeronaves, pela instalação de equipamentos de comunicação, serviços técnicos e de manutenção, além de prover funcionários de aeroportos.³⁰ No mesmo ano, um navio da marinha mercante japonesa inaugurou sua primeira viagem chegando ao porto de Nova York e foi recebido com uma cerimônia. Autoridades classificaram o evento como um reconhecimento do esforço japonês de retomar suas relações comerciais com o mundo. A companhia japonesa aproveitou o evento para anunciar uma linha aérea ligando o Japão à América Latina, com a *California Eastern*.³¹ No ano seguinte, a linha internacional já anunciava uma rota entre Tóquio e São Paulo.³²

Em 1956, ela prosseguiu nas investidas de transnacionalização, desta vez na Argentina. A queda do governo peronista significava para o setor da aviação comercial uma oportunidade de adentrar em seu mercado, uma vez que o governo recusava concessões de operação para empresas privadas e não permitia o licenciamento para importação de aeronaves para uso privado. A *California Eastern* aproveitou esta chance para expandir seus serviços de aviação comercial civil, com a formação de uma linha aérea que conectasse as principais cidades do país argentino, junto a empresários locais, fornecendo mediante aluguel algumas de

²⁸ TEIXEIRA, A. *O Movimento da Industrialização nas Economias Capitalistas Centrais no Pós-Guerra*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1983.

²⁹ *Ibid.*

³⁰ NEW Tokyo Airline is Formed on Coast. *The New York Times*, Nova York, p.71, 3 abr. 1952.

³¹ JAPANESE Vessel Welcomed Here: New Panama Maru completes maiden trip in 24 days and 2 hours. *The New York Times*, Nova York, p.63, 15 mai. 1952.

³² NEW Air Route Planned: Japan-to-Brazil flights are slated to start in spring. *The New York Times*, Nova York, p.55, 8 jan. 1953.

suas aeronaves, especificamente, cinco aviões *Lockheed Super Constellation*, além de serviços de instalação e compras de equipamentos e demais suprimentos necessários.³³

2.2. Rumo à indústria de tecnologia

A diversificação da empresa, que havia iniciado operando serviços de frete aéreo, se deu a partir de serviços de manufatura de componentes eletrônicos, pesquisas de desenvolvimento tecnológico e serviços em tecnologia para as Forças Armadas, relativos à manutenção e modificação de aeronaves. Isso sugere tentativas de responder demandas observadas no setor de defesa, passando a captar contratos também para serviços em bases militares e programas de treinamento da Força Aérea.

Além do contrato com a Força Aérea (*Pacific Airlift*), a empresa também estava engajada em um programa de treinamento para pilotos e um contrato para implementação de dispositivos em aeronaves militares. Neste campo, a empresa parece ter identificado um ramo interessante em que poderia se diversificar, o que foi um passo importante rumo ao seu engajamento no desenvolvimento de tecnologias de dupla aplicabilidade, civil e militar.

Na década de 1950, a empresa adquiriu outras três, todas do setor de fabricação de componentes eletrônicos, a *Loudon Instrument Company*, envolvida com desenvolvimento de inovações tecnológicas e que produzia um medidor próprio de radiação nuclear e de energia elétrica (*Electrometer*), com aplicação particular ao setor de energia atômica e para pesquisas industriais; a *Oakland Aircraft Instrument Service*, de serviços de reparo para dispositivos de aeronaves – que provia serviços inclusive para a *California Eastern*; e a *Land-Air Inc*, que operava com sistemas de rastreamento de mísseis guiados, além de produzir dispositivos eletrônicos com este propósito.³⁴ Além destas, a *California Eastern* adquiriu em 1956 a *F.A. Mattern Manufacturing Company*, uma fabricante de equipamentos de raios x.³⁵ E ao final da década, em 1959, outra companhia de fornecimento de equipamentos de aeronaves foi adquirida pela *California Eastern*, a *Lund Aviation Inc*, que produzia componentes diversos para aeronaves, como motores, hélices, rádios e outros.³⁶

³³ ARGENTINA Plans Aviation Growth: New government relaxing curbs imposed by Peron on private flying. *The New York Times*, Nova York, 11 nov. 1956.

³⁴ CALIFORNIA Eastern Buying 3 Companies. *The New York Times*, Nova York, 21 dez. 1951.

³⁵ CALIFORNIA Eastern Airways. *The New York Times*, 24 de mai. 1956.

³⁶ BOSCH Acquires Ensign Company: Carburetor Maker's Output to Tie in With Products of Parent Concern. *The New York Times*, Nova York, p. 33, 10 jul. 1959.

Neste período, a *California Eastern* também adquiriu a empresa *Air Carrier Service Corporation*, de forma que ela se tornaria uma das principais do setor de serviços de aviação comercial em todo o mundo. A *Air Carrier* já trabalhava com companhias aéreas estrangeiras, fabricantes e bases de manutenção, bem como provia serviços ao governo dos EUA no ramo de comércio de componentes.³⁷

No mesmo ano, a *California Eastern* tinha contrato para operar em pelo menos duas bases militares importantes, na base de Columbus, onde fornecia serviços no principal programa de treinamento da Força Aérea,³⁸ e na base *White Sands Missile Range*,³⁹ a maior instalação militar de todo os EUA. A Columbus é situada na região de Mississipi, onde a empresa, no ano seguinte, em 1954, adquiriu uma outra de frete aéreo de cargas, a *US Airlines*.⁴⁰ Indicando sua trajetória de diversificação sem perder de vista o setor onde começara a atuar, na aviação.

A empresa, portanto, desde o início de suas atividades, conseguiu manter contratos com o setor militar, expandindo seu setor de transporte aéreo de cargas, diversificando suas atividades rumo ao setor de tecnologia e fornecendo serviços de apoio em bases militares nacionais. Este envolvimento da iniciativa privada com o setor militar é melhor conhecido em termos do fenômeno do complexo industrial-militar.

Durante seus tempos de *California Eastern*, este complexo tomou forma, com uma agenda de pesquisa demandada pelo setor militar, institucionalizado pelo governo e com apoio da indústria de armamentos. Eventos externos como a Guerra da Coreia (1950-1953) e o lançamento do primeiro satélite artificial da Terra pela União Soviética (1957), agiram como incentivos às mudanças institucionais que pudessem responder às demandas de segurança e de programas para o desenvolvimento de tecnologias de ponta.⁴¹ Neste período foi criada, em 1952, a *National Security Agency* (NSA), em 1958 a *Defense Advanced Research Projects Agency* (DARPA) e a *National Aeronautics and Space Administration* (NASA) e em 1960 a *National Reconnaissance Office* (NRO); no período também foram iniciados programas que marcaram o setor de tecnologia e as estratégias militares, como o Projeto *Semi-Automatic Ground Environment* (SAGE) de engenharia de sistemas computacionais ligados em rede, o

³⁷ AIRLINE Gets Control of Service Concern. *The New York Times*, Nova York, p.46, 8 jan. 1953.

³⁸ AIRLINE Gets Control of Service Concern. *The New York Times*, Nova York, p.46, 8 jan. 1953.

³⁹ BAUM, Dan. This Gun for Hire. *Wired*, 2003. Disponível em: <<https://www.wired.com/2003/02/gunhire/>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

⁴⁰ AIRLINE Merger Planned: Cargo Carriers Reach Accord on Terms for Uniting. *The New York Times*, Nova York, p.27, 27 jul. 1954.

⁴¹ PRADOS, J. Intelligence for Empire. In: BACEVICH, Andrew J. (org.). *American Empire: The Realities and Consequences of U.S. Diplomacy*. Nova York: Columbia University Press, 2007. p. 302-334.

Projeto ATLAS, onde se desenvolveu o primeiro míssil balístico intercontinental dos EUA e o Projeto APOLLO, associado à corrida espacial e cujo sucesso levou o Homem à Lua, uma década depois.

O reconhecimento da importância deste complexo na condução de políticas nacionais, as disputas de orçamento público e questionamentos acerca de operações e conflitos militares, pautaram debates teóricos acerca da compreensão do termo. Iremos adentrar no que este conceito significa enquanto arranjo institucional, fenômeno histórico e sua concepção política, em que se faz necessário delinear como foi arquitetado o complexo militar e qual o papel que as demandas do setor de Defesa exerciam sobre a agenda de pesquisa e desenvolvimento tecnocientífico nos EUA em especial a partir Segunda Guerra Mundial.

2.3. Industrialização, desenvolvimento tecnológico e estratégia militar

Antes de prosseguirmos se faz necessário elencar um dos debates que percorrerá esta pesquisa, trata-se das transformações nas estratégias de guerra decorrentes do impacto de novas tecnologias e descobertas no campo científico, bem como de mutações na ordem político social ao longo do período aqui tratado.

Utiliza-se aqui, em especial, as ideias de Bousquet (2009), que definiu categorias gerais de guerra moderna a partir de determinados paradigmas tecnocientíficos, em uma ordem por ele definida como “the scientific way of warfare” que se trata, precisamente, de “an array of scientific rationalities, techniques, frameworks of interpretation, and intellectual dispositions which have characterised the approach of socially organised violence in the modern era”,⁴² de forma que cada tipo geral (regime de guerra) associa-se ao paradigma tecnológico dos diferentes períodos, caracterizados por meio de metáforas, associadas aos dispositivos tecnológicos centrais, materializados a partir das concepções científicas que embasam as referentes lógicas de funcionamento destas tecnologias, a saber: o relógio, o motor, o computador e a rede. Isto porque as doutrinas estratégicas do pensamento militar estão em interação com transformações no campo científico, novas descobertas e novas possibilidades abertas pelo próprio desenvolvimento tecnológico tiveram um sério impacto no pensamento militar, em especial no que se refere ao potencial de previsibilidade e controle que estas novas ideias podem suscitar, dois aspectos-chave para uma ação militar vitoriosa:

⁴² BOUSQUET, A. *The Scientific Way of Warfare: Order and chaos on the battlefields of modernity*. Columbia University Press, NY. 2009, p. 4.

Strategic thought and behavior are thus necessarily accompanied by a rationalization of military force as an instrument of broader political objectives and a theorization of the potential and limits of organized violence, all in an effort to bring order and predictability to activities which would otherwise be left entirely to chance and contingency. A clear parallel can be drawn between the ordering of military organization and instrumental application of armed force on one hand and scientific endeavor on the other.⁴³

A partir desta premissa, o autor extrai quatro regimes de guerra moderna associados a diferentes paradigmas tecnocientíficos, com determinadas tecnologias utilizadas como metáforas, cada qual referente a cada conjunto de princípios científicos que embasam seu funcionamento. São os regimes: a) mecânico (em que a metáfora é o relógio); b) termodinâmico (motor); c) cibernético (computador) e d) *chaoplexic* (rede).

No regime da mecânica, a principal orientação envolve exercícios repetitivos e lineares, cuja essência deste funcionamento assemelha-se à operação do mecanismo do relógio; posteriormente, no regime termodinâmico, com a introdução do motor, princípios da termodinâmica e a concepção de como se concentram, direcionam e se dissipam energias, refletiram-se nas estratégias adotadas nos campos de batalha, como o que se viu na Primeira e Segunda Guerra Mundiais; com o advento do computador durante o período da Segunda Guerra e avanço das tecnologias de telecomunicação, emerge o regime cibernético da guerra, que tem como elemento central para a formulação estratégica a capacidade de captação e processamento de informações; finalmente, o regime “*chaoplexic*”, cuja metáfora são as redes, batizado a partir das teorias do caos e da complexidade, concepções das ciências não-lineares e que igualmente impactaram o pensamento militar, que se empenha em uma estrutura organizacional de integração e retroalimentação de unidades diversas e simultaneamente, para um campo de batalha mais difuso e adversários que organizam-se em formas guerrilheiras.

Para os propósitos desta pesquisa e referente ao período elencado, nos concerne em especial os regimes pós-Segunda Guerra. Em verdade, para Bousquet, tal conflito foi emblemático no que se refere à transição do paradigma tecnocientífico – ali se tem tanto o auge do regime termodinâmico bem como o momento de transição para o regime cibernético – este é o limiar temporal em que a *Dynalectron* busca seu nicho entre indústria de defesa e indústria de tecnologia. No decorrer da pesquisa, estes regimes serão novamente elencados e aprofundados segundo as discussões suscitadas em cada fase da empresa.

O avanço da industrialização e seu decorrente impacto na produção voltada ao exercício de guerra exigiram uma mobilização total de recursos econômicos e sociais. Como

⁴³ Ibid., p. 10.

denotamos, a iniciativa privada esteve ativamente presente - ainda que seu apoio exceto via indústria de defesa não seja tão publicamente notável - em termos de apoio logístico aos esforços de guerra, um processo que pode ser, em certa medida, encarado como resultado da industrialização dos meios de destruição, que exigia cada vez mais recursos e conseqüentemente a logística necessária para seu emprego, contrário ao período em que os exércitos dependiam do que estava à sua disposição local.⁴⁴

Avanços tecnológicos do motor a vapor impactaram significativamente o sistema produtivo no início do séc. XIX, implicando em mudanças também no sistema de transporte e circulação comercial – daqueles países cujas economias podiam desfrutar deste cenário. O cenário urbano se transformou, o transporte de bens e pessoas alterou o significado da distância, as transformações econômicas e sociais impulsionadas pelo surgimento do motor a vapor na indústria e no meio social, procedimentos que antes dependiam de fontes humanas ou naturais de energia (como os barcos a vela), passaram a ser automatizados e a operação de máquinas tomou a frente do processo produtivo.⁴⁵

A introdução do motor a vapor no regime de guerra otimizou o deslocamento de tropas e suprimentos em maior velocidade e maiores distâncias. Com foco na logística, a construção de linhas ferroviárias transformou a dependência prévia de recursos que já estivessem localizados no território de batalha. As duas guerras mundiais foram fortemente marcadas pela produção industrial empregada de forma massiva nos campos de batalha. Mobilizar os recursos de forma minuciosa dificultava alterações nas táticas pré-concebidas, por sua vez muito rígidas com pouco espaço para resposta mediante mudanças não previstas - associando-se aos princípios mecanicistas da guerra.⁴⁶ Com o avanço nas tecnologias de transporte e nos armamentos (aviões de combate, inovações de balística etc.) e no uso de sistemas de comunicação, a Segunda Guerra Mundial possibilitou cenários mais dinâmicos e travados em três frentes, aérea, terrestre e marítima.

É interessante denotar como os contratos da empresa vão se transformando, isto é, para quais serviços ela é contratada e quais demandas ela busca responder. Sua transição entre transporte aéreo e diversificação tecnológica, se deu no limiar temporal descrito por Bousquet como o auge do regime termodinâmico da guerra para o cibernético. Seus contratos voltados ao transporte de cargas ou demais serviços logísticos na Guerra da Coreia, podem, de certa maneira, serem encarados como vestígios da era do regime termodinâmico da guerra.

⁴⁴ Ibid., p. 79.

⁴⁵ Ibid., p. 65-66.

⁴⁶ Ibid., p.75-81.

Posteriormente, a doutrina estratégica pós-Segunda Guerra trataria do uso de inovações tecnológicas produzidas sob demanda da Guerra Fria, tal como veremos. Da mesma forma, a empresa se voltaria a uma diversificação no ramo da indústria de tecnologia, encontrando oportunidades no chamado complexo militar industrial, em que a mobilização da ciência voltada aos esforços de guerra se tornaria nítida nos consórcios organizados via Estado, com a iniciativa privada e departamentos universitários.

Por isso conseguimos, aqui, em alguma medida, identificar como Bousquet trata do fim da Segunda Guerra como de transição entre os regimes termodinâmico para o cibernético da guerra. Abaixo trataremos brevemente desta questão, que será devidamente aprofundada na segunda seção (Parte 2: *A Dynalectron*), dado o emprego da doutrina estratégica baseada na captação de informações acerca do adversário e a presunção do controle da incerteza. Por ora, investiguemos como a *California Eastern* pôde cravar seu espaço entre a indústria de defesa e de tecnologia – e sob quais bases se deu este processo.

3. Inovação Tecnológica e o Campo Militar

3.1. O processo inovativo

Para pensar como o processo de inovação de tecnologias e o respectivo envolvimento do setor de Defesa se adequaram na formação do sistema nacional de inovações dos EUA, é necessário primeiramente estabelecer sob qual perspectiva compreendemos a inovação e qual a abordagem acerca deste vínculo entre a indústria e os militares é a mais apropriada para explicar a dimensão desta.

Segundo Schumpeter, a inovação no contexto capitalista é o que o mantém em constante mutação, em um processo denominado por ele como destruição criadora. Ao se introduzir inovações que alteram as estruturas de mercado e as vantagens competitivas das firmas, se produz, também, assimetrias na concorrência. Para o autor, nem sempre uma invenção se traduzirá automaticamente em inovação, que por sua vez, trata-se de uma novidade desenvolvida que causa algum tipo de ruptura, no processo produtivo ou de produto final, transformando paradigmas tecnológicos já estabelecidos. Nem todas as empresas terão capacidade, técnica e/ou econômica, de expandir ou mesmo se manter na mesma posição no

mercado. Mas, é este processo que gera uma série de mudanças, nos processos produtivos ou nos bens finais, que mantém o cenário em movimento.⁴⁷

Uma determinada perspectiva da discussão teórica dos processos de inovação, aponta que na compreensão do processo inovativo a partir da relação entre iniciativa privada e o setor militar, a literatura tradicional coloca em perspectiva a relação da organização empresarial e de sua influência nas tecnologias utilizadas no aparato bélico, mediante a participação das demandas de defesa no processo de desenvolvimento tecnológico, destacando este como um aspecto *exógeno*; entretanto, a linha de pensamento neoschumpeteriana, compreende como o desenvolvimento tecnológico na concorrência capitalista é um aspecto *endógeno* deste processo inovativo. Mesmo na abordagem neoclássica, as forças de mercado enquanto geradoras de demanda, explicariam as atividades na geração desenvolvimento tecnológico, pois reconhece como o estímulo à ampliação da base de conhecimento pode expandir as fronteiras da ciência e influenciar múltiplos campos e setores de atividade econômica. Neste processo, o que é considerado como endógeno é a composição da renda como condicionante do progresso técnico, compreendendo que a base de conhecimento não é um insumo que possa ser aplicado a qualquer setor, coloca uma disparidade entre a lógica do desenvolvimento tecnológico e a lógica da necessidade econômica, no caso, funcionando de forma independente.⁴⁸

Para Medeiros, ambas perspectivas, a centrada no fator de demanda como motor da inovação e aquela que afirma como o progresso técnico acaba sendo resultante dos desenvolvimentos científicos, captam forças distintas que agem sobre o progresso técnico. Segundo o autor,

No longo prazo, o conjunto de engenheiros e cientistas respondem aos investimentos e à demanda por seus serviços, mas na medida em que nos aproximamos da fronteira do conhecimento, a formulação de novas questões, e as suas respostas, abrem novos paradigmas tecnológicos (entendidos como padrões de solução a problemas selecionados) que não podem ser liderados pelas forças de mercado, na medida em que não existe demanda para eles.⁴⁹

O progresso técnico é, portanto, exógeno, pois é dependente das descobertas no campo científico, e não um resultado direto de forças de mercado. Mas em termos de difusão das tecnologias, este processo pode ser considerado endógeno. A abordagem

⁴⁷ SCHUMPETER, J. A. Processo de Destruição Criadora. In: *Capitalismo, socialismo e democracia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, [1942] 1984, p.163-165.

⁴⁸ MEDEIROS, Carlos Aguiar. O desenvolvimento tecnológico americano no pós-guerra como um empreendimento militar. In: *O Poder Americano*. Org. José Luis Fiori. Petrópolis, Editora Vozes, 2004, pp. 227-228.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 228.

neoschumpeteriana concede um papel de centralidade da difusão e aprimoramento das inovações no desenvolvimento econômico, distinto do que coloca a abordagem neoclássica compreende como endógeno, em vez de submeter a inovação como correspondente das forças de demanda na estrutura dos investimentos, dá ênfase ao lado da oferta, na qual o desenvolvimento econômico se dá entre comportamento das empresas e sua reação e adaptação mediante a introdução de inovações.⁵⁰

É oportuno mencionar aqui uma certa *rotinização* do processo de inovação no âmbito da iniciativa privada, que se torna cautelosa e mantém uma postura defensiva, frente a um ambiente de incerteza, em que os objetivos não se dão sobre circunstâncias bem delineadas. Seu sucesso está determinado, dentro de um determinado contexto tecnológico, segundo critérios de demanda potencial, viabilidade técnica e custos, mirando, como não poderia deixar de ser dentro de uma economia capitalista, o aumento da lucratividade.⁵¹ Embora uma parte da literatura acerca dos sistemas nacionais de inovação aponte os laboratórios P&D (Pesquisa e Desenvolvimento) das empresas privadas como motor das inovações, não deve se desprezar como outros atores institucionais desempenham um significativo papel no processo inovativo, que compõem as forças extramercado atuantes na seleção *ex-ante* de tecnologias, ou seja, em sua fase de sua concepção.⁵²

Muitas das tecnologias hoje utilizadas em nossos dispositivos celulares e outros, surgiram no contexto da corrida armamentista da Guerra Fria, desenvolvidas com décadas de apoio e financiamento público, em que as principais destas – aquelas que se tornaram o padrão tecnológico de dispositivos eletrônicos - surgiram sob demanda e supervisão do setor de Defesa e foram sendo desenvolvidas para uso civil, além do militar.⁵³

A abordagem neoschumpeteriana pensa o desenvolvimento de inovações a partir de política industrial com forte atuação das instituições públicas, responsável pelos devidos investimentos na geração e difusão de tecnologias, onde as forças de mercado desempenham um papel fundamental de liderança. Mas, é possível afirmar como a experiência dos EUA no pós-Segunda Guerra apontou em outro sentido, a direção do processo se deu a partir complexo-militar-industrial-acadêmico arquitetado no período; em que a principal força motriz eram as demandas da corrida armamentista da Guerra Fria, colocadas via setor de defesa estadunidense,

⁵⁰ Ibid., p. 229.

⁵¹ POSSAS, M. L. Em direção a um paradigma microdinâmico: a abordagem neoschumpeteriana. In: AMADEO, E. J. (Org.). *Ensaio sobre economia política moderna: teoria e história do pensamento econômico*. São Paulo: Marco Zero, 1989, p.160; 163-165.

⁵² MEDEIROS, 2004, p.229.

⁵³ MAZZUCATO, M. *O Estado Empreendedor: desbravando o mito do setor público vs setor privado*; tradução Elvira Serapicos. - 1a. Edição - São Paulo: Portfolio-Penguin, 2014.

de forma a expandir as fronteiras da ciência e consolidar sua posição de liderança tecnológica no plano internacional, e portanto, militar.⁵⁴ A introdução do termo “acadêmico” para se referir ao conhecido complexo militar-industrial dos EUA, melhor compreende a estrutura deste aparato, concedendo a devida ênfase ao papel dos departamentos de ciência universitários para a expansão das fronteiras do conhecimento tecnocientífico.

Segundo apresentado por Mazzucato, considerando como caso emblemático a indústria de desenvolvimento tecnológico do EUA, é possível dizer que o Estado criou um aparato descentralizado, ampliado e dinâmico sob seu direcionamento e supervisão, via financiamento público, voltado à criação, desenvolvimento, difusão e comercialização de inovações tecnocientíficas. A configuração deste sistema nacional de inovação foi essencialmente estruturada a partir de uma rede entre universidades, iniciativa privada (pequenas e grandes empresas) e setor público, principalmente o de Defesa. Nesse sentido, o Estado atuou por meio de políticas de oferta (com apoio e intermediação de planejamento) e ao lado da demanda (como cliente), revelando um fomento proativo do setor de inovação desde o laboratório ao uso comercial, ou seja, desde a concepção de ideias no plano abstrato até sua transformação em manufatura comercialmente viável.⁵⁵

O Departamento de Defesa (DoD), este ator exógeno, não só proveu o financiamento e apresentou as demandas para o desenvolvimento tecnológico, mas exerceu importante influência no “processo de seleção, difusão, e indução das modernas tecnologias no pós-guerra” em um contexto de corrida armamentista que ditava o ritmo deste progresso, dirá Medeiros. O envolvimento dos EUA na Segunda Guerra, inevitavelmente, impeliu o país a concentrar sua energia produtiva a fim de garantir superioridade bélica e tecnológica no *front* de batalha. Esta questão da superioridade tecnológica, que logo se mostrou um forte argumento em favor do investimento de inovações na área, juntamente com as exigências da comunidade de inteligência para garantir que não houvesse um *gap* tecnológico/bélico em relação aos adversários, determinaram as trajetórias tecnológicas desta expansão das fronteiras da tecnociência e condicionaram as transformações institucionais que iam se impondo frente aos obstáculos organizacionais.

A importância concedida a tecnologias de telecomunicações utilizadas em guerras foi particularmente especial para a conformação da estratégia militar dos EUA desde a Segunda Guerra Mundial, em pelo menos duas frentes de demanda do setor de segurança do país: a)

⁵⁴ MEDEIROS, 2004, p. 225-226.

⁵⁵ MAZZUCATO, 2014.

estratégia do armamento superior com prevalectimento da conformação e fortalecimento de um complexo-militar-industrial-acadêmico (CMIA) e b) a exigência de unidades para captação e análise de informações acerca de adversários a partir da “comunidade de inteligência”, que serão discutidos na seção a seguir.

4. O Complexo-Militar-Industrial-Acadêmico

Na Primeira Guerra Mundial, a grande inovação introduzida havia sido o avião e devido a indústria estadunidense estar em “relativo atraso” nesta atividade, seu enfoque foi colocado na padronização da produção mais do que em desenvolver uma novidade tecnologicamente superior. Diferentemente, na Segunda Guerra, como colocado por Medeiros, a inovação ultrapassou as fronteiras dos laboratórios de P&D militares, para tal, foram necessários novos espaços institucionais. Em 1940, foi criado o *National Defense Research Council* (NDRC), uma estrutura que congregava departamentos universitários, num contexto de concorrência bélica com a Alemanha, que posteriormente seria subsidiário do *Office of Scientific Research and Development* (OSRD), criado em 1941, responsável pela pesquisa de desenvolvimento da bomba atômica, o Projeto Manhattan. Era preciso avançar nas fronteiras da ciência e engenharia na busca pela superioridade de armamentos, o Projeto Manhattan foi o “mais importante marco desta nova era”.⁵⁶ Em verdade, durante a Guerra Fria, outras experiências seguiram o modelo deste programa que desenvolveu a bomba atômica, apresentando a característica essencial dos grandes empreendimentos tecnológicos-militares posteriores e a concepção do próprio sistema nacional de inovações dos EUA: sua arquitetura tripartite.

A Segunda Guerra Mundial suscitou a necessidade de avanço tecnológico nos sistemas de defesa. Logo após do fim da guerra a Força Aérea criou um projeto envolvendo o setor de P&D da *Douglas Aircraft Company*, também da Califórnia, denominado RAND (*Research & Development*). A iniciativa partia da premissa elencada pelo *Office of Scientific Research and Development* e da indústria armamentista de que era necessária uma organização privada independente “to connect military planning with research and development decisions”, segundo a própria agência RAND, “dedicated to furthering and promoting scientific, educational, and charitable purposes for the public welfare and security of the United States”,

⁵⁶ MEDEIROS, 2004, p.231-232.

cuja dinâmica adquiriu um estilo próprio pois “it blended scrupulous nonpartisanship with rigorous, factbased analysis to tackle society's most pressing problems.”⁵⁷

Se a seleção das tecnologias sob demanda militar corresponde às concepções estratégicas de guerra, a RAND pode ser considerada uma das agências de *think-thank* que gestavam estas concepções, avaliando cenários e considerando as possibilidades das inovações tecnológicas, possuindo a capacidade de sugerir as ideias mais aptas adequadas a um determinado contexto e a visualização das futuras trajetórias tecnológicas dos sistemas de armamentos. Em 1946, a RAND publicou seu primeiro estudo, com uma análise indicando como as guerras do futuro estariam associadas aos sistemas de telecomunicação integrados via satélite, como prerrogativa de comunicação instantânea e capacidade de monitoramento:

Encircling the globe in a mesh of geocentric orbits would allow not only for the final abolishing of distance by enabling instantaneous communications from any location on the planet but it would also permit the precise coordinates of individuals or objects to be known and transmitted.⁵⁸

O elemento analítico da agência na previsão de cenários envolvia um sistema computacional capaz de projetar e emular cenários e operações de guerra a partir de qualquer variável que pudesse ser incluída em uma equação matemática. Especialmente em uma era de ameaça de guerra nuclear, que deixava pouco espaço para algo além da mais alta precisão possível, uma função mais apropriada para os dispositivos técnicos. A tarefa exigia desenvolvimento tecnocientífico, um trabalho para o qual os departamentos universitários são imperativos.

O Projeto Manhattan só foi possível graças à parceria entre a Universidade da Califórnia e as Forças Armadas. As universidades se consolidaram como peças fundamentais na conformação deste sistema, graças seu potencial de pesquisa científica, elemento vital para a estratégia do armamento superior. Pode-se falar, por exemplo, do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), cujo engenheiro decano Vannevar Bush dirigiu o NDRC e o órgão sucessor deste, o *Office Defense Research Council* (ODRC), onde se enfatizava a necessidade de um sistema de inovação descentralizado. Universidades como a MIT (e seu importante Laboratório de Radiação), o Instituto de Tecnologia da Califórnia (CALTECH), por exemplo, foram fundamentais. Após a Segunda Guerra, esta rede entre os departamentos de ciência universitários e o setor de Defesa, foi expandida e fortalecida. Tanto as universidades, bem

⁵⁷ RAND. A Brief History of Rand, 2019. Disponível em: <<https://www.rand.org/about/history/a-brief-history-ofrand.html>>. Acesso em 13 de jul. 2019.

⁵⁸ BOUSQUET, 2009, p.134.

como empresas da indústria de defesa, foram fundamentais para o sucesso deste sistema de inovação, como *Lockheed Martin*, *General Electric*, *Boeing*, *General Dynamics* e *AT&T*. Para operacionalizar este crescente complexo, novos espaços institucionais como o *Defense Research Board* (criado em 1947) e o *Defense Science Board* (1956), foram criados de forma a possibilitar a combinação dos diferentes atores em uma rede descentralizada cujos objetivos principais eram de comando do setor de defesa.⁵⁹

Com a Segunda Guerra e a conformação do complexo-militar-industrial-acadêmico (referido como CMIA daqui em diante), as tecnologias desenvolvidas eram fortemente enraizadas na necessidade militar de colocar sua capacidade tecnológica como questão de segurança nacional para assegurar sua capacidade de vitória e também um fator que se mostrou de suma importância, impedir eventos que não estivessem no escopo de possibilidades previstas, ao alcance dos órgãos de inteligência, como conflitos geopolíticos, desenvolvimento bélico de adversários ou ataques surpresa, como ocorreu na manhã de 7 de dezembro de 1941, quando o Japão realizou uma operação de bombardeio à base naval dos EUA de *Pearl Harbor*.

Por certo que os EUA já haviam institucionalizado órgãos específicos para serviços de inteligência anteriores à Segunda Guerra e no próprio decorrer desta, mas a expansão e consolidação da “comunidade de inteligência” foi decisivamente fortalecida mediante o conflito. Posteriormente, no decorrer da Guerra Fria, os serviços de inteligência reafirmaram seu potencial de contribuição às operações militares, um fator possibilitado graças ao desenvolvimento tecnológico, sua eficácia adviria da possibilidade de estimar as capacidades das partes adversárias, antecipar possíveis movimentações, de análise de relações das diferentes partes com aliados e adversários dos EUA, entre outras capacidades, constituindo-se um apoio fundamental às atividades militares. Durante a Segunda Guerra, o uso de tecnologias para a comunidade de inteligência demonstrou seu potencial de sucesso:

That conflict proved that intelligence could contribute importantly both to military operations and to diplomacy, that technological development could make intelligence even more capable, and that these new pillars of intelligence could support methods of analyzing information that enabled intelligence for the first time to supply comprehensive estimates of secret foreign capabilities.⁶⁰

No decorrer da Guerra Fria – quando a *California Eastern* passou a se diversificar no setor de tecnologia atrelada a contratos com o setor militar e eventualmente mudar de nome para *Dynalectron* - os preceitos norteadores das políticas industriais e dos contratos das Forças

⁵⁹ MEDEIROS, 2004, p. 232-233.

⁶⁰ PRADOS, 2007, p. 302.

Armadas com empresas privadas parecem estar relacionados com dois aspectos principais, não necessariamente opostos e de certa forma complementares: demandas da comunidade de inteligência e a estratégia do armamento superior.

A estratégia empenhada pelos EUA na Guerra Fria baseada na superioridade bélica, constantes avanços em balística e aparatos eletroeletrônicos, integrados a partir da estrutura do sistema de telecomunicações. Novas bombas, revestimentos resistentes, radares, mísseis teleguiados, são exemplos da busca pelas novidades tecnológicas, que foram pensadas de forma a corresponder à uma utilização que é pré-determinada.

A justificativa do investimento em inovação como matéria de segurança nacional garantiu não só os recursos necessários para tal, mas também impulsionou a criação de espaços institucionais que rompessem a “inércia burocrática”, estes dois aspectos eram aceleradores do processo inovativo. Assim,

O sucesso da ‘estratégia do armamento superior’ requer organizações capazes de administrar sistemas complexos, reunir informações e resolver conflitos operacionais e políticos. Trata-se de uma questão de poder, do poder das organizações sobre a complexidade e os desafios das novas tarefas(...). Ao lidar com inovações básicas na busca de novas máquinas, a seleção das melhores ideias depende de como as decisões são tomadas.⁶¹

O que pode influenciar a tomada de decisões? Projeções de trajetórias tecnológicas, transformações no pensamento militar, concepção estratégica de guerra, são fatores importantes, a corrida armamentista, a percepção de atraso em relação as capacidades bélicas adversárias e eventos internacionais de disputa geopolítica também devem ser considerados. A estratégia do armamento superior foi decisiva para o aparato do complexo industrial cuja arquitetura baseia-se na necessária relação entre universidades, governos e iniciativa privada, o desenvolvimento tecnológico era pautado segundo uma agenda determinada especialmente pelo setor militar e para viabilizar a expansão e coordenação deste complexo foram necessárias algumas transformações institucionais. As reformas institucionais foram necessariamente importantes para que os órgãos de inteligência também pudessem se expandir, a requisição dos serviços de inteligência, igualmente, conformava matéria de segurança nacional, particularmente graças à Pearl Harbor.

O ataque surpresa fez com que a capacidade estatal dos serviços de inteligência se tornasse um assunto politicamente sensível aos olhos do público. Após o fim da Segunda Guerra, o Congresso norte-americano abriu um comitê investigativo para apurar os acontecimentos do ataque e discutir “como os EUA deveriam se organizar para o período pós-

⁶¹ MEDEIROS, 2004, p.235.

guerra”. Em 1946, o então presidente Harry Truman criou a *National Intelligence Authority* (NIA), um mecanismo de supervisão de serviços de inteligência e reestabeleceu a *Central Intelligence Group* (CIG), responsável por produzir relatórios e materiais de inteligência.⁶² Em 1947, a aprovação do *National Defense Act* (NDA) estabeleceu a organização das instituições de segurança internacional nos EUA, e dentre outras medidas, criou a *Central Intelligence Agency* (CIA) que se tornou a agência mais importante para a Guerra Fria.⁶³

John Prados identifica padrões nos períodos de mudanças institucionais relacionadas à comunidade de inteligência que se referem a eventos externos catalisadores destas mudanças e que se associam a avanços tecnológicos que fortaleceriam a capacidade de previsibilidade das forças de segurança, em suas palavras, o padrão opera da seguinte maneira: “external influences changing the shape of world events combine with an internally generated expectation of new technological or analytical opportunities to produce perceptions of a need for intelligence reform”⁶⁴

Este padrão emergiu no período de 1945-1947 em que se configuraram como catalisadores externos tanto o ataque de Pearl Harbor, bem como a deflagração da Guerra Fria. Mediante a Segunda Guerra, o desempenho dos EUA em sua capacidade de análise de inteligência pôde ser avaliada como um avanço e as inovações tecnológicas acompanharam as técnicas para a captação, análise e processamento das informações; as operações clandestinas e de espionagem puderam então encontrar um reduto oficial na comunidade da inteligência, a CIA. Outros quatro períodos elencados por Prados, em que eventos catalisadores resultaram em mudanças significativas na estrutura institucional, são discutidos a seguir.

Entre 1950 e 1952, em que a deflagração da Guerra da Coreia foi o evento externo catalisador, a possibilidade de se tornar um conflito mais amplo caso os soviéticos se envolvessem, tornava ainda mais importante a eficiência dos serviços de inteligência. O evento foi tomado como surpresa pelos EUA, quando a Coreia do Norte invadiu a Coreia do Sul, em 1950, deixando os EUA apreensivos a otimizar no curto prazo sua capacidade em serviços de inteligência, fato somado à subsequente intervenção japonesa no conflito. Além disso, ainda se colocava em questionamento se a CIA poderia se intrometer em assuntos militares ou mesmo delinear formulações próprias. Esta preocupação se desfez mediante à Guerra da Coreia, em

⁶² As unidades se depararam com dificuldades de coletar as informações necessárias para os serviços, os órgãos militares que monitoravam os serviços de espionagem em regiões estrangeiras e estavam reticentes a compartilhar o material, que seria de uso exclusivo militar. Entraves burocráticos como disputas pelas diferentes esferas de atuação de cada órgão foram surgindo em meio a reorganização da comunidade de inteligência, para solucioná-los, novos arranjos institucionais eram criados.

⁶³ PRADOS, 2007, p. 303-304.

⁶⁴ Ibid, p. 304.

que os militares, segundo Prados, foram pegos de surpresa com a eclosão do conflito e com o subsequente envolvimento dos chineses ao final de 1950. Foi durante o conflito que a produção de análise passou por uma formatação e padronização dos critérios e especificação dos diferentes produtos a serem elaborados em termos de análise de inteligência. Embora se especule sobre a existência de materiais que já indicassem a possibilidade dos eventos – da Guerra da Coreia e também do ataque à Pearl Harbor - o fato é que os sistemas de inteligência ainda não haviam se estruturado de forma que se conectassem às diferentes unidades de captação e criptografia, além disso, o computador já vinha sendo utilizado para funções de inteligência, mas a tecnologia era tão cara que somente uma agência federal conseguia fazer um uso apropriado, neste contexto, foi criada a *National Security Agency* (NSA).⁶⁵

A percepção da União Soviética como uma nação agressora, associada com o reconhecimento de sua forte política de expansão do sistema militar aéreo, relatos de ataques a unidades militares de países europeus no início dos anos 1950 e seu apoio à Coreia do Norte no conflito, impulsionaram a urgência de se captar informações para a comunidade de segurança:

The lack of information about the Soviet Union, coupled with the perception that it was an aggressive nation determined to expand its borders—a perception that had been greatly strengthened by the Soviet-backed North Korean invasion of South Korea in June 1950—increased US determination to obtain information about Soviet intentions and capabilities and thus reduce the danger of being surprised by a Soviet attack.⁶⁶

A geração de determinadas tecnologias no CMIA resulta da concepção estratégica do próprio conflito e de eventos externos catalisadores de mudanças são, portanto, respostas para problemas pré-definidos a partir das demandas de segurança.

O projeto *Semiautomatic Ground Environment* (SAGE), foi elaborado a partir da premissa de vulnerabilidade do espaço aéreo nacional frente um ataque de longa distância, em 1949, e para Medeiros (2004), abriu o caminho para o “comando computadorizado” e o “sistema de comunicações e controle”. O projeto compôs uma rede de laboratórios estatais, iniciativa privada (como as empresas Bell, Polaroid, IBM, etc.) e universidades (como MIT, CALTECH, Harvard etc.). Por meio do SAGE se aprimoraram tecnologias informacionais e organizativas. A corrida armamentista (espacial, tecnológica...) estava pautada pela capacidade estrutural do sistema de telecomunicações, um elemento preponderante para as tecnologias ofensivas e defensivas. A captação e o processamento de informações em tempo real dependiam

⁶⁵ Ibid., p. 305; 318.

⁶⁶ PEDLOW, G. WELZENBACH, D. *The CIA and the U-2 Program, 1954-1974*. History Staff, Central Intelligence Agency, 1992, p. 4.

da conformação de uma estrutura necessariamente digital – e não analógica – que exigiu, por sua vez, uma série de inovações no campo dos componentes eletroeletrônicos.⁶⁷

Não obstante, o projeto ATLAS, responsável pelo desenvolvimento do primeiro míssil balístico intercontinental (ICBM), iniciado em 1954, detinha um potencial revolucionário para as Forças Armadas e dependeu do desenvolvimento na integração de física e engenharia, tal como o SAGE, tratava-se de um empreendimento da “grande ciência”, um termo designado para descrever programas com envolvimento militar de pesquisas a partir destes dois campos. Além dos laboratórios universitários de pesquisa, estes empreendimentos contavam com uma rede de fornecedores e subfornecedores da iniciativa privada, além disso, enfrentavam grandes desafios organizacionais. Em meio ao projeto ATLAS, as delimitações contratuais das diferentes entidades requisitaram novos instrumentos administrativos.⁶⁸

O envolvimento de uma empresa em questão foi matéria de investigação no Congresso, a *Thompson-Ramo-Wooldridge, Inc* (TRW), formada por cientistas e engenheiros que já haviam atuado em programas da Força Aérea, sua íntima relação com autoridades deliberativas marcou uma percepção de favoritismo e conflito de interesses ao ser contratada para mais um destes programas de pesquisa, ainda que tenha sido um empreendimento de sucesso e que pudesse ser visto como realizado com auxílio da iniciativa privada no capitalismo de livre mercado e sua contribuição ao desenvolvimento tecnológico. Entretanto, como veremos, é precisamente esta coalisão entre iniciativa privada e os militares que passou a ser questionada, especialmente pelo próprio presidente Dwight Eisenhower em suas advertências sobre o perigo do complexo militar-industrial.⁶⁹

A pressão política da corrida armamentista era um desafio a qualquer presidente dos EUA que buscasse impor muitas restrições aos orçamentos destinados ao setor de defesa, a percepção do risco se colocava como um elemento derradeiro. Em 1955, durante a *May Day Parade*, na Praça Vermelha, uma celebração histórica dos soviéticos de 9 de maio, em comemoração ao aniversário de rendição da Alemanha Nazista em 1945, no dia da parada, os soviéticos apresentaram seus aviões de bombardeio e eram mais aviões do que a inteligência norte-americana teria como estimativa, a percepção de um atraso em relação à capacidade produtiva de aviação militar soviética conhecida como *bomber gap*, fez com que o Congresso garantisse orçamento para aceleração da produção de seus aviões B-52. Ao que tudo indica,

⁶⁷ MEDEIROS, 2004, p. 235-236.

⁶⁸ MEDEIROS, 2004, p.236-237.

⁶⁹ ROLAND, A. The Military-Industrial Complex: Lobby and Trope. In: BACEVICH, Andrew J. (org.). *American Empire: The Realities and Consequences of U.S. Diplomacy*. Nova York: Columbia University Press, 2007, p. 341-342.

não se tratava de uma alta quantidade de aviões, apenas os mesmos passando pela parada militar diversas vezes.⁷⁰

A *Defense Advanced Research Projects Agency* (DARPA) foi criada pelo Pentágono no contexto da corrida armamentista da Guerra Fria, em 1958 - um ano após o lançamento do Sputnik -, a agência buscava conduzir de pesquisas acadêmicas até finalidades práticas determinadas. A agência financiou a formação de departamentos de ciência da computação em universidades ao redor do país, apoiava *startups* em seus projetos iniciais, contribuiu em pesquisas de semicondutores, além do papel significativo nos estágios iniciais da internet. Suas principais características são: estrutura organizacional em pequenos e diversos escritórios, com autonomia sob seu orçamento, tem a função de determinar a agenda de pesquisa em desenvolvimento tecnológico. Ou seja, os desafios são pré-selecionados por centros de pesquisa especializados e em conformidade com o que se apresenta como demanda pelo Estado, seu centro financiador. O financiamento de pesquisas via DARPA não adere à dicotomia entre “pesquisa básica” e “pesquisa aplicada” e, nesse sentido, fica explícito seu objetivo de desenvolver tecnologias até finalidades práticas e com viabilidade comercial. Além disso, por conta do seu papel decisivo na agenda de pesquisa, a DARPA adquire também o papel de supervisão de diferentes centros de P&D.⁷¹

Pesquisadores financiados pela agência seguiram atuando na área, ao passo em que esse desenvolvimento tecnológico ia sendo incorporado à vida doméstica moderna. Os empreendimentos militares estiveram presentes no processo inovativo tanto de indústrias baseadas nas ciências assim como em setores mais especializados, compondo os setores industriais intensivos em tecnologia. Diversas companhias passaram a surgir a partir do campo aberto pela expansão das fronteiras tecnocientíficas, este novo fluxo de transferência de tecnologia foi preponderante na difusão de inovações. O CMIA como sistema nacional de inovação carrega algumas particularidades em comparação com outros, enquanto as inovações eram formuladas e desenvolvidas por meio de uma rede descentralizada tripartite, a difusão destas tecnologias ficava a cargo de empresas emergentes, que puderam aproveitar a mão de obra especializada de cientistas e demais pesquisadores dos laboratórios universitários envolvidos nos empreendimentos militares.⁷²

Na discussão de John Prados, entre 1958-1962, é o momento em que as estruturas da comunidade de inteligência são melhor elaboradas e consolidadas, o principal evento

⁷⁰ Ibid., p. 342.

⁷¹ MAZZUCATO, 2014.

⁷² MEDEIROS, 2004, p. 239-240.

catalisador do processo de mudança foi a corrida espacial, quando a União Soviética lançou o primeiro satélite artificial da Terra, a partir de seu programa *Sputnik*, juntamente com os testes de uma espécie de foguete que funcionava, na verdade, como um míssil intercontinental. Em termos de análise de inteligência das capacidades do adversário, tratou-se de uma surpresa (“again the Pearl Harbor factor”). Dimensionar estas ameaças era uma tarefa para os serviços de inteligência, que vinham sendo abastecidos graças às inovações tecnológicas. Para prover os esforços de criação de satélites de reconhecimento, as políticas do então presidente Dwight Eisenhower levaram à criação do *National Reconnaissance Office* (NRO), em 1960. A própria CIA criou uma divisão interna relacionada ao desenvolvimento tecnológico, alerta à crescente importância conferida ao uso de inovações para suas funções, a *Directorate for Science and Technology*, em 1963. No mesmo período, a Força Aérea (e outros ramos da inteligência das Forças Armadas), ao estimar o atraso dos EUA em relação a tecnologias balísticas da URSS, acabou por superestimar a capacidade de seu adversário, a maior “*controversial predictive miscalculations of the era*”. Robert McNamara, quando secretário de defesa do governo de John Kennedy, criou a *Defense Intelligence Agency* (DIA), em 1961, como solução ao entrave burocrático que se colocava entre a CIA e o Departamento de Defesa acerca de suas esferas de responsabilidade.⁷³

Vimos que o lançamento do *Sputnik* gerou também efeitos para o complexo industrial de inovação tecnológica sob supervisão do setor de Defesa. Além da já mencionada DARPA, a percepção de um atraso na corrida espacial resultou no projeto APOLLO, liderado pela NASA, seu objetivo estava associado ao feito sem precedentes da chegada da humanidade à Lua. O projeto também exigiu grandes esforços de desenvolvimento nas áreas da ciência e engenharia e a administração de um contingente de dezenas de milhares de profissionais distribuídos em unidades diversas. Além de colocar o homem na Lua, do projeto decorreram uma série de outras inovações.

⁷³ Os outros dois períodos elencado por Prados (2007, p. 307-308), como de principais transformações institucionais, se deram entre 1992-1995, tiveram como evento catalisador internacional a dissolução da URSS, tendo como elemento surpresa a queda concreta do muro de Berlim. No início do governo Clinton, foi empreendido um esforço para avaliar os serviços de inteligência do país, que resultou na criação de uma agência centralizada para análise de mapas e imagens, a (agora denominada) *National Geospatial Intelligence Agency* (NGIA). Por fim, o último período elencado se deu entre 2002-2004, quando ocorreu o ataque às Torres Gêmeas. Muito se especulou sobre o papel dos cortes de orçamento serem cortes de capacidade dos serviços de inteligência, o que teria permitido tal ataque surpresa, mas como demonstrado por Prados, os orçamentos da comunidade de inteligência eram ainda maiores do que em décadas anteriores. O ataque às Torres Gêmeas, definitivamente é o “fator Pearl Harbor”, cujo efeito catalisador levou à criação do *Department of Homeland Security* (DHS) e a interagência *Terrorist Threat Intelligence Center* (TTIC). Estes períodos serão tratados na parte referente à fase da empresa como *DynCorp*.

As possibilidades abertas por novos aparatos técnicos de captação de informações de partes adversárias podem ser ilustradas também pelo foco da CIA em “*overhead reconnaissance*” (OR). O uso de tecnologias voltadas ao OR e a captação de informações por meios eletrônicos de toda sorte, está ligado à expansão do *Directorate for Science and Technology*, desde sua criação no início dos anos 1960. O diretório contribuiu significativamente para o desenvolvimento tecnológico, em especial “for satellite systems, for collection methods, in ground intelligence collection stations (...) in unmanned aerial vehicles (such as the current Predator system), and for innovations in the use of information technology”.⁷⁴

As operações de espionagem focadas em coleta de informações sobre os adversários é um elemento importante para pensar as promessas de um desenvolvimento tecnológico cada vez mais capacitado – em contrapartida ao uso de agentes espões – e eficaz na precisão das informações necessárias para a comunidade de inteligência. A concepção da estratégia de OR baseou-se nesta premissa e nas possibilidades abertas por novas tecnologias, inclusive sob demanda da própria CIA. Um estudo da agência acerca do desenvolvimento de programas de OR apresentava a necessidade de coleta de informações de segurança por meio da tecnologia no contexto da Guerra Fria:

Tight security along the Soviet Bloc borders severely curtailed the movement of human intelligence sources. In addition, the Soviet Union made its conventional means of communication-telephone, telegraph, and radio-telephone-more secure, thereby greatly reducing the intelligence available from these sources (...) the entire panoply of intelligence tradecraft seemed ineffective against the Soviet Bloc, and no other methods were available.⁷⁵

Depender de tecnologias parecia mais atraente, este tipo “técnico” de coleta de inteligência era visto como motor de resultados mais confiáveis e o desenvolvimento tecnológico passou a conformar uma sólida base para atividades de inteligência desde a Segunda Guerra Mundial. A expansão do uso de tecnologias, similarmente, ocorreu junto à expansão da própria comunidade de inteligência.⁷⁶

Um outro elemento para análise acerca da seleção das inovações demandadas trata da concepção estratégica de utilização destas inovações. O computador, por exemplo, se tornou uma tecnologia-chave para a estratégia formulada e aderida pelo setor militar, como apontado por Medeiros, “a grande novidade dos anos [19]50 não foi a simples existência dos

⁷⁴ PRADOS, 2007, p. 319; 322.

⁷⁵ PEDLOW & WELZENBACH, 1992, p.15.

⁷⁶ PRADOS, 2007, p. 326-327.

computadores, mas a forma em que estes foram usados”. Órgãos responsáveis pela formulação de como as próximas guerras seriam enfrentadas eram imperativos para seleção das inovações, como a DARPA e RAND, de onde partiam as formulações das questões às quais as tecnologias deveriam estar adequadas. O comando computadorizado se mostrou, a partir do SAGE, adequado para o controle das operações tanto industriais como militares. A DARPA chegou a criar, em 1969, uma rede de computadores conectando os laboratórios universitários:

Uma ideia originada da concorrência armamentista e voltada a ampliar os mecanismos de controle de informações. De fato, a ideia original veio da RAND Corporation, visando a montagem de uma rede de comunicações que poderia sobreviver a um ataque nuclear e viabilizar um contra-ataque de mísseis. Para este objetivo, o sistema deveria ser descentralizado e não-hierárquico.⁷⁷

O projeto da ARPANET tinha como objetivo conseguir compartilhar tempo e custos destes programas de alta pesquisa em inovação conformados em uma rede ampliada, para tal, foram necessários terminais interligados a um computador central, mas era ainda necessário um protocolo para o acesso de usuários com permissão para acesso às bases de dados. Foi para solucionar este obstáculo que foi criado o que viria a se tornar depois a Internet, a partir da criação dos protocolos TCP/IP, em 1983.⁷⁸

A RAND, na década de 1950, já publicava acerca de uma Força Aérea do futuro, que seria construída envolta de robôs e cientistas, colocando os pilotos como atores que eventualmente se tornarão obsoletos.⁷⁹ O desenvolvimento de tecnologias pautado pela Guerra Fria não era ditado em comparação apenas com os adversários, mas com a próxima geração de armamentos, cuja comparação projetava quais seriam as capacidades abertas pela trajetória tecnológica do contexto: “The test of a weapons system was not its parity with the weapons systems of enemies or potential enemies, but rather parity with the next generation of weapons systems that industry could envision.”⁸⁰

Vemos, assim, novamente, como as tecnologias são selecionadas *ex ante* a partir da conceitualização estratégica do conflito emergente no pensamento militar, de sua percepção de como se dá e dará determinado conflito, seu grande teste não estava apenas em comparação com as capacidades adversárias – esta cumpria um papel significativo para legitimação pública da necessidade de garantir os pesados orçamentos do setor militar – como também, e talvez mais importante, a partir do que os militares visualizavam como se daria o conflito no futuro, a

⁷⁷ MEDEIROS, 2004, p.238.

⁷⁸ *Ibid.*, p. 239.

⁷⁹ *Ibid.*, p. 236.

⁸⁰ ROLAND, 2007, p. 358.

partir das possibilidades abertas pela expansão da tecnociência, desta percepção de como será a guerra, num futuro próximo e distante.

A comunidade de inteligência também colocava as necessidades do desenvolvimento tecnológico, cujas capacidades analíticas eram superiores à utilização de agentes espiões em linhas inimigas. As disputas entre análises internas conflitantes puderam também ser embasadas a partir dos dados coletados por vias tecnológicas, especialmente após a Crise dos Mísseis cubana, as informações utilizadas pela comunidade de inteligência eram obtidas essencialmente por meio das inovações tecnológicas de até então. Os eventos externos que supostamente tornam vulnerável a segurança internacional carregam as memórias da população, períodos como Pearl Harbor e a Guerra do Vietnã (como veremos), ou outros elementos que inferem no campo da segurança, como a Guerra da Coreia, desenvolvimento de bombas nucleares por outros países, a expansão geopolítica de governos aliados a Moscou, as intervenções necessárias para garantir a posição de hegemonia e manutenção de regiões de dominação, como na América Latina, Oriente Médio e África, corroboraram na construção da história da comunidade de inteligência dos EUA e suas respectivas transformações.

4.1. O Alerta de Eisenhower

No mesmo ano em que a *California Eastern* mudara de nome para *Dynalectron*, em 1961, o então presidente dos EUA, Dwight Eisenhower, renunciava sua candidatura a uma segunda reeleição, em seu famoso discurso de despedida da presidência, ele alertava sobre os perigos do Complexo Militar-Industrial. De que trataria as advertências do presidente? Por que a parceria entre indústria armamentista e setor público de defesa, “the aggregate of a nation’s armed forces and the industries that Supply their equipment, materials, and armaments”, como define complexo militar-industrial o American Heritage Dictionary of the English,⁸¹ seria motivo de alerta para um país envolvido no conflito bipolar da Guerra Fria?

Esta arquitetura, para além de sua definição mais técnica, pode e deve ser encarada como um fenômeno histórico, político, econômico. Esta “mera” parceria entre a indústria e os militares, em verdade, expressa uma relação simbiótica entre o desenvolvimento tecnológico enquanto matéria de segurança nacional, associação de universidades, envolvimento da iniciativa privada promovendo *lobby* nos poderes Legislativo e Executivo e a legitimação pública dos orçamentos destinados ao setor militar pelas camadas sociais. Desde o início da

⁸¹ ROLAND, 2007, p. 335.

montagem deste complexo, diversas transformações marcaram como estes diferentes elementos interagiram sobre sua manutenção.

Dentre os fatores incômodos para o presidente estava a busca de sistemas de armamentos, muitas vezes redundantes, em que atores disputavam entre si as esferas de responsabilidade e a pressão no Congresso para aumentos constantes de orçamentos. O discurso de Eisenhower afirmava como o país foi coagido a criar este vasto complexo industrial sob demanda militar, que por sua vez se viu munido de um alto poder nos campos da política, da economia e da vida social. A problemática indicada no alerta de Eisenhower seguia em duas direções: os empreendimentos de viés militar da “grande ciência” em parceria com as universidades orientavam as agendas de pesquisa e corrompiam o livre-pensar acadêmico e a formação de uma elite tecnocientífica estava dominando inclusive as políticas públicas. O ex-presidente mostrava sua aversão ao envolvimento dos militares na condução política, pois esta seria uma prerrogativa do povo, mediante a constitucionalidade do país.⁸²

Estes questionamentos estavam por detrás de um problema mais amplo, diz respeito ao projeto político nacional. Se a Guerra Fria se tratava da disputa entre dois sistemas econômicos, um de “economia comandada” (*command economy*) e outro o capitalismo de livre mercado, o receio de Eisenhower era que a submissão da economia norte-americana às demandas da corrida armamentista suplantaria a prudência nos orçamentos públicos, pelo medo. Para o presidente, afirma Roland, os EUA deveriam resistir à tentação de imitar seu inimigo, cuja economia era centralizada pelo Estado e mantinha uma indústria adequada à demanda militar da Guerra Fria, a qual, para Eisenhower, dificilmente esquentaria. O então presidente compreendia que era necessário evitar que o setor militar pudesse ganhar um amplo controle sobre a economia nacional, uma trajetória que ele visualizava.⁸³

Os militares construíram sua participação na configuração da estratégia nacional durante a Segunda Guerra Mundial e não renunciaram o precedente, mas esta tarefa lhes foi outorgada, não tomada de assalto. Como argumenta Roland, a concepção de *power elite* de Wright Mills (1956) é complementar ao complexo militar do qual se referia Eisenhower. Trata-se de compreender que o poder nos EUA era exercido a partir de uma minoria de autoridades, executivos da iniciativa privada e militares. Não que operassem de forma conspiratória, esta elite tinha uma perspectiva em comum acerca das políticas que devem guiar o país, o “grande

⁸² Ibid., p. 336-338.

⁸³ Ibid., p. 338; 340.

consenso” do qual partiam as premissas orientadoras das decisões das autoridades.⁸⁴ Mas, afirma Roland, ainda que possam existir aparentes semelhanças entre o conceito *de power elite* de Mills, o discurso de Eisenhower teria como base suas preocupações com os EUA se tornarem algo descrito como “garrison state”, aquele em que especialistas em violência formam um poderoso grupo para o Estado, um conceito de Harold Laswell (1941). Segundo o autor, a “socialização do perigo” - quando civis estão submetidos à ataques militares - não garantiria o poder militar em uma organização da sociedade voltada para a guerra. Os especialistas em violência substituiriam empreendedores, burocratas e políticos, se movendo rumo ao topo da “pirâmide de poder”, nas palavras de Laswell, já se antecipava “the merging of skills, starting from the traditional accouterments of the professional soldier, moving toward the manager and promoter of large-scale civilian enterprise”.⁸⁵

Duas tendências apontavam no sentido do *garrison state*: um processo de militarização da sociedade que tornava as políticas mais suscetíveis ao envolvimento de questões e autoridades militares, um exemplo de manifestação desta tendência na realidade foi a própria eleição do General Eisenhower; a outra tendência dizia respeito aos valores militares colocados por estes oficiais fardados nas deliberações políticas. Para Roland, o termo introduzido por Eisenhower (complexo militar-industrial), é complementado pelas noções de *power elite* de Mills, e de *garrison state* de Lasswell.⁸⁶

Das concepções elencadas, podemos abstrair quatro principais elementos acerca das ameaças do complexo militar-industrial compreendido por Eisenhower: a) a pressão dos militares sobre o orçamento público e suas consequências na economia; b) um grupo de especialistas em violência podendo inferir significativamente nos poderes deliberativos; c) os valores de uma sociedade militarizada que iriam no sentido contrário da defesa dos valores que os EUA defendiam (governos constitucionais e democráticos e capitalismo de livre mercado) e d) comprometer o projeto político econômico dos EUA ao reproduzir a política industrial de uma *command economy*.

⁸⁴ O próprio presidente acabou por ser uma figura chave na *power elite* descrita por Mills, sua administração era composta também por quadros da iniciativa privada, além disso, ele era a figura que empenhava o grande consenso das políticas norte-americanas durante a Guerra Fria, apesar de suas conclusões acerca das ameaças do complexo industrial-militar à sua nação (ROLAND, 2007, p.343-344).

⁸⁵ *Ibid.*, p. 337-339.

⁸⁶ *Ibid.*, p. 339.

4.1.1 O lobby do CMIA

Roland delinea as principais características do *lobby* de guerra. A manutenção da dianteira na corrida armamentista, associada às demandas da comunidade de inteligência; estas, por sua vez, interligadas, constituíam as pressões políticas exercidas sobre a presidência. Em termos de deliberações no campo político, o Pentágono passou a abrigar a iniciativa privada, no caso, da indústria armamentista, e oficiais militares aposentados encontravam espaço nas empresas cujos contratos eles administravam (esta dinâmica é conhecida como *revolving door syndrome*). E a cooperação entre indústria e militares, uma vez defendida por Eisenhower, criou uma vida própria, cuja eficiência pode ser questionável, uma vez que interesses particulares poderiam se sobrepor aos interesses nacionais.⁸⁷

Casos como o da mencionada empresa TRW e seu envolvimento no projeto ATLAS, a falha de inteligência ao superestimar a capacidade produtiva de aviões de bombardeio por parte da União Soviética (o *bomber gap*) são exemplos dos elementos que serviam de alerta a Eisenhower, além destes, pode-se falar da *missile mess*, programas do Exército e da Força Aérea acabavam se sobrepondo, gastos com desenvolvimento de mísseis intercontinentais saltaram de U\$14 milhões em 1954 para U\$1.4 bilhões em 1957. A resposta ao lançamento do *Sputnik* primeiramente teria sido concedida à Marinha, para que lançasse um programa, mas quando esta falhou, a iniciativa foi relegada ao Exército. Eisenhower buscou evitar que programas acabassem se sobrepondo ao criar a NASA.⁸⁸

No que se refere à concessão de orçamentos para fins do setor de Defesa, eventos pontuais também implicavam em uma maior pressão para que o país pudesse corresponder aos desafios do contexto de corrida armamentista na Guerra Fria. Eisenhower herdou a Guerra da Coreia do governo Truman, ao encerrar o conflito, o então presidente buscou manter os gastos militares sob algum limite, formulando uma política de segurança que coubesse no orçamento. Mas se deparou com as pressões políticas da corrida armamentista e da necessidade de se manter na dianteira, especialmente em vista do chamado *bomber gap* e do lançamento do satélite *Sputnik*; além disso a União Soviética havia desenvolvido mísseis intercontinentais antes dos EUA, cujo sistema de defesa aérea não tinha capacidade técnica para impedir um ataque. Estes fatores da corrida armamentista deram o tom desta pressão sobre o governo Eisenhower na década de 1960 impulsionando um processo que havia iniciado a partir da

⁸⁷ Ibid., p. 340.

⁸⁸ Ibid., p. 342-343.

Segunda Guerra, a aproximação da política macroeconômica do país e do oligopólio da indústria armamentista: “The military-industrial complex pushed public policy in the direction of more and better weapons, expansion of roles and missions, and mobilization of the civilian economy in the service of the state”.⁸⁹

Ao final dos anos 1950, dentre as principais que chegaram à lista de maiores empresas da Forbes, entre as cinquenta primeiras, trinta eram da indústria armamentista, ou melhor, eram *defense contractors*. O autor descreve o funcionamento da dinâmica desta relação entre os poderes governamentais e da indústria militar, conceituada segundo o complexo militar-industrial do discurso de Eisenhower, chamado também pelo presidente de *delta of power*:

Eisenhower’s ‘delta of power’ became an arena in which powerful political and economic forces contended for defense contracts. Would-be contractors lobbied their legislative representatives to pressure the Defense Department in favor of their bids. Legislators sought defense contracts on their own initiative, both to bring dollars to their district and to encourage campaign contributions from constituent contractors. The military services curried favor with legislative allies by placing contracts in their states and districts. Finally, the services realized that distributing contracts and subcontracts across a broad array of congressional districts provided political insulation against cancellation of their programs.⁹⁰

Esta “complexa e sofisticada infraestrutura” da indústria armamentista foi adotada inclusive para políticas domésticas no âmbito de programas nucleares e persistiu para além da Guerra Fria, como o exemplo do submarino *Seawolf*, cuja construção tratava-se de um programa de empregos na cidade sede da *Electric Boat Company*, durante a administração de Bill Clinton na década de 1990. No governo Carter, ao final dos anos 1970, a demanda pelo avião sucessor dos B-52 (“the workhorse of America’s strategic bomber force and a mainstay of the air campaign in Vietnam”), reviveu o projeto dos aviões *Valkyrie* (os B-70) e Ronald Reagan, nos anos 1980, colocou os novos B-70 em produção, sensível ao potencial da indústria aeroespacial em seu estado natal, a Califórnia.⁹¹

Em uma chave de compreensão capitalista, o setor militar era do reino dos empreendimentos de livre mercado e um “veículo de expansão capitalista”. Na perspectiva marxista, a indústria armamentista era formada por um oligopólio, as armas criavam sua própria demanda, o desenvolvimento de novas armas garante que o estoque de armas obsoletas possa ser vendido para países estrangeiros – desta forma, a obsolescência tecnológica cumpria dois papéis, formava uma base de mercadorias como nova fonte de receita (dispositivos obsoletos

⁸⁹ Ibid. p, 355-356.

⁹⁰ Ibid., p. 357.

⁹¹ Ibid., p. 358.

são colocados à venda no mercado nacional e estrangeiro) e a constante demanda por novidades.⁹²

A *California Eastern* pôde expandir seus ativos a partir da primeira e diversificar-se na onda da segunda. Como colocado anteriormente, companhias aéreas *non-scheduled* se aproveitavam de aeronaves militares ociosas colocadas para aluguel e venda no mercado do setor; em meados dos anos 1950, a empresa já adquiria contratos com a Marinha e Força Aérea para manutenção e modificação de equipamentos militares, especializando-se no ramo de tecnologia eletroeletrônica.

Outra característica do desenvolvimento tecnológico na Guerra Fria é o determinismo tecnológico urgente e infalível, mesmo que alguns programas custassem demasiadamente e não mostrassem eficiência, mesmo que as promessas de determinadas tecnologias de armamentos não fossem cumpridas, a íntima relação entre políticos e a indústria armamentista no contexto da Guerra Fria, tornavam com que estes programas dificilmente pudessem ser interrompidos. O esforço no desenvolvimento de tecnologias que conquistaram a vitória no período e revolucionaram a vida moderna também foi marcado por uma forte capacidade mobilizadora de recursos via Estado.

As tecnologias desenvolvidas e utilizadas no pós Guerra Fria alteraram decisivamente os campos de batalha. Ao mesmo tempo, os impactos na vida social e política não foram despercebidos, os custos excessivos pagos às empresas sob serviços do setor de Defesa, escândalos de corrupção, a privatização do setor de segurança em oligopólios, conflitos de interesse no intercâmbio de funcionários públicos e da indústria de defesa, são exemplos. Se o CMIA foi responsável pela vitória dos EUA na Guerra Fria, não o fez ao baixo custo. Para mantê-lo em funcionamento nos diferentes contextos, a partir de diferentes ameaças e novas possibilidades tecnológicas, a administração econômica foi conduzida mais pelo “imperativo das políticas estatais” do que por “forças de mercado”.⁹³

O tom de advertência no discurso de Eisenhower pode fazê-lo ser percebido como uma denúncia, mas talvez sua maior potência esteja no anúncio de um projeto que tomaria conta da política nacional e internacional. A proeminência da elite tecnocientífica no Estado, gestada a partir do campo de especialistas em violência, a submissão da macro política nacional a uma urgência pautada mais pelo medo do que pela prudência, comprometer o próprio projeto nacional da democracia liberal em confronto com a *command economy* são elementos de alerta

⁹² Ibid. p. 348-349.

⁹³ Ibid., p. 359-360.

colocados pelo presidente, mas o período posterior sugere que se tratava de um processo consolidado, já em curso. As dificuldades enfrentadas para a condução de tantos programas de desenvolvimento tecnológico bélico a partir das diferentes unidades do Exército (Marinha, Força Aérea, que acabavam por competir pelos programas) e a sobreposição destes, a política externa significativamente pautada pelas análises fornecidas pela comunidade de inteligência, a formação de um sistema nacional de inovações que demandava um estado permanente de emergência nacional - “The economy had grown so dependent on military spending that an outbreak of Peace might send it spiraling into recession” - e a condução da macro política como indutora do desenvolvimento tecnológico sob demanda militar - “The result was a command economy by indirection—state support of the war industry as an end in itself”.⁹⁴

4.1.2. O custo econômico associado às consequências políticas

Na compreensão de Eisenhower, o país vencedor seria aquele que conseguisse articular sua política de segurança sem se conduzir à falência. Fato é que esta queda de crescimento econômico não sucedeu nos EUA, proporcionalmente, os gastos militares não resultaram em queda de atividade econômica. Em boa medida, o que se viu foi um crescimento econômico que absorveu os impactos dos empreendimentos da grande ciência, defendidos pela elite técnico-científica e o crescimento de determinados setores da economia que pudessem colher os louros das inovações. No caso dos departamentos de ciência universitários, aqueles com contratos com o governo ganhavam maior proeminência.⁹⁵

Como dito anteriormente, o presidente iniciou seu mandato durante a Guerra da Coreia, a levando ao fim em 1953. Em termos de inteligência o início do conflito foi uma surpresa para os EUA enfatizando a necessidade de se congregarem o volume de análises da comunidade de inteligência, cuja criação da NSA foi seu resultado lógico, nos termos de Roland. Nos aspectos militares, novas estratégias foram utilizadas para o conflito de menor escala do que o visto nas duas guerras mundiais, a utilização do helicóptero foi a novidade do período, como colocado por Medeiros. Poucos meses antes do conflito irromper, em 1950, o Departamento de Estado e o Departamento de Defesa elaboraram um documento contendo as diretrizes das políticas de segurança nacional, o *National Security Council Paper NSC-68*, nele, os objetivos partiam da premissa de que era dever do país garantir uma “comunidade

⁹⁴ Ibid., p. 350-351.

⁹⁵ Ibid., p. 356-357.

internacional saudável”, em prática, isso significava a manutenção de sua posição hegemônica cuja liderança seria garantida inclusive devido ao seu poder militar.

No contexto da Guerra Fria, uma comunidade internacional saudável na perspectiva dos Estados Unidos não poderia advir do projeto político soviético, mesmo que isso significasse a realização de operações secretas na Europa contra a ascensão de governos aliados a Moscou ao fim da década de 1940. A *California Eastern* logo se candidatou para o programa de doações de alimentos chamado Movimento Trem da Amizade (*Train of Friendship*), uma iniciativa civil que visava uma demonstração neutra de apoio às populações devastadas pela guerra, na tentativa de demonstrar um apoio “verdadeiro” em comparação com as iniciativas soviéticas destinadas a mitigar os efeitos da fome.

O governo dos EUA também tinha sua própria agenda para evitar que governos aliados a Moscou tomassem o poder, em verdade, em diversas regiões do mundo que estivessem sob esta ameaça de governos comunistas que potencialmente pudessem administrar outros países, a CIA utilizava recursos oriundos de seu financiamento para criar e apoiar grupos anticomunistas e outros meios importantes para fins de agitação e propaganda, como a imprensa.

Pode-se citar o caso da Itália e da França em 1948, além de outras operações envolvendo agentes paramilitares na Rússia e Albânia, ilustrando como já se travavam “guerras culturais” pela Europa. A CIA conduziu atividades desta estirpe também nos anos 1950, derrubando o governo iraniano em 1953 e o da Guatemala em 1954, mas não só, promoveu ações deste tipo na Guerra da Coreia, nas Filipinas em 1953, na Guerra do Vietnã, entre outros exemplos, conduzindo operações que diziam respeito à organização de grupos de resistência aos governos ou mesmo atuando para derrubar aqueles aliados à Moscou. Entre 1953-1961, operações clandestinas responderam por 54% do orçamento da CIA.⁹⁶

Tais operações podem ser observadas como uma nota de rodapé na história, entretanto, o orçamento federal destinado aos militares é um elemento notável de debate público, acadêmico e político. Após a aprovação da NSC 68, as subseqüentes propostas suplementares de aumento de gastos indicavam que esta seria uma tendência recorrente, num contexto de disputa com a União Soviética devido à Guerra Fria, bem como devido à necessidade de manutenção da posição hegemônica, o que pode ser descrito como a manutenção de uma comunidade internacional “saudável”. As críticas em relação ao orçamento poderiam advir de dois polos ideológicos, havia um medo de que se gastasse muito, assim como

⁹⁶ PRADOS, 2007, p. 325.

um medo de que não se gastasse o suficiente, uma vez que cortes no setor de Defesa implicariam em um estado de vulnerabilidade a ataques e movimentações geopolíticas de fortalecimento do regime soviético.

As críticas em relação à pressão dos militares no orçamento público e às possíveis consequências catastróficas para a economia e para a sociedade podem ser resumidas da seguinte maneira:

(...) by consuming an inordinate share of national resources, runaway military spending could damage the economy. It diverted investment away from more economically beneficial uses, and fueled inflation. It warped fiscal priorities, forcing tax increases or diverting funds from domestic priorities such as education, health care, and social welfare. Perhaps most importantly, permanent high levels of military spending promised to distort American politics and society, creating a constituency for militarism.⁹⁷

A disposição dos governos e da população no país em aumentos constantes dos gastos com o setor militar, em verdade, tinha limites. Ainda que destinar grandes orçamentos às políticas de segurança tenha efeitos políticos e econômicos, não resultou no colapso que se temia, pelo menos em termos de economia nacional. O período pós-Segunda Guerra apresenta dois fatores aparentemente contraditórios: a escala de aumento dos gastos no contexto de fato não teve precedentes e ao mesmo tempo é possível enxergar a imposição de limites neste aumento. Os gastos não são progressivamente lineares, há flutuações consideráveis. É possível falar em um grande aumento devido às diretivas da NSC 68, somada à Guerra da Coreia, um fator que pôde impulsionar os gastos que seriam necessários. Posteriormente a maior flutuação em direção a um aumento proporcionável relativamente considerável se deu no período da Guerra do Vietnã, novamente na Era Reagan e nos anos 2000 após os ataques terroristas às Torres Gêmeas.⁹⁸

As diretivas da NSC 68 e logo depois a Guerra da Coreia, inflaram os gastos destinados aos militares no orçamento público, quando atingiu o exclusivo patamar de 70% do orçamento federal. Ainda não se viu novamente um aumento explosivo como este na parcela orçamentária destinada aos militares, desde o fim da Guerra Fria este patamar não passou de 20%. Em termos de Produto Interno Bruto (PIB), no imediato pós-Segunda Guerra, os gastos militares respondiam por 10%, esta proporção caiu para 4% ao final, isso porque o orçamento federal e a economia estadunidense apresentaram um grande crescimento. A falta de aumentos em termos de disputa do orçamento federal não necessariamente implica em um

⁹⁷ FORDHAM, B. Paying for global power assessing the costs and benefits of postwar U.S. Military spending. In: BACEVICH, Andrew J. (org.). *American Empire: The Realities and Consequences of U.S. Diplomacy*. Nova York: Columbia University Press, 2007, p. 372.

⁹⁸ *Ibid.*, p. 373.

enfraquecimento do poder militar, mas a queda na proporção destinada aos gastos militares sugere a existência de limites na disposição de se garantir aumentos sucessivos, ainda que houvesse a manutenção de um estado de emergência nacional colocado pelos desafios da segurança nacional.⁹⁹

Segundo as diretivas da NSC 68 foi possível alocar os recursos necessários para implementá-las graças a Guerra da Coreia, iniciada no governo de Truman. Em 1953, com a eleição de Eisenhower, os gastos militares caíram para 20% até 1956, se mantendo neste patamar até o fim de seu mandato. Como dito, o então presidente enxergava a Guerra Fria não só como uma competição militar, como também econômica. Eisenhower restringiu, de fato, os orçamentos militares. Contratos *prime* que somavam anualmente uma média de U\$176 bilhões durante a Guerra da Coreia para U\$87 bilhões entre 1954 e 1960 (dólares referentes ao ano de 2007).¹⁰⁰

Já na metade dos anos 1960, as críticas relativas aos gastos militares não mais se concentravam nesta preocupação com as consequências na economia nacional e passaram a ser pautadas mediante a necessidade de gastos em programas de seguridade social. O então presidente L. Johnson buscou restringir os aumentos para o orçamento militar. No sentido contrário, o governo Reagan teve uma política agressiva de aumento, cujo efeito político foi mitigado devido à proporção relativamente baixa que consumia do orçamento federal. Quando houve uma nova queda nos gastos nos anos 1990, este patamar se manteve até o início dos anos 2000.¹⁰¹

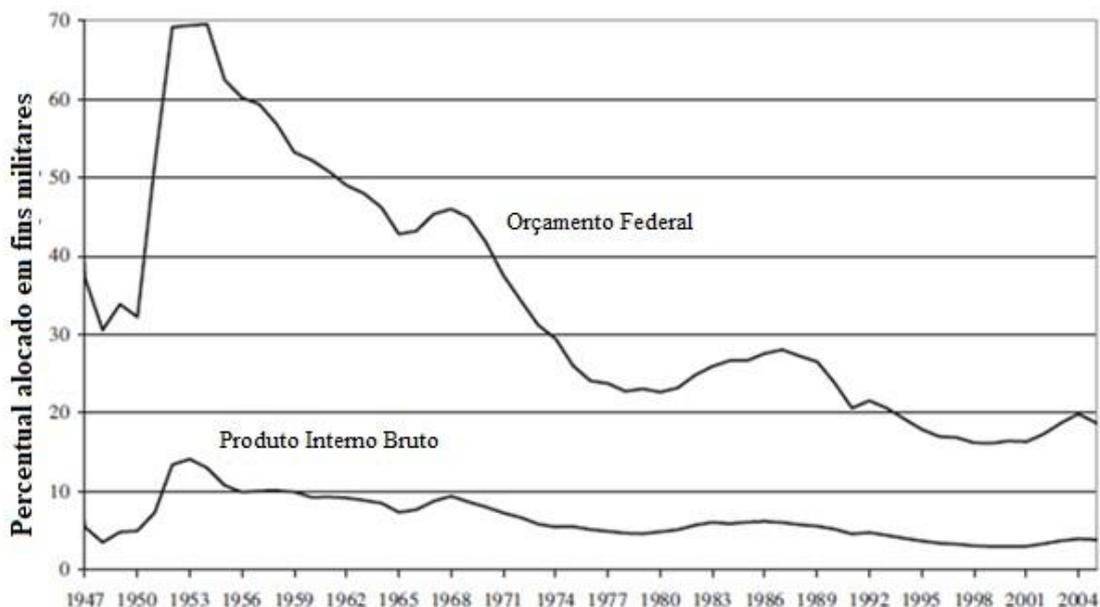
O Gráfico 1 abaixo pode apresentar com maior clareza a trajetória de gastos militares proporcionais ao orçamento federal, apresentando uma queda, com algumas flutuações, exceto pelo período em que a NSC 68 fora aprovada e a subsequente Guerra da Coreia.

⁹⁹ Ibid., p. 376-377.

¹⁰⁰ Ibid., p. 388.

¹⁰¹ Ibid., p. 377-379.

Gráfico 1 – Proporção da Defesa na Economia e no Orçamento Federal – Estados Unidos – 1947-2004



Proporção da Defesa na Economia e no Orçamento Federal

Fonte: *Office of Management and Budget*

Elaboração: FORDHAM, B. Paying for global power assessing the costs and benefits of postwar U.S. Military spending. In: BACEVICH, Andrew J. (org.). *American Empire: The Realities and Consequences of U.S. Diplomacy*. Nova York: Columbia University Press, 2007.

Acerca do impacto dos gastos militares no orçamento federal, uma linha crítica sugeria que isso seria danoso para a performance da economia nacional, entretanto, a participação dos gastos militares no orçamento federal não gerou os efeitos adversos alertados. Os gastos militares podem afetar a economia de duas formas: disputa pela alocação dos recursos e *spillover* do setor militar para o civil. Se os impactos são positivos ou negativos para a economia depende da conjuntura político-econômica, em períodos de pleno emprego, desviar investimento público para o setor militar gera redução de crescimento econômico, além disso, a demanda por matéria-prima pode gerar alta de preços das commodities e inflação. Mas se há uma capacidade ociosa significativa da economia, o investimento de trabalho e capital que não estão ocupados potencialmente poderia gerar crescimento. Exemplos históricos podem ser citados, a recuperação da Grande Depressão durante a Segunda Guerra e o efeito contrário, ilustrado pelo impacto econômico da Guerra do Vietnã, quando se verificava maior taxa de população ocupada, os gastos militares foram responsáveis pela alta inflacionária.¹⁰²

¹⁰² Ibid., p. 382-383.

Estes momentos são exemplos pontuais e não refletem a norma, no geral. Durante a Guerra Fria os orçamentos destinados aos militares refletiram em baixo impacto na economia. Mediante o papel dos militares no sistema nacional de inovação, em que as tecnologias que revolucionaram a vida moderna foram geradas e desenvolvidas a partir desta parceria, o chamado *spillover* das tecnologias e de mão de obra especializada tiveram impacto na produtividade econômica e no âmbito da economia civil.

Mas, ainda que possa se falar em termos de aumento dos gastos militares, a prevista disputa entre os recursos públicos não fora alarmante, o orçamento militar não limitou o investimento público durante a Guerra Fria, de forma que o crescimento econômico dos EUA pôde absorver o impacto do orçamento destinado à questão militar. Apesar disso, de fato, pode-se falar em flutuações expressivas, em especial durante a Guerra da Coreia e a Guerra do Vietnã, quando as respectivas administrações optaram por restringir alguns programas sociais. Ainda assim, na década de 1950 os cortes em programas sociais não se comparam ao aumento dos gastos militares, se houve uma troca, não foi esta. Os custos políticos que demonstraram ter proeminência, apesar das críticas concentradas nos impactos para a economia, para Truman durante a Guerra da Coreia e para Johnson na Guerra do Vietnã:

As had been the case during the Korean War, the ensuing cuts in domestic spending did not compensate fully for the expenses associated with Vietnam, but the war's costs clearly undermined support for Johnson's domestic programs. *Political realities proved more important than economic ones.*¹⁰³

Os custos políticos do aumento de gastos para o setor militar afetaram também o processo decisório do Pentágono de alocação dos recursos, os investimentos em inovação tecnológica pesavam no orçamento. Os custos com o efetivo militar também cresceram mais do que o dobro, em boa medida pela necessidade de tornar o alistamento mais atraente, que em 1973, passou a ser voluntário. Também é possível apontar a inflação dos bens e serviços consumidos pelas Forças Armadas, que inclusive, cresceram a uma taxa maior do que o visto na economia em geral, o que também foi um fator a ser levado em consideração acerca do foco de seus gastos. A busca por empresas e profissionais especializados no ramo tecnológico significava uma força de trabalho intensiva em capital e, portanto, devido aos custos, um contingente menor que seria suprido pelos avanços tecnológicos. Ainda assim esta concepção sustentava limites práticos.

Because even technologically superior forces cannot be in two places at once, small size limits the number of operations that can be conducted simultaneously. Moreover,

¹⁰³ Ibid., p. 384, grifo meu.

some missions, such as peacekeeping, occupation, and counterinsurgency, are unavoidably labor-intensive, requiring the presence of large numbers of troops on the ground. *If the United States cannot provide these troops, it will have to outsource this function, relying on mercenaries (in contemporary parlance, contractors) or allies to take up the slack. Yet mercenaries are expensive and less than fully reliable.*¹⁰⁴

Ainda que o orçamento destinado aos militares não tenha comprometido o crescimento econômico, as características distributivas da alocação de recursos e as diferentes demandas para produção industrial tiveram impactos importantes para a formação das políticas de segurança nacional. A diferenciação distributiva regional de alocação dos contratos, criação de novas indústrias e mesmo reconversão industrial teve início na Segunda Guerra. Uma característica: áreas com baixas taxas de emprego e produtividade industrial eram mais baratas para construção de indústrias e aproveitamento de mão de obra desocupada abundante.

O legado da Segunda Guerra se divide em dois aspectos principais: regiões que já dispunham de um parque produtivo tinham a expectativa de receberem contratos, no contexto da Guerra Fria, é o caso do Sul e do Oeste do país; além disso, o setor industrial existente durante a Segunda Guerra cresceu significativamente, aumentando a importância da produção industrial fora da região Nordeste. A distribuição regional também revelava uma disputa partidária entre onde Democratas ou Republicanos eram mais fortes, mas não só, as diferentes demandas colocadas pelas estratégias empenhadas na Guerra da Coreia e na Guerra do Vietnã também compõem um fator considerável para pensar a alocação dos investimentos regionais.

The Democrats favored spending for conventional forces, although that commitment declined over time, and disappeared altogether under the Clinton administration in the 1990s. Republican administrations from Eisenhower through the younger Bush tended to favor strategic forces and to emphasize strategies that relied more heavily on technological advances. These preferences turned out to have important implications for the regional distribution of military spending, as well as for the content of the arsenal.¹⁰⁵

Compreende-se assim que a implementação da NSC 68 juntamente com a Guerra da Coreia revelava a preferência dos Democratas pelo uso de forças convencionais, a manufatura portanto envolveria a indústria armamentista de aviões, tanques, helicópteros, aparatos pouco intensivos em tecnologia e cujo desenvolvimento da manufatura poderia ser melhor aproveitado para uso civil, o que favorecia os estados cujo eleitorado era predominantemente favorável aos Democratas. A reconversão industrial na região, voltada para demandas de guerra, foi facilitada pela Guerra da Coreia, que criou um pressuposto imediato

¹⁰⁴ Ibid., p.382, grifo meu.

¹⁰⁵ Ibid., p. 386.

para este processo na região Nordeste do país. Inclusive que incluíam centros de manufatura aeroespacial, como a Califórnia, local de origem da *California Eastern*.

Com a Guerra do Vietnã, novamente ressurgiu a demanda para reconversão industrial de produção de uso civil para militar e de matéria prima, para o “*manufacturing belt*” isso significava novas possibilidades contratuais. Mas, uma importante diferença demarcava o processo que ocorreu na década de 1950 e se refere à demanda dos artefatos a serem produzidos, uma vez que a estratégia para o conflito estava centrada no uso de tecnologias. Além disso, o governo Johnson não projetava as políticas de forma a serem mantidas no período após o conflito, houve uma baixa demanda para reconversão da manufatura civil para empreendimentos de larga escala para manufatura bélica. A distribuição regional também foi menos concentrada no país durante a Guerra do Vietnã em comparação com a da Coreia. Ao passo em que na década de 1960 o parque produtivo da região Nordeste do país seguiu em produção voltada para consumo civil, os contratos para a Guerra do Vietnã foram para outras regiões do país.¹⁰⁶

O aumento do orçamento militar durante a Era Reagan também revelou características diferenciadas do que fora visto anteriormente, além de durar consideravelmente mais tempo do que nos outros momentos em que houve este aumento, as prioridades assemelhavam-se às colocadas por Eisenhower, com foco em forças militares estratégicas e no uso de tecnologias. Esta diferença de prioridades entre Democratas e Republicanos esvaeceu com o governo Clinton, na década de 1990, “opting instead to continue Republican-style reliance on better technology and fewer personnell.” Em termos de distribuição regional, estados que compunham o “gunbelt”, localizado mais ao Sul e Oeste, foram mais favorecidos do que os do “rust belt”, no Nordeste, um processo iniciado na Era Reagan e continuado por Clinton na década seguinte. A característica da desigualdade distributiva regionalmente também estava manifesta em um caráter de classe, os gastos com salários de militares eram superiores no Sul e Oeste do que no Nordeste, isso por conta da presença de mais bases militares nas primeiras regiões do que nesta segunda.¹⁰⁷

O autor apresenta um outro elemento a ser considerado: o posicionamento partidário de Democratas e Republicanos acerca das propostas de orçamentos para o setor militar. Na década de 1960, passo em que liberais tendiam a apoiar tais propostas, conservadores demonstravam uma tendência de oposição. Este posicionamento se transformou

¹⁰⁶ Ibid. p. 388-389.

¹⁰⁷ Ibid., p.389-393.

durante os anos 1970 até o fim da Guerra Fria. Alguns fatores explicam esta mudança. Liberais associavam-se às exigências sindicais da classe urbana nordestina, no período em que contratos com o governo favoreciam as indústrias da região, o partido se posicionava favorável. Outras questões econômicas podem ser elencadas, os orçamentos militares provenientes do aumento de impostos e de déficits orçamentários implicavam em um aumento inflacionário, exigindo intervenção estatal, um princípio contrário ao discurso conservador. É também necessário enxergar a importância dos efeitos políticos das decisões em políticas de segurança.

Liberal support for defense outlays waned as the benefits of these outlays for heavily unionized industries in the Northeast and their poverty-reducing side effects diminished. At the same time, conservative support for military spending grew as its consequences for taxes, regulation, and government spending changed.¹⁰⁸

A disparidade de posicionamento acerca da estratégia empenhada a partir das políticas de segurança não foi observada em termos de monitoramento e supervisão da comunidade de inteligência, que também apresentava seus custos políticos. Tal como emerge um padrão das transformações institucionais enquanto resultados de eventos externos catalisadores das mudanças, as tentativas de ampliar a supervisão das ações desta comunidade também resultaram de eventos catalisadores, mas o que se pode abstrair como o principal denominador comum entre estas tentativas é que as diferentes administrações governamentais no Executivo nunca abriram mão de sua prerrogativa exclusiva de acompanhamento da comunidade de inteligência. Mesmo que o Congresso lançasse iniciativas para investigações pontuais ou buscasse criar mecanismos permanentes de supervisão das atividades, os órgãos de inteligência se reportavam diretamente ao chefe da Casa Branca. Ainda que houvesse um problema regular nesta falta de monitoramento e supervisão, os poderes Legislativos se movimentavam essencialmente quando casos polêmicos ganhavam notoriedade pública ou grandes falhas de segurança: “demands for reform have been less effective catalysts than blatant intelligence failures”.¹⁰⁹

Os momentos em que reformas institucionais entraram em pauta foram: meados da década de 1950, quando Eisenhower respondeu a uma tentativa do Congresso em estabelecer um comitê conjunto de investigação das operações de Inteligência, o então presidente ofereceu como alternativa a criação de um conselho de consultores em atividades de inteligência ocorrendo no estrangeiro; tal conselho chegou a ser abolido por J. Kennedy, mas após a ação frustrada de paramilitares da CIA, em 1961, no episódio chamado de Baía dos Porcos, em Cuba,

¹⁰⁸ Ibid. p. 397.

¹⁰⁹ PRADOS, 2007, p. 312.

o conselho retornou com uma outra unidade, mas de mesma função (manter a supervisão sob prerrogativa exclusiva do Executivo e desviar das tentativas de monitoramento via Legislativo).¹¹⁰

Outro momento importante foi o ano de 1975, conhecido como “the year of intelligence” devido às extensas investigações conduzidas pelo Legislativo, cujos questionamentos surgiram, em especial, devido à possível atuação da CIA na Guerra do Vietnã, ao se envolver em assassinatos, torturas em interrogatórios, entre outras ações questionáveis. A participação da agência no golpe de Estado no Chile também se tornou assunto politicamente sensível, mas apesar disso, o catalisador direto das iniciativas de monitoramento da agência foi a descoberta das atividades domésticas da CIA, contra cidadãos de seu próprio país.¹¹¹

Durante a Era Reagan, em 1984, vieram à tona atividades da CIA na Nicarágua, de implantação de minas subaquáticas nas zonas portuárias do país; mas o verdadeiro catalisador foi o *Iran-Contra-Affair*, quando a CIA e a Casa Branca apoiavam rebeldes na Nicarágua com financiamento extraído do mercado ilegal de armas no Oriente Médio conduzido pelos EUA. O *Iran-Contra-Affair* ocorreu entre 1986-1988, Reagan buscou justificar as operações clandestinas e no período se revelou como os mecanismos internos da Casa Branca de supervisão dos serviços conduzidos pela comunidade de inteligência estavam negligenciados.¹¹²

Em âmbito doméstico, os efeitos da disparidade regional na alocação dos investimentos militares mostraram ter maior impacto do que o orçamento destinado ao setor militar como um todo para a economia nacional. Os diferentes governos e demandas a partir da concepção estratégica de cada conflito também contribuíram para uma transformação geográfica do parque produtivo: “The distributional effects of military spending were both a cause and a consequence of political divisions over national security policy (...) politics drove spending decisions and determined their distributive consequences”. Ainda que houvesse um acordo em relação à importância e aos objetivos das políticas de segurança, ainda assim se criaria uma divergência distributiva entre regiões e classes sociais. A “natureza política das decisões” revelou-se de maior significância do que o alarmismo das terríveis consequências

¹¹⁰ PRADOS, 2007.

¹¹¹ FORDHAM, 2007, p. 397-398.

¹¹² Outras questões podem ser abstraídas acerca de algumas atividades da CIA serem questionáveis, participando de operações clandestinas contra insurgência em toda América Latina, que vieram à tona nos anos 1980 ou nos anos 1990, em que se revelou como a CIA mantinha agentes envolvidos na tortura de cidadãos inclusive de seu próprio país. As restrições estabelecidas para suas atividades foram suspensas após o 11 de setembro, reduzindo ainda mais a supervisão por parte do Congresso e do Senado (PRADOS, 2007, p.309-312).

para a economia, desta forma, a disposição da população e dos governos em arcar com os gastos militares encontra limitações mais no campo político do que econômico.¹¹³

Dentre a advertência de Eisenhower e críticos da submissão da economia às demandas da Guerra Fria, estava a perspectiva de que o aumento de impostos, a expansão burocrática, fortaleceria o Estado e privilegiaria a ação estatal em detrimento de um ambiente regido pelos princípios de livre mercado, além disso, a pressão política dos militares nas instâncias governamentais enfraqueceriam o modelo político democrático, sacrificando “core political values in their quest for power and profit.”¹¹⁴

4.1.3 Militarização como pacto social

De início, o termo introduzido por Eisenhower pouco circulou nos âmbitos políticos e havia inclusive um certo ressentimento da comunidade científica ao ser mencionada como uma elite a se ter cuidado. Somente a partir da Guerra do Vietnã o termo foi popularizado, mas não só, fora também ressignificado, se distanciando em certa medida da concepção inicial. Em campanha eleitoral contra Eisenhower, John F. Kennedy, o acusava de não conseguir manter a paridade dos EUA frente às ameaças da União Soviética na corrida armamentista, e o país norte-americano deveria se colocar disposto a vencer o projeto tirânico dos soviéticos contra a liberdade e a democracia a qualquer custo. A Guerra do Vietnã trouxe à tona o conceito, agora apropriado em um contexto dos custos também políticos do envolvimento no conflito, como a geração de um movimento antiguerra nas camadas sociais. O conceito passou a ser utilizado para falar de operações militares fracassadas de alto custo e do imperialismo racista norte-americano, estando mais associado à consciência política da população acerca da guerra do que apenas sobre as políticas industriais induzidas pela Guerra Fria, como inicialmente colocado por Eisenhower.¹¹⁵ O campo acadêmico buscou compreender os significados e as consequências do CMIA, tratava-se de algo para além de um *lobby*, constituindo-se um tropo:

This tendency recurred in books and articles. Dozens of books on the military industrial complex appeared in the early 1970s: inflamed polemics, whistle-blowing and muck-raking exposés, scholarly analyses, and political tracts (...) most found the complex even more sinister and dangerous than the simple lobby that Eisenhower had experienced. Rather, they said, the military-industrial complex was symptomatic of a darker current in American life. Not only did it subvert public policy and undermine the constitutional powers of elected officials, but it also eroded the very principles for

¹¹³ FORDHAM, 2007, p. 397-398.

¹¹⁴ Ibid., p. 385.

¹¹⁵ ROLAND, 2007, p.344-345.

which the country stood and led to immoral and even illegal acts at home and abroad.¹¹⁶

Samuel P. Huntington, ao pensar as relações entre civis e militares, coloca o militarismo como uma questão cultural, o sistema colocado para lidar com as ameaças da URSS, eram incompatíveis com os valores liberais dos EUA. A subordinação dos militares ao Estado foi reconciliada a partir de um militarismo cívico, os soldados que se prontificavam ao serviço militar quando necessário, retornando à vida civil nos tempos de paz. Este militarismo cívico foi colocado em xeque a partir das demandas peculiares colocadas pela Guerra Fria. A proposta de Huntington, era de um controle objetivo (*objective control*), em que os militares teriam a autonomia necessária em troca de não se envolverem em assuntos políticos, sendo a melhor resposta para que o militarismo não pudesse se impor completamente. Para ele, a dificuldade estava em tornar um exército forte o suficiente para lidar com as ameaças à segurança sem que enfraquecesse instituições democráticas. Esta perspectiva vai de encontro ao que Eisenhower colocava como um alerta ao potencial de *lobby* militar na condução das políticas nacionais. Mas, a reformulação do conceito de CMIA mediante a Guerra do Vietnã, o utilizava como a própria concepção de militarização.¹¹⁷

A Guerra do Vietnã era lucrativa, consumia a produção armamentista, funcionava como fonte de demanda para o desenvolvimento de novas tecnologias e garantia oportunidades de serviços para empresas privadas, como a própria *Dynalectron*, o nome da companhia no período em que atuara no conflito. Mas, evidenciou como os lucros concentrados contrastavam diretamente com os salários e condições de vida dos trabalhadores que eram enviados para a guerra.

Indeed, Vietnam as a capitalist project appeared to confirm classical Marxist theory that capitalism had to keep growing to survive, had to support imperialism in the constant search for new resources and new markets. Class as a category of analysis explained how the defense industry worked and why it found war lucrative and painless. A monied elite used war and preparation for war to gain control over a growing percentage of the nation's wealth.¹¹⁸

Mesmo as soluções buscadas pela nova administração não desviaram do “capitalismo do pentágono” (*pentagon capitalism*), com a eleição de J. Kennedy, seu escolhido para secretaria de defesa, Robert McNamara, buscou lidar com os problemas orçamentários e com o lobby do setor militar por orçamentos, ao implantar soluções de racionalização de custos da iniciativa privada para o setor público. No processo essa administração conferia o poder

¹¹⁶ Ibid., p. 346.

¹¹⁷ Ibid., p. 346-347.

¹¹⁸ Ibid., p. 349.

deliberativo das políticas nacionais nas mãos da elite política, militar e econômica, integrando ainda mais a relação entre a indústria militar e o Legislativo, em que a delimitação das esferas de atividades civis e de militares ficou menos inteligível, “politizando os militares e militarizando os civis.”

A ideia do complexo militar industrial reformulada a partir da Guerra do Vietnã passou a significar também os desvalores de autoritarismo, racismo e imperialismo dos EUA, girando em torno da militarização e do capitalismo, conceituando toda a máquina de guerra do país, seus propósitos de manutenção hegemônica, deturpação de princípios democráticos e as consequências no campo social:

Imperialism was simply the logical result of mixing capitalism and militarism. Racism was a universal solvent that eroded human decency and revealed the profound injustice lurking beneath American pretensions to be a liberating and ennobling force in the world.¹¹⁹

No pós-Guerra Fria, estudos levaram a vertentes diferenciadas de análise do fenômeno, resultando em conclusões divergentes. Roland elenca discussões do período entre 1995 e 2000, apresentando os autores Michael Sherry e Aaron Friedberg, ambos colocavam a questão do militarismo e da elite política militar como uma sombra que pairava sobre os EUA, esta sombra seria a militarização e o estatismo, respectivamente. Sherry pensava a discussão em termos de discurso público e Friedberg apresentava as bases materiais do CMIA, enfatizando a estrutura de poder do sistema de Defesa nacional.

A discussão de Sherry elenca os padrões de militarização, em que a formação do CMIA no início da Guerra Fria foi um efeito, não uma causa.¹²⁰ A retórica militar já estava presente nas palavras do presidente Roosevelt em 1933, quando falava em tratar o desemprego com o mesmo senso de emergência que traria uma guerra, os termos militares presentes na memória política e social eram reflexo da militarização: “the process by which war and national security became consuming anxieties and provided the memories, models, and metaphors that shaped broad areas of national life.” Seu livro utilizava metáforas para pensar o militarismo na retórica pública desde a Grande Depressão em como os termos foram adotados como valores nacionais, perpetuado inclusive em termos de cultura popular. Se a sociedade e seus modelos e concepções são militarizados, o CMIA torna-se um sintoma, mais do que a doença em si. Para

¹¹⁹ Ibid., p. 351.

¹²⁰ Segundo Roland (2007, p. 354) o autor apenas realiza um apontamento da existência de um embate teórico acerca das diferentes concepções e terminologias da relação imbricada entre economia, indústria armamentista e militarização, em que se fala de “economia de guerra permanente”, “keynesianismo militar” e “complexo metropolitano-militar”. Mesmo as críticas suscitadas pela Guerra do Vietnã foram descritas por Sherry como efeitos da crise política gerada pelo conflito, mais do que um elemento catalisador.

Sherry, a Força Aérea estava tomada por um “technological fanaticism”, concentrada em avanços tecnológicos mais do que por estratégias de bombardeio. O caminho da militarização colocado pelos líderes políticos parece ter iniciado mesmo antes do fim da Segunda Guerra, cuja trajetória se fixou em meados do início da Guerra da Coreia.¹²¹ Nesta trajetória, segundo Sherry, os líderes políticos:

Sought to disseminate an ideology of preparedness, to forge a permanent military-industrial-scientific establishment, to reorganize the armed forces, to institute a permanent system of universal training, to acquire far-flung military bases, to occupy defeated enemies with American forces, to retain a monopoly of atomic weapons, and to create a high-tech Pax Aeronautica.¹²²

No caso de Friedberg, elencava-se a discussão da disputa da Guerra Fria em torno de dois sistemas políticos e econômicos diferentes, cujo perigo de embarcar na corrida armamentista em que as demandas militares sobrepõem a prudência de gastos e exigem cada vez mais altos investimentos em uma economia comandada pelo Estado em detrimento do capitalismo de livre mercado. A resposta para pensar esta dinâmica, utilizada por Friedberg, foi pensar a militarização pautada pela administração pública, isto é, se concebida a existência de um complexo militar-industrial ela só poderia partir do âmbito da administração pública, mais do que em termos de socialização de perigo (como em Lasswell). Na conclusão de sua análise, os EUA conseguiram de fato restringir as tendências “estatistas” durante a Guerra Fria e os resultados da indústria armamentista privada se mostrou inovadora, ao passo em que a condução política se mostrou efetiva. Nesta compreensão de Friedberg, o complexo militar-industrial não poderia corroer instituições e valores democráticos, como temia Eisenhower.¹²³

O CMIA, para além de sua definição mais técnica, é um fenômeno histórico, político, econômico. Esta “mera” parceria entre a indústria e os militares, em verdade, expressa uma relação simbiótica entre o desenvolvimento tecnológico enquanto matéria de segurança nacional, associação de universidades, envolvimento da iniciativa privada promovendo *lobby* nos poderes Legislativo e Executivo e a legitimação pública dos orçamentos destinados ao setor militar pelas camadas sociais. Desde o início da montagem deste complexo, diversas transformações marcaram como estes diferentes elementos interagiram sobre sua manutenção.

Resumidamente, é possível apontar cinco grandes repercussões do complexo militar para os EUA:

¹²¹ Ibid., p. 353-354.

¹²² SHERRY, 1995, p. 125 apud ROLAND, 2007, p. 354.

¹²³ ROLAND, 2007, p. 354-355.

1) Colocou uma terceira dimensão entre as relações civis-militares (em Huntington), a indústria, que por sua vez disputava os projetos entre si; 2) o CMIA transformou a relação entre o setor de Defesa do Estado e a indústria de defesa, quando passou a transferir tarefas e funções tradicionalmente conduzidas pelas Forças Armadas nacionais para a iniciativa privada (como a *DynCorp* e centenas de outras que se formaram), esta eficiência do capitalismo de pentágono passou a ser questionável; 3) as rivalidades interinstitucionais foram exacerbadas, as mudanças e criação de agências; 4) As universidades foram impactadas de forma a ter sua agenda de pesquisa pré-determinada, seguindo o modelo da Segunda Guerra, o que poderia ser encarado como uma corrupção da agenda de pesquisa da comunidade científica; e 5) transformou a própria relação entre a tecnociência marcadamente bélica, alterando os campos de batalha ao imprimir a imagem de uma guerra *high-tech* e o padrão de consumo da sociedade.¹²⁴

A Guerra do Vietnã foi também um marco da concepção de guerra *high-tech* que vinha sendo desenvolvida desde o fim da Segunda Guerra. Os novos aparatos tecnológicos abriram novas possibilidades, a incerteza como fator inerente à guerra poderia ser contornada a partir de um sistema integrado de captação de informações de inteligência que poderiam captar com precisão as capacidades materiais de resistência das partes adversárias, suas localizações e qualquer movimentação. O exército dos EUA, munido do aparato bélico mais sofisticado e superior, com o auxílio destas tecnologias, não enfrentaria grandes desafios no conflito em que se envolvera, a cadeia de comando estaria igualmente capacitada para oferecer respostas rápidas às unidades no estrangeiro. A ideia de projeção dos inúmeros possíveis cenários e simulação das batalhas tornava-se o centro motriz da garantia de uma vitória e o desenvolvimento de tecnologias que pudessem apoiar a base desta estratégia ganharam proeminência.

Retomando a importância da capacidade de captar e processar informações, de forma a simular os diferentes cenários de ação e reação do adversário, que se organiza e posiciona de forma diferente do antes habitual campo de batalha, em locais longínquos, hostis, operando de forma difusa e dispersa. Para viabilizar as operações militares, a solução foi encontrada a partir de uma estratégia que combinava diferentes táticas, “as novas exigências de defesa” centravam-se no desenvolvimento de inovações “em sensores móveis como inteligência de imagens, sinais, computação, criptografia, tradução, comunicação, aviões, plataformas invisíveis, veículos não-pilotados, sistema de localização etc.” de forma integrada.

¹²⁴ Ibid., p. 361-362.

Os militares seguem alavancando empreendimentos a partir de suas novas concepções de guerra, criando os desafios científicos que devem ser respondidos e trilhando o caminho do progresso tecnológico nos EUA.¹²⁵

O desenvolvimento industrial alimentado pelos avanços de fontes de energia nas sociedades ocidentais também colocou em questão a possibilidade da exaustão destes recursos e as limitações derivadas. O regime termodinâmico da guerra foi marcado por explosões de energia entre os países e seu eventual recuo, a partir da introdução do computador e da complexificação da estrutura de telecomunicações, a posterior reintrodução do elemento de incerteza na arte da guerra, este irrevogável (segundo os preceitos de Clausewitz) e as tentativas de ordená-la de forma a controlá-la, permeou a estratégia militar norte-americana a partir da Segunda Guerra Mundial. Em boa medida, devido aos desafios colocados no desenrolar da Guerra Fria e sua corrida armamentista, que dependia de altos investimentos em inovação tecnológica, reformas institucionais e manejo organizacional da rede de diversos atores alocados neste esforço, em que pesava uma estratégia de armamento superior, que por sua vez, era marcada pela incerteza acerca das capacidades do oponente.¹²⁶

Avanços tecnológicos no campo das comunicações alçaram o elemento da *informação* a um novo patamar, a busca pela ordem, frente a inevitabilidade do caos, se seguiu no sentido de retornar à possibilidade da previsibilidade, dado que um conjunto de informações supostamente poderia assim permiti-lo. O paradigma do computador, seu potencial técnico para captação e processamento de dados de inteligência e sua capacidade organizacional, trouxe novos elementos para exercer este controle.¹²⁷

O caminho da diversificação no setor de tecnologia iniciado nos anos 1950 e a captação de outras demandas do setor de Defesa se intensificaram nas décadas seguintes. A mudança de foco do transporte aéreo a partir dos anos 1960 se refletiu na mudança de nome da empresa, para *Dynalectron*. Na década de 1970 seu envolvimento com contratos diretos com as Forças Armadas se intensificou, de forma concomitante, não abandonou o ramo da tecnologia, focada no setor de inovação de energia – o que se mostrou particularmente importante em vista da crise do petróleo na década de 1970 – e em serviços especializados em eletroeletrônica para o setor de Defesa – um elemento especial para uma corrida armamentista altamente intensiva em tecnologia.

¹²⁵ MEDEIROS, 2004.

¹²⁶ Ibid.

¹²⁷ BOUSQUET, 2009, p. 90-91.

Quando se tornou *Dynalectron*, seguiu expandindo seus serviços no ramo de desenvolvimento de tecnologias, diversificando-se para o setor também de energia. Foi uma das primeiras empresas especializadas a serem contratadas pela Força Aérea com serviços de manutenção e modificação de aeronaves na Guerra do Vietnã e se internacionalizou para Oriente Médio (Kuwait) e África (Libéria) a partir de seu novo ramo em engenharia e pesquisas em energia.

PARTE 2: A DYNALECTRON

Vimos então como a empresa se diversificou para o ramo de tecnologia em um contexto de investimentos no novo ramo que adentrou após o início de suas atividades enquanto uma das companhias aéreas *non-scheduled* em 1946 e durante a década de 1950, além de contratos com as Forças Armadas para manutenção de aeronaves e transporte de carga durante a Guerra da Coreia, além de encontrar oportunidades no ramo de produção, operação e manutenção de dispositivos eletroeletrônicos, quando a importância do desenvolvimento do setor no país foi colocada sob o ritmo das demandas da Guerra Fria e dos respectivos objetivos políticos dos EUA.

Acerca do período em que se transformara em *Dynalectron*, denota-se como a empresa *intensificou seu envolvimento com o setor militar*, conquistando contratos para fornecimento de serviços de manutenção e modificação de eletrônicos em equipamentos militares entre outros, além dos contratos para atuação com reparo de aeronaves na Guerra do Vietnã e expandindo seus contratos para atuação em bases militares, ofertando desde serviços de logística e administração até treinamento militar. Além disso, a empresa *diversificou-se para o ramo de energia*, envolvida em pesquisas para técnicas de refino de petróleo e encontrando oportunidades para *se internacionalizar rumo ao Oriente Médio e África*. Em três décadas, até se tornar *DynCorp*, a empresa trabalhou para diversificar os serviços que podia oferecer e se fortaleceu enquanto uma das grandes provedoras do setor de Defesa, uma posição que perdurou para além da virada do milênio, como veremos. Por ora, serão elencados os principais movimentos da empresa em sua fase *Dynalectron*.

Em 1961, a *California Eastern* optou por mudar de nome, para algo que pudesse expressar melhor seu novo ramo de atuação. O então diretor da empresa, Jorge Carnicero, afirmou: "Embora estejamos ativa e vigorosamente em diversas fases da indústria da aviação, nós não somos mais uma transportadora aérea e, portanto, um nome mais descritivo é necessário."¹²⁸ A escolha do nome foi levada aos funcionários e acionistas da empresa, a sugestão vencedora poderia ganhar passagens para o Rio de Janeiro. No ano seguinte, ela oficializou seu novo nome como *Dynalectron* (os vencedores optaram por receber seu prêmio em ações da empresa).¹²⁹

Essa mudança de nome pode também indicar os planos internos da empresa, concentrando seus esforços na área de tecnologia e se afastando do transporte aéreo, algo que

¹²⁸ COMPANIES Hold Annual Meetings. *The New York Times*, Nova York, p.61, 15 jun. 1961.

¹²⁹ NAME Contest. *The New York Times*, Nova York, p.32, 21 jul. 1960.

pode ser rastreado em suas movimentações no período enquanto *Dynalectron*, como veremos, em um contexto de aumento da procura por serviços especializados em determinadas tecnologias por parte das Forças Armadas, inclusive durante a Guerra do Vietnã.

Como exemplo podemos citar os contratos publicados no periódico *The New York Times* no período de 1961 até 1987, como em 1970 quando a empresa anunciou um contrato com a Força Aérea para serviços de manutenção e modificação de aeronaves,¹³⁰ em 1984 quando anunciou a renovação de um contrato com a Marinha para fornecimento de serviços técnicos e de engenharia para suporte a *Navy Fleet Analysis Center*¹³¹ e um novo contrato no ano seguinte para fornecer serviços de suporte logístico e manutenção em aviões usados no treinamento de pilotos.¹³² Ainda em 1985 pode-se citar um contrato com a Força Aérea para modificação e manutenção de sistemas de armas (*weapons systems*).¹³³ Um outro contrato pode ser mencionado em 1987 para fornecer suporte técnico às Forças Armadas para atividades nas Ilhas Marshall.¹³⁴

Além destes, contratos para atuar em bases militares também se sobressaíram entre as atividades da empresa no período, ao menos dois em 1974, para prestação de serviços na *White Sands Missile Range*¹³⁵ e na *Pacific Missile Range*.¹³⁶ Em 1981, a renovação de um contrato com a *Air Force Systems Command* para fornecer serviços técnicos na *Eglin Air Force Base*.¹³⁷

No que se refere aos esforços de diversificação da empresa, destaca-se a aquisição de uma empresa do ramo das indústrias de aço e petroquímica, que desenvolvia pesquisas em processos envolvendo refino de petróleo, além de construção e administração de refinarias, a *Hydrocarbon Research Inc.*, em 1964.¹³⁸ Por meio desta aquisição, no mesmo ano, a empresa expandiu seus negócios ao adquirir contratos para a construção de refinarias no Kuwait¹³⁹ e Libéria.¹⁴⁰ A aquisição da *Hydrocarbon* fez com que a empresa pudesse usufruir do interesse estatal em pesquisas do setor petroquímico, em 1977 sua pesquisa para liquefazer carvão de forma a extrair óleos combustíveis era um dos quatro projetos do tipo financiados pela *Energy*

¹³⁰ AIR Force Contract Won. *The New York Times*, Nova York, 30 jun. 1970.

¹³¹ BRIEFS. *The New York Times*, Nova York, 21 mar. 1984.

¹³² BRIEFS. *The New York Times*, Nova York, 18 set. 1985.

¹³³ COMPANY Briefs. *The New York Times*, Nova York, 31 out. 1985.

¹³⁴ BRIEFS. *The New York Times*, Nova York, 29 dez. 1987.

¹³⁵ CONTRACT AWARDS. *The New York Times*, Nova York, 16 dez. 1974.

¹³⁶ CONTRACT AWARDS. *The New York Times*, Nova York, 31 jul. 1974.

¹³⁷ BRIEFS. *The New York Times*, Nova York, 28 abr. 1981.

¹³⁸ DYNALECTRON Corporation and Hydrocarbon Research. *The New York Times*, Nova York, 08 jan. 1964.

¹³⁹ DYNALECTRON Corp. *The New York Times*, Nova York, 11 jun. 1964.

¹⁴⁰ DYNALECTRON Plans Unit. *The New York Times*, Nova York, 11 ago. 1964.

Research and Development Administration, a então agência do governo responsável pela administração de P&D em energia,¹⁴¹ em 1983 a empresa ainda comprava patentes de métodos de aperfeiçoamento de processos de refino de óleos combustíveis.¹⁴²

Outra movimentação da empresa que merece destaque são seus contratos com o governo da Arábia Saudita entre 1977 e 1981, primeiro um contrato para manutenção e operação de helicópteros para atividades de resgate aéreo¹⁴³ e posteriormente para serviços de manutenção na estrutura de telecomunicação nacional.¹⁴⁴

Para destacar os elementos que podem nos ajudar a compreender a ascensão das empresas militares e de segurança privada, conforme as pistas deixadas pelas movimentações da então *Dynalectron*, se buscará delinear o contexto econômico mundial que pode explicar as decisões corporativas de diversificação rumo ao setor energético e a tendência de transnacionalização de empresas, consolidando-se em um nicho entre indústria de tecnologia e indústria de defesa, no período de Bretton Woods, ainda no arranjo da Era de Ouro. Isto porque a corrosão desta ordem e seu respectivo fim podem estar associados à formulação do sentido das novas políticas de segurança pós-Guerra Fria, nas quais a iniciativa privada se mostrou preponderante.

Da mesma forma, um importante acontecimento – no qual a empresa também esteve presente – será determinante para compreender a crescente aderência da iniciativa privada nos aparatos bélicos, a Guerra do Vietnã, o emprego de uma doutrina estratégica baseada no regime cibernético da guerra na concepção de Bousquet e a derrota do mesmo, revelam onde e porquê a iniciativa privada já vinha sendo procurada (empresas como a *Dynalectron*), e a escala em que posteriormente este espaço viria a ser ocupado.

O período de crescimento econômico que sucedeu a Segunda Guerra e a consolidação da hegemonia dos EUA, mesmo em meio à ameaça cotidiana de ataques nucleares capazes inviabilizar a existência da própria humanidade, se deu em um contexto internacional “relativamente estabilizado”. O avanço da industrialização entre diferentes nações no período não teve precedentes, a expansão do padrão de acumulação da indústria estadunidense implicou em uma taxa de produção de manufaturas que, entre 1950 e 1970, chegou a quadruplicar, além do próprio comércio manufatureiro também crescer dez vezes no período. Este crescimento industrial trouxe um considerável aumento da demanda energética (entre 1950 e 1973 o

¹⁴¹ PILOT Coal-to-Oil Plant Gets Reactor Vessel. *The New York Times*, Nova York, 05 out. 1977.

¹⁴² UPGRADING Crude Oil. *The New York Times*, Nova York, 22 out. 1983.

¹⁴³ DYNALECTRON Wins Aviation Subcontract. *The New York Times*, Nova York, 08 set. 1977.

¹⁴⁴ BRIEFS. *The New York Times*, Nova York, 08 jan. 1981.

consumo energético nos EUA triplicou) em especial por combustíveis fósseis, um recurso natural esgotável que se provou determinante para o crescimento econômico dos países que pudessem explorá-los e comercializá-los.¹⁴⁵ Duas tendências se mostraram interessantes para a *Dynaelectron*, o setor energético e a transnacionalização de empresas, que tomou força durante a década de 1970.

Não se deve excluir como fator interligado as transformações de ordem social e política nas décadas da Era de Ouro. A ordem internacional relativamente estável e as políticas em âmbito doméstico que favoreceram a construção de Estados de Bem-Estar, com taxas de desemprego em baixa e em alta atividade econômica, dependiam de um certo equilíbrio entre produtividade, mercados consumidores fortalecidos e aumento de lucros aos capitalistas, tudo sob a égide hegemônica dos EUA – o centro estabilizador deste ordenamento. A ideia de um acordo sócio-político, presumidamente, uma harmonia interna de uma sociedade com suas necessidades satisfeitas, estava calcada na confiança em uma economia de consenso social organizado,¹⁴⁶ quando o arranjo desta harmonia apresentou sinais de fadiga, associado ao desgaste do modelo econômico, as críticas à atuação governamental dos EUA convergiram em seu polêmico envolvimento na Guerra do Vietnã, seu prestígio enquanto potência militar, seu papel no plano internacional e suas controversas políticas de segurança para manutenção de tal, foram questionadas em debate público nacional.

Certo, contextualizaremos, portanto, a ordem de Bretton Woods em que a empresa busca oportunidades de atuação, para então adereçar de que maneira a corrosão deste arranjo contribuiu para mutações nos aparatos de defesa. Necessariamente compreendendo o papel da Guerra do Vietnã neste processo.

5. O Acordo de Bretton Woods

O Acordo de Bretton Woods se tratava de um arranjo multilateral conformado por dezenas de países em que foram estipuladas determinadas regras para o comportamento do sistema monetário e financeiro internacional. O acordo carrega o nome da cidade em que foram ministradas as conferências internacionais que resultaram na reforma do ordenamento do sistema monetário internacional, tendo a primeira ocorrido em 1944. A estafa da segunda onda da Segunda Revolução Industrial, marcada pelo esgotamento do então padrão de difusão das inovações, juntamente com a queda dos ganhos de produtividade, além de problemas de conflito

¹⁴⁵ HOBBSAWM, 1994, p. 240; 256-258.

¹⁴⁶ *Ibid.*, p. 278-280.

distributivo demarcam o contexto em que surge o arranjo financeiro de Bretton Woods. O Acordo:

Tratava-se de criar regras e instituições formais de ordenação de um sistema monetário internacional capaz de superar as enormes limitações que os sistemas então conhecidos, o padrão-ouro e o sistema de desvalorizações cambiais competitivas, haviam imposto(...) buscava-se, assim, definir regras comuns de comportamento para os países participantes (...) que abrissem mão de pelo menos parte de sua soberania na tomada de decisões sobre políticas domésticas, subordinando-as ao objetivo comum de conquista da estabilidade macroeconômica.¹⁴⁷

Dois propostas orientaram os debates da conferência, a do britânico John Maynard Keynes e do representante dos EUA, Harry Dexter White - representantes do Tesouro norte americano e inglês, respectivamente – que apresentaram visões antagônicas do que representaria estabilidade macroeconômica no plano internacional e domésticos. Prevaleceu a perspectiva da nova nação hegemônica e as ideias keynesianas tiveram pouca representatividade. Ambos haviam colocado uma proposta de moeda bancária internacional, a relutância do Congresso dos EUA culminou em um acordo restabelecendo o padrão-ouro, tendo o dólar como moeda chave do sistema monetário e financeiro internacional.

No caso da proposta de White no tocante ao déficit de balança de pagamentos e as dificuldades impostas aos países deficitários, que se viam obrigados a então desvalorizar sua própria moeda e restringir sua capacidade de atendimento a demandas internas, previa uma instituição que serviria tanto como um fórum de discussão das nações participantes e com a função de zelar pelo acordo e garantir empréstimos às nações deficitárias, cujo poder de voto era determinado pela importância de cada nação no cenário internacional, ou seja, blocos dos EUA e da Inglaterra, tal instituição foi o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Assim, duas grandes instituições foram criadas no âmbito de Bretton Woods, que pudessem garantir as regras convencionadas no acordo multilateral, o FMI e o Banco Mundial (BM), que por sua vez, adveio do que fora criado inicialmente como *International Bank for Reconstruction and Development* (BIRD), pensado no intuito de constituir uma linha de crédito para os países europeus retomarem sua capacidade produtiva após a Segunda Guerra, sua função recorria em financiar investimentos produtivos onde o investimento de capital privado não lograsse êxito.

Supostamente, portanto, o FMI foi arquitetado para que se pudesse garantir ajuda financeira aos países com problemas de ajuste em suas balanças de pagamentos, mas cuja função maior acabaria sendo o de estímulo das nações superavitárias a ampliar seu gasto de

¹⁴⁷ CARVALHO, F. C. (2004). Bretton Woods aos 60 anos. *Novos Estudos CEBRAP*, no. 70. São Paulo, CEBRAP, novembro, p. 51.

forma a facilitar o ajuste das economias deficitárias. Atuando mediante um princípio de que os desequilíbrios são resultado de tentativas de ampliação de demanda agregada doméstica para além da capacidade produtiva dos países e não mediante a falta de demanda dos países importadores, o FMI atuava de forma a fazer com que países deficitários ajustassem suas contas. Para garantir empréstimos, o Fundo exigia determinadas condições aos países a serem beneficiados, estas, por sua vez, fundamentalmente contracionistas de suas economias.¹⁴⁸

Além dos mencionados, destaca-se o Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT), cuja função seria de garantir a liberalização comercial nos diferentes países, em 1947 os EUA chegaram a cortar cerca de 1/3 de suas tarifas, ao passo em que as outras partes do acordo se recusaram a realizar concessões a esta altura. Outras rodadas do acordo (em 1949 e 1950-51) foram realizadas sem lograr sucesso, assim como sua atuação pensada para ser complementar ao do FMI já que não conseguiu concretizar “os esforços de negociar concessões tarifárias em troca da eliminação dos controles de câmbio”.¹⁴⁹

Entre os princípios do acordo de Bretton Woods (*Articles of Agreement*), estava a proibição do financiamento do reequilíbrio das balanças de pagamento que fossem gerados por problemas nas contas de capitais, de forma que os países deveriam solucioná-los mediante cortes de investimento público como pressuposto de reequilíbrio econômico. Os países que apresentassem desequilíbrios correntes em suas balanças de pagamento estavam sujeitos às sanções, como regra de funcionamento do FMI. Entre outras, podemos citar também sua função de zelar pelo padrão-ouro divisas com conversibilidade à \$35 dólares a onça; tendo como principal moeda de reserva o dólar cuja conversibilidade era garantida pelo Tesouro dos EUA aos Bancos Centrais; taxas de câmbio fixas em que cada nação declara a paridade em sua moeda; ajustes dos valores iniciais mediante aprovação e concessão de empréstimos aos países em déficit para corrigir desajustes temporários mediante os critérios de “ajuste” econômico.¹⁵⁰

Os órgãos financeiros multilaterais e os mecanismos criados no acordo de Bretton Woods citados foram de empenho dos EUA a garanti-los como reflexo de sua feição. Calcado na funcionalidade do livre comércio internacional como alavanca para a recuperação econômica europeia, ao passo em que indústria estadunidense defendia a garantia da demanda a partir dos mercados externos. O crescimento da indústria bélica durante a guerra, em especial em zonas da federação que se beneficiaram do desenvolvimento industrial regional garantiu um

¹⁴⁸ TEIXEIRA, 1983.

¹⁴⁹ EICHENGREEN, B. *A Globalização do Capital*. Uma história do Sistema Monetário Internacional. São Paulo: Editora 34, 2000. p. 141.

¹⁵⁰ TEIXEIRA, 1983, p. 145-148.

forte apoio pela ratificação do Acordo a partir do Congresso, assim, “a restauração das relações de comércio abertas e multilaterais viria a ser o tônico que revigoraria o Sistema de Bretton Woods.”¹⁵¹

Ainda, para Carvalho (2004), se no período anterior à ação estatal de estímulos à atividade econômica não era incentivada, o rearranjo do sistema econômico internacional trouxe consigo regras e instituições que pudessem garantir alguma margem de manobra aos governos, de forma que reforçassem sua capacidade de garantir a estabilidade macroeconômica e seu desenvolvimento interno. Dado o imperativo da “insatisfação, do ponto de vista da sustentação da atividade econômica, com as duas formas espontâneas que haviam predominado até a II Guerra: o padrão-ouro e o sistema de câmbio livre”, no debate entre Keynes e White ao apresentarem suas linhas diretivas nas propostas para o que seria o Acordo de Bretton Woods havia uma preocupação em comum de retorno às condições pré-guerra, seus países demonstravam diferentes motivações para tal preocupação, ao passo em que a Inglaterra preocupava-se com o retorno ao padrão-ouro e a sustentação de sua política macroeconômica centrada no pleno emprego, os EUA buscavam um regime cambial que favorecesse o comércio internacional – o que significa a proibição de medidas que restringem suas exportações.¹⁵²

As regras para o funcionamento do sistema comercial e monetário internacional definiam também os critérios de comportamento que as economias domésticas poderiam apresentar, influenciando na formulação das políticas nacionais dos países participantes, a equação trazia a possibilidade de prosperidade em troca de sua soberania de política monetária, para atender um objetivo em comum visado pela instituição do Acordo de Bretton Woods, trazer estabilidade macroeconômica. Este objetivo se dava ao receio internacional de vivenciar uma nova crise econômica, tal como se viu em 1929, ou mesmo que as condições instáveis econômicas resultassem em um novo conflito armado:

A II Guerra fora precedida por uma década marcada ou pelo desemprego e a agitação social, nos países democráticos, ou pela paz dos cemitérios, sob os regimes fascistas. No início da década de 1940, predominava nos países desenvolvidos a visão de que quando a guerra terminasse os problemas da década anterior retornariam com a mesma virulência. Acreditava-se que a guerra tinha interrompido a depressão — em virtude da mobilização de recursos que impunha —, mas que os problemas que supostamente a teriam gerado não haviam sido resolvidos. Nessas condições, o fim da guerra poderia ter um efeito perverso: a paz nos campos de batalha traria de volta o desemprego e os conflitos sociais. Era essencial construir novas formas de organização social que permitissem fugir do cruel dilema que parecia se impor: a depressão ou a guerra.¹⁵³

¹⁵¹ EICHENGREEN, 2000, p. 131.

¹⁵² CARVALHO, 2004, p. 54; 56.

¹⁵³ *Ibid.*, p. 54.

No período, portanto, o rearranjo das regras para o sistema monetário e financeiro internacional, associou liberalismo econômico com políticas de incentivo ao crescimento e outras que melhorariam as condições de vida da classe trabalhadora absorvida pela expansão industrial capitalista, com políticas de pleno emprego, aumento salarial e redes de seguridade social. A reestruturação comercial internacional baseada no pacto de Bretton Woods pôde, ao mesmo tempo, expandir o comércio internacional, permitir aumento de demanda e uma certa flexibilidade (legitimada) para ação estatal planejada rumo à modernização, criando, assim, uma “economia mista”.¹⁵⁴

5.1. Instabilidades no sistema comercial internacional

Firmado primeiramente em 1944, o modelo de Bretton Woods passou a apresentar sinais de esgotamento, as taxas inflacionárias resultantes da política econômica dos EUA foram o desassossego do sistema na década de 1960. Como emissor da moeda-chave internacional, o dólar, mesmo registrando déficits em operações no estrangeiro, equilibravam a diferença no envio de dólares às outras nações, que dependiam desta moeda. Este processo aumentava a liquidez internacional e paradoxalmente, enfraquecia a moeda estadunidense.

Se faz importante elencar aqui o fenômeno comumente conhecido como “dilema de Triffin” que consiste na interpretação de que o regime de câmbio fixo fazia com que os países centrais evitassem maiores oscilações em sua economia, em vias de manter a estabilidade de suas balanças de pagamentos e, ainda, entende que o uso da moeda fiduciária foi se expandindo graças à constituição e avanço dos sistemas bancários domésticos. No que se refere a este último aspecto, esta expansão estava ligada à liberação das reservas de ouro rumo os bancos centrais, saindo progressivamente de circulação doméstica, de forma que as reservas de ouro em posse dos bancos haviam crescido de forma suficiente para satisfazer as necessidades do comércio internacional, promovendo a expansão da liquidez internacional.¹⁵⁵

Em uma visão crítica à esta percepção, é possível apontar dois erros fundamentais desta análise, primeiramente, não se pode presumir que todos os países centrais seguem a disciplina imposta pelo sistema ouro e, portanto, que ajustam sua própria expansão às restrições que promoveriam a estabilidade de suas balanças de pagamento. Superficialmente, pode

¹⁵⁴ HOBSBAWM, 1994.

¹⁵⁵ SERRANO, F. Do ouro imóvel ao dólar flexível. *Economia e Sociedade*, Vol. 11, No. 2 (19). Campinas: Instituto de Economia da Unicamp, 2002.

parecer que as economias eram forçadas a seguir um ritmo cíclico comum, mas este ritmo era orientado, assimetricamente, pelas movimentações da economia inglesa, via fixação das taxas de juros internacionais, a demanda efetiva gerada por seu comércio exterior, além dos investimentos externos para financiamento do comércio mundial. Como a moeda-chave era a libra inglesa, o ritmo da expansão e os níveis de liquidez global estavam mais amparados pela expansão da economia inglesa e do sistema monetário por ela hegemônico. Outro problema é a concepção de que o ritmo global era ditado pelas reservas internacionais em ouro, segundo ele, a taxa de juros inglesa é o que orientava o ritmo de expansão do crédito e do comércio mundial:

Triffin não apenas considera o ouro a ‘base monetária’ do sistema e que para a economia mundial o “multiplicador monetário” do ouro é sempre igual a um (pois os bancos não criam ouro), como também considera que sua velocidade de circulação é sempre constante ou pelo menos bastante estável. Somente assim se torna logicamente possível dizer que é o crescimento exógeno das reservas internacionais que determina o crescimento do nível de atividade das economias internacionais.¹⁵⁶

Foi na década de 1960 que assimetrias e determinadas contradições ficaram cada vez mais evidentes e difíceis de contornar. A internacionalização da *Corporation* estadunidense, com sua base industrial dinamizada, deixou lacunas no mercado interno dos EUA, cuja importação de produtos japoneses e alemães ganhou destaque no período, ao mesmo tempo em que conseguia garantir seu espaço no continente europeu (além das áreas periféricas). Um movimento contrário também ocorreu, enquanto reação à interpenetração das grandes empresas norte-americanas em território estrangeiro, países como o Japão, buscaram investir em inovações tecnológicas, além dos europeus, que também foram buscar formas de barrar a ofensiva produtiva e financeira dos EUA.¹⁵⁷

Esta movimentação tinha um caráter paradoxal, pois o avanço da economia europeia e a penetração na periferia do sistema garantiam o subsistema de filiais norte-americanas, enquanto as primeiras conseguiam auferir desenvolvimentos tecnológicos mais avançados (*catching up*), a posição hegemônica dos EUA e sua respectiva política externa econômica, ao mesmo tempo que garantiam a internacionalização de sua economia/indústria, se mostraram rarefeitas em relação aos seus concorrentes, o que levou ao seu enfraquecimento nos fluxos de comércio internacional.

¹⁵⁶ SERRANO, F. Do ouro imóvel ao dólar flexível. *Economia e Sociedade*, Vol. 11, No. 2 (19). Campinas: Instituto de Economia da Unicamp, 2002, p. 245.

¹⁵⁷ COUTINHO, L & E BELLUZZO, L.G. “O desenvolvimento do capitalismo avançado e a reorganização da economia mundial no pós-guerra”. *Estudos CEBRAP*, n. 23, 1980.

Em 1965, o desempenho dos EUA deixara de se exhibir com o vigor que tinha no imediato pós-guerra, passando a apresentar uma trajetória declinante até chegar em seu primeiro déficit comercial, em 1971. Nesse período, suas nações concorrentes conseguiram impor um significativo status no mercado internacional, fruto de sua recuperação econômica, por sua vez também associada à própria internacionalização das empresas estadunidenses bem como de seu sistema financeiro. Contudo, neste processo de internacionalização industrial e financeira, nos anos 1960, os bancos se perceberam em defasagem em relação ao empresariado e condicionaram a constituição de uma “malha internacional de operações, cada vez mais livre e independente das restrições regulatórias das Autoridades Monetárias locais”. Posteriormente, com um mundo em que a escassez de dólares deu lugar ao problema do excesso de dólares, os EUA em sua posição privilegiada de emissor da moeda chave internacional financiando seus déficits, foi alvo de críticas. Os países passaram a converter seus saldos de dólares em ouro, reduzindo as reservas do lastro da moeda.¹⁵⁸

Uma vez que mantinham sua moeda valorizada por meios artificiais, estava nítida a fragilidade de sustentar as próprias regras formalizadas em Bretton Woods,¹⁵⁹ baseada no padrão dólar-ouro. Ao passo em que o dilema de Triffin trazia a contraposição de determinados aspectos, com os déficits persistentes ameaçando o equilíbrio do sistema e da conversibilidade, e a falta de déficits no país central afim de manter a moeda-chave coberta por ouro, haveria uma falta de liquidez internacional. Um viés crítico apontaria que este dilema nunca incorreu na realidade. A explicação que faria mais sentido para o fim do padrão ouro-dólar em 1971 está mais ligada ao crescimento do mercado de eurodólares – que aumentou a quantidade de dólares pelo mundo, e o abandono do lastro em ouro assentado nos movimentos especulativos do sistema financeiro.¹⁶⁰

O fato de os EUA terem a possibilidade em mãos, enquanto país emissor da moeda-chave, de financiar os déficits na balança de pagamento emitindo a moeda sem lastro, foi classificada pela presidência da França, em 1960, de “privilégio exorbitante”. O governo dos EUA baseava-se na ideia de que provinham liquidez internacional para a economia mundial e suas vantagens advinham deste serviço prestado – no sentido de uma divisão internacional do trabalho. Entretanto, sua posição de “privilégio exorbitante” estava calcada em seu papel de emissor da moeda-chave internacional, ainda que não fossem oficialmente um banco comercial

¹⁵⁸ MAZZUCHELLI, F. *Os Dias de Sol: A Trajetória do Capitalismo no Pós-Guerra*. Campinas: Facamp Editora, 2013, p. 97-99.

¹⁵⁹ *Ibid.*, p. 100.

¹⁶⁰ SERRANO, 2002, p. 246.

mundial, exerciam este papel, sua autoridade em definir as taxas de juros orientavam de forma unilateral a taxa de juros mundial.¹⁶¹

Além disso, o declínio de seu poder de competitividade exigiu dos EUA uma política de realinhamento cambial, contudo, aumentar os preços em dólar poderia causar uma fuga para o ouro e com ela restrições à sua balança de pagamentos (caso os pagamentos viessem em ouro e não em sua moeda nacional), aumentar a importância do ouro viria com um risco muito maior, países competitivos ou com grandes reservas de ouro, como a URSS e a França, respectivamente, em pleno contexto de Guerra Fria, poderiam se beneficiar, e não era um risco que os EUA estavam dispostos a correr.¹⁶²

Assim, o dilema não era tão de Triffin, mas de Nixon. Aliados dos norte-americanos chegaram a fazer propostas de criação de uma moeda internacional, pois abdicar do dólar enquanto tal significaria restrições em suas balanças de pagamento. Por sua vez, os aliados recusaram a proposta estadunidense de valorização de outras moedas de forma a reduzir o preço oficial do ouro em paridade com elas. O “Dilema de Nixon”, o então presidente do país estadunidense, consistia em desvalorizar sua moeda nacional sem comprometê-la enquanto moeda internacional. Sua solução? Decretar de forma arbitrária e unilateral a inconvertibilidade do dólar em ouro em 1971 e em 1973 partir para a desvalorização de sua moeda.¹⁶³

Os países no arranjo de Bretton Woods poderiam negociar formas de estabilizar o dólar, mas as questões políticas enfatizaram a dimensão desta luta. O mecanismo de sustentação de Bretton Woods se centrava na questão comercial dentre outras formas de repor liquidez do sistema, mas dependia de um arranjo político que o sustentasse, este arranjo, por sua vez, estava intimamente ligado à capacidade de pressão estadunidense.¹⁶⁴

6. A Dynalectron e o arranjo da Era de Ouro

6.1. Petróleo

Com o aumento da demanda energética em face do alto crescimento de produtividade industrial, um dos primeiros feitos da empresa em sua fase como *Dynalectron* mostrou-se oportuno. Em verdade, Hobsbawm diria que a Era de Ouro foi de ouro porque “o preço do barril de petróleo saudita custava em média menos de dois dólares durante todo o

¹⁶¹ Ibid., p. 249.

¹⁶² SERRANO, 2002, 249.

¹⁶³ SERRANO, 2002, p. 249.

¹⁶⁴ CARVALHO, 2004.

período de 1950 a 1973, com isso tornando a energia ridiculamente barata”.¹⁶⁵ A política energética que sustentava a expansão do padrão de acumulação dos EUA envolveu um particular interesse no setor de refino de petróleo e o acúmulo de demandas promovia oportunidades para empresas do setor a nível nacional e internacional. A própria empresa objeto desta pesquisa pôde se envolver com projetos e iniciativas de interesse de seu ramo em pesquisa e desenvolvimento.

Em 1964, a *Dynallectron* adquiriu uma companhia de tecnologias do setor de energia, em especial no ramo de petroquímica, a *Hydrocarbon Research*,¹⁶⁶ o que viria a ser um de seus principais produtos e um passo adiante em seus esforços de internacionalização. Disse Charles G. Gullledge, presidente da *Dynallectron* desde 1960. "Começamos a trabalhar no processo de ‘*H-Coal*’ em 1963 quando concluímos que existiria uma demanda futura por combustíveis sintéticos." ¹⁶⁷ Em 1964, graças a esta sua nova subsidiária, pôde encorpar seus lucros com um contrato para a construção de uma refinaria de petróleo situada no Kuwait.¹⁶⁸ No mesmo ano, ela anunciou seus planos de construção de uma outra refinaria, desta vez na Libéria, também via a *Hydrocarbon*, cuja operação também seria executada por ela.¹⁶⁹

Em 1972, a *Dynallectron* patenteou uma nova tecnologia de conversão de carvão em petróleo cru, a partir de sua subsidiária *Hydrocarbon Research*, afirmando a importância de ser um processo comercialmente viável.¹⁷⁰ A tecnologia, denominada *H-Coal*, surgiu em um momento oportuno, poucos anos depois, em 1976, o valor dos barris de petróleo subiram consideravelmente e mostravam uma tendência de aumento. O órgão *Federal Energy Research and Development Administration*, chegou a aprovar um orçamento multimilionário para construção de uma planta energética voltada a produção de *H-Coal*.¹⁷¹ Em um ano, o projeto virou um dos principais experimentos patrocinados pelo Departamento de energia dos EUA.¹⁷² Em 1978, a *Dynallectron* também chegou a anunciar uma nova tecnologia para otimizar o processo de extração e conversão de areia betuminosa em petróleo cru.¹⁷³

¹⁶⁵ HOBBSAWM, 1994, p. 258.

¹⁶⁶ DYNALECTRON Corporation and Hydrocarbon Research. *The New York Times*, Nova York, p.56, 8 jan. 1964.

¹⁶⁷ FUEL Hopes Spur Dynallectron. *The New York Times*, Nova York, p. 1, 20 jun. 1979.

¹⁶⁸ DYNALECTRON Corp. *The New York Times*, Nova York, 11 jun. 1964.

¹⁶⁹ DYNALECTRON Plans Unit. *The New York Times*, Nova York, 11 ago. 1964.

¹⁷⁰ DYNALECTRON Says Process Cuts Sulphur in Fuel Oil. *The New York Times*, Nova York, p.44, 29 mar. 1972.

¹⁷¹ NEW Synthetic Oil Developed Here. *The New York Times*, Nova York, p.393, 14 nov. 1976.

¹⁷² PILOT Coal-to-Oil Plant Gets Reactor Vessel. *The New York Times*, Nova York, p.98, 10 out. 1977.

¹⁷³ DYNALECTRON Improves Tar Sands Technology. *The New York Times*, Nova York, p.9, 12 mai. 1978.

Sua diversificação para o setor de energia também recebeu apoio governamental, em 1976, uma de suas unidades do ramo adquiriu um contrato para serviços de engenharia elétrica no país.¹⁷⁴ A perspectiva de prosperidade no ramo também se refletiu na bolsa de valores. "O mercado de ações se tornou orientado por energia," disse Alan R. Ackerman, um analista da *Herzfeld & Stern*. "Pessoas estão comprando ações de solução de energia."¹⁷⁵ A tecnologia de produção de combustível sintético atraiu atenção de investidores, a orientação política levou ao anúncio de um plano multibilionário para o desenvolvimento de tecnologias energéticas, a *Dynalectron* já era uma entre três companhias recebendo financiamento estatal via Departamento de Energia. O processo, ainda não estava em um estágio de ser comercialmente viável, mas a capacidade da empresa no desenvolvimento e aplicação de tecnologias em demanda, seja no setor militar ou comercial, constituía muito de sua importância: "Você certamente não compraria da *Dynalectron* baseado em seus rendimentos", disse Alan R. Ackerman, um analista da *Herzfeld & Stern*, "você a compra por sua tecnologia."¹⁷⁶

Em 1977, o governo da Libéria expropriou a participação da *Dynalectron* em uma refinaria no país, segundo um porta-voz da companhia, o fato foi resultado de uma negociação fracassada com o governo, quando a *Dynalectron* buscava flexibilizar o controle de preços imposto aos produtos da refinaria, mas não obteve sucesso. Junto a *Dynalectron* uma outra companhia, a canadense *Sun Company*, também teve sua participação expropriada.¹⁷⁷

Em poucos meses ela conseguiu novos contratos no Oriente Médio, a empresa fora subcontratada pela *Kawasaki Heavy Industries*, uma fabricante de aeronaves, recebendo um contrato milionário para fornecer serviços de manutenção e operação de helicópteros utilizados em resgates aéreos, serviços de bombeiros, como operações de evacuação, na Arábia Saudita.¹⁷⁸ Não seria exagero especular sobre a satisfação do governo saudita com o contrato, em 1981, a afiliada da *Dynalectron*, no Oriente Médio, a *Dynarabia Company*, conquistou um contrato para serviços de telecomunicações no país,¹⁷⁹ e um outro para "operação e manutenção de instalações."¹⁸⁰

¹⁷⁴ CORPORATION Affairs - Dynalectron Unit Award. *The New York Times*, Nova York, p. 76, 23 set. 1976.

¹⁷⁵ FUEL Hopes Spur Dynalectron. *The New York Times*, Nova York, p.1, 20 jun. 1979.

¹⁷⁶ FUEL Hopes Spur Dynalectron. *The New York Times*, Nova York, p.1, 20 jun. 1979.

¹⁷⁷ CORPORATION Affairs - Liberia Expropriates Oil Refinery Interests. *The New York Times*, Nova York, p. 45, 14 mai. 1977.

¹⁷⁸ DYNALECTRON Wins Aviation Subcontract. *The New York Times*, Nova York, p.93, 8 set. 1977.

¹⁷⁹ BRIEFS. *The New York Times*, Nova York, p. 3, 8 jan. 1981.

¹⁸⁰ BRIEFS. *The New York Times*, Nova York, p. 3, 11 fev. 1981.

Em 1988, a China acordou uma parceria entre a *Hydrocarbon Research Inc.* e o instituto de pesquisa de seu Ministério de Carvão.¹⁸¹ Os esforços para transformação da matriz energética do país baseada em carvão para combustíveis fósseis (petróleo), acirrados pós-Segunda Guerra em busca da autossuficiência energética, foram um fator importante para a superioridade estadunidense no plano comercial internacional.

6.2. Internacionalização empresarial

Na década de 1950, a empresa já havia anunciado parceria com uma linha aérea de Tóquio e planos para operações de aviação comercial na Argentina, quando era *California Eastern*. Posteriormente, em sua fase como *Dynaelectron*, a empresa então expandiu seus negócios para África (Libéria) e Oriente Médio (Kuwait e Arábia Saudita) nas décadas de 1960 e 1970. Esta sua movimentação não foi uma exceção no panorama comercial internacional, a transnacionalização de empresas foi todo um fenômeno pós-Segunda Guerra, com os EUA exportando seus moldes do que se compreende por Grande Empresa (ou, *corporation*), em outras palavras, seu padrão organizacional, produtivo e de consumo, como será descrito a seguir.

A internacionalização de empresas pode ser compreendida como “o desdobramento de um sistema manufatureiro que tem como base a organização industrial americana e que, por outro lado, se apoia em um padrão internacional (...) sob controle da potência hegemônica”.¹⁸² Sua organização estrutural, comandada pelos oligopólios dos EUA, baseia-se em “subsistemas afiliados (empresas subsidiárias e filiais no estrangeiro) que podiam crescer a taxas muito elevadas e com grande rentabilidade, ocupando novas áreas de mercado nas economias avançadas e nas periféricas.”¹⁸³

As condições para o fenômeno de transnacionalização de capitais podem ser traçadas pelo menos a partir do fim do século XIX, a estrutura industrial estadunidense pré-Segunda Guerra já desfrutava de um certo setor de indústria pesada organizado em oligopólio. Nos anos 1920, a introdução de novos bens de consumo duráveis, impactaram a demanda dos setores produtivos da siderurgia e por matérias primas, materiais elétricos e refino de petróleo, além da exigência de avanços da infraestrutura nacional. Esta base industrial que vinha se

¹⁸¹ BRIEFS. *The New York Times*, Nova York, p.4, 4 jun. 1982.

¹⁸² TEIXEIRA, 1983, p. 135.

¹⁸³ COUTINHO, L. & BELLUZZO, L.G. “O desenvolvimento do capitalismo avançado e a reorganização da economia mundial no pós-guerra”, *Estudos CEBRAP*, vol. 23, 1980, p. 17.

atualizando, caracterizadamente concentrada, eram incentivadas a garantir reservas de capacidade produtiva em meio ao acirramento da concorrência intercapitalista, um dos pilares de sustentação do ritmo acelerado de acumulação, o aumento improdutivo na relação entre capital e produção passou a encontrar limites de demanda, mas manteve seus patamares de geração de capital, em boa medida devido sua influência nas políticas de *pricing*. A referida limitação de demanda pôde ser contornada mediante a possibilidade de aplicações financeiras dos excedentes, permitindo ganhos de capital no setor financeiro.¹⁸⁴

Se aprofundar no aspecto da internacionalização do capital como um dos fatores distintivos do capitalismo contemporâneo, requer lançar luz sobre duas perspectivas na temática, uma que toma para o centro das atenções as características em governança corporativa (suas características organizacionais) como causa da internacionalização; outra perspectiva entende que é da natureza constitutiva do sistema capitalista se impulsionar à escala mundial. De maneira que a primeira perde as questões gerais, enquanto a segunda não atenta às peculiaridades temporais.

Assim, é possível apontar duas questões-chave, são elas: i) a constituição da hegemonia americana, a qual “tem a ver diretamente com as condições criadas pela guerra”, uma vez que o esforço na economia orientada para suprir este período bélico “permitiu, no interior da economia norte-americana, a coesão ente blocos econômicos, financeiros e regionais” sendo que “o próprio planejamento exigido pela necessidade de atender às demandas de guerra colaborou nesse sentido.” E no âmbito internacional, a destruição causada nas nações concorrentes durante a guerra permitiu aos EUA garantir a supremacia nos fluxos comerciais e em produção industrial; e ii) exportação do padrão de produção estadunidense e da Grande Empresa, um aspecto fundamental, pois nele está circunscrito a concentração de capital financeiro, para onde os novos lucros devem se voltar, acirrando o processo de concentração em diferentes setores, de forma que a busca por mercados externos se mostra preponderante para este ciclo de expansão – da exportação financeira de capital.¹⁸⁵

Falando em termos de um panorama geral, pode-se destacar o papel dos EUA enquanto nova potência hegemônica e seus planos para expansão de sua própria economia, em uma posição vantajosa enquanto principal exportador de produtos e capital, principalmente devido à situação de nações concorrentes que foram devastadas pela guerra. Esta mudança de potência hegemônica no panorama internacional possibilitou uma nova era de prosperidade ao

¹⁸⁴ COUTINHO, L. & BELLUZZO, L.G, 1980.

¹⁸⁵ TEIXEIRA, 1983, p. 130-135.

continente europeu, a exemplo do Plano Marshall, um canal financeiro e político promovido pelos EUA para auxílio da reconstrução europeia e um dos pontos relevantes para pensar o reequilíbrio das contas dos países, além de sua recuperação produtiva e econômica.¹⁸⁶

Essa taxa de acumulação associada a alta concentração e ao aumento de centralização são um dos principais fatores que resultaram na crise de 1929 (e 1937), no período não foram verificadas grandes ondas de renovação tecnológica, com aumento da composição orgânica de capital e ampliação de capacidade ociosa. No período entre guerras, especialmente com a Grande Depressão, o arranjo dava claros sinais de esgotamento além de evidenciar suas próprias limitações. O advento da Segunda Guerra, a mobilização produtiva para responder às demandas de guerra possibilitou a indústria superar algumas das limitações que vinha encontrando, ou seja, a economia de guerra abriu uma frente de demanda ao setor eletroeletrônico, resultado dos investimentos em inovações tecnológicas demandadas pelo setor de Defesa, além de promover o crescimento de seus sub-ramos.¹⁸⁷

Conforme dito anteriormente, a oferta barata de energia via combustíveis fósseis (o valor do barril de petróleo da Arábia Saudita) conferiu o tom dourado da Era de Ouro, podemos compreender que este foi um fator essencial uma vez que possibilitou a própria exportação do padrão manufatureiro dos EUA. Este fenômeno de internacionalização das empresas pode ser encarado como um dos elementos que responsáveis pelo crescimento econômico (ainda que heterogêneo) visto no período. Não obstante, pode-se dizer, que essa expansão do padrão manufatureiro norte-americano, juntamente com o arranjo institucional de Bretton Woods e os acordos bilaterais e multilaterais financeiros baseados em seus pressupostos e a forte presença do Estado na condução da política macroeconômica comprometida com o desenvolvimento produtivo, foram fatores comuns ao crescimento econômico experienciado na Era de Ouro.¹⁸⁸

Pensar como as instituições do sistema monetário e financeiro internacional na vigência do acordo de Bretton Woods, sob quais bases estavam colocadas sua orientação política e o que significaram para o comércio internacional e para as economias em âmbito interno, se faz necessária para os propósitos desta pesquisa. O desequilíbrio deste novo arranjo e seu colapso constituem um fator-chave na compreensão das crises políticas e econômicas e das disputas geopolíticas que resultaram também no aprofundamento da relação entre iniciativa privada e as políticas de segurança em especial a partir da década de 1980, associadas às novas formas organizacionais e as possibilidades abertas pelo desenvolvimento tecnológico. Antes de

¹⁸⁶ MAZZUCHELLI, 2013, p. 17-31.

¹⁸⁷ COUTINHO, L. & BELLUZZO, L.G, 1980.

¹⁸⁸ MAZZUCHELLI, 2013, p. 31-42.

tratarmos, portanto, destas novas demandas de segurança, tratemos especificamente do emprego – e do fracasso – da doutrina estratégica militar dos EUA na Guerra do Vietnã, segundo a teoria de Bousquet.

6.3. A *Dynalectron* na Guerra do Vietnã e demais contratos com as Forças Armadas

Apesar de ter se afastado dos serviços em transporte aéreo, a empresa prosseguia suas operações no ramo da aviação com manufatura e serviços de manutenção de componentes eletrônicos em aparatos militares. Em 1970, a empresa anunciou um contrato com as Forças Armadas para fornecer serviços de manutenção e modificação de aeronaves militares.¹⁸⁹ Ainda na primeira metade da década, em 1974, ela adquiriu um novo contrato de U\$3 milhões com o Exército para serviços técnicos na *White Sand Missile Range*, a maior instalação militar do país até os dias atuais.¹⁹⁰

Em 1981, a *Dynalectron* adquiriu um novo contrato de U\$3,6 milhões com as Forças Armadas, especificamente para atuar no *Air Force Systems Command*, em serviços técnicos na base militar Eglin, da Força Aérea, situada na Flórida. No mesmo ano, também esteve a serviço da Marinha, em um contrato de U\$35,6 milhões (outras especificações não foram reveladas). Em 1982, adquiriu também com a Marinha um contrato para fornecimento de serviços técnicos e de comunicação, no valor de U\$9 milhões,¹⁹¹ além de um outro com a Força Aérea para serviços técnicos ao redor de todo o mundo.¹⁹²

Em 1984, recebeu ainda um novo contrato com a Marinha, de U\$51,6 milhões, para prosseguir fornecendo serviços técnicos e de engenharia para suporte à *Navy Fleet Analysis Center*.¹⁹³ No ano seguinte, registrou mais um contrato de mais de U\$100 milhões, com a Marinha, para fornecer serviços de manutenção de serviços e suporte logístico em aviões utilizados para treinamento de pilotos;¹⁹⁴ além de mais U\$27,9 milhões em contrato com a Força Aérea, para modificação e manutenção de sistemas de armamentos.¹⁹⁴ No fim de 1987, ela passou a operar provendo suporte técnico na base militar estadunidense das Ilhas Marshall, pelo valor de U\$95,3 milhões.¹⁹⁵ Estes contratos foram anunciados no jornal *The New York Times*, mas segundo uma base de dados dos contratos *prime* do setor de Defesa com empresas

¹⁸⁹ AIR Force Contract Won. *The New York Times*, Nova York, p.57, 30 jun. 1970.

¹⁹⁰ CONTRACT Awards. *The New York Times*, Nova York, p.47, 16 fev. 1974.

¹⁹¹ BRIEFS. *The New York Times*, Nova York, p. 5, 10 set. 1982.

¹⁹² BRIEFS. *The New York Times*, Nova York, p.6, 3 set. 1982.

¹⁹³ BRIEFS. *The New York Times*, Nova York, p. 5, 21 mar. 1984.

¹⁹⁴ COMPANY Briefs. *The New York Times*, Nova York, p.5, 31 out. 1985.

¹⁹⁵ BRIEFS. *The New York Times*, Nova York, p. 4, 29 dez. 1987.

privadas, desde o início de sua série histórica em 1965, até 1986, a *Dynalectron* registrou 3.614 contratos *prime* com as Forças Armadas, para atuar em âmbito doméstico e no exterior.¹⁹⁶

Seguindo sua expansão no setor de tecnologia, em 1985 a empresa firmou um contrato com a *Xerox Corporation Century Data Systems* para fornecer manutenção para dispositivos cuja *Xerox* descontinuou a produção, além de comprar o inventário de componentes para suporte aos modelos em questão.¹⁹⁷ No mesmo ano, adquiriu a empresa *Unitrace Inc.*, especializada em reparos de componentes eletrônicos de computadores.¹⁹⁸

A *Dynalectron* chegou a receber pelo menos 127 contratos *prime* com o setor de Defesa para operações na Guerra do Vietnã,¹⁹⁹ relacionados à manutenção ou modificação de aeronaves e serviços de tecnologia. Ela esteve lá desde pelo menos 1965, uma das primeiras, junto a *Lockheed Martin* (uma das empresas mais proeminentes da indústria de defesa dos EUA), e para as Forças Armadas dos EUA, sua importância logística também residia no fato de que utilizar empresas privadas para este suporte era uma maneira de garantir que os militares das forças oficiais pudessem se concentrar em operações consideradas mais críticas.²⁰⁰

Pensando nas demandas colocadas pelo setor de defesa que foram respondidas pela *Dynalectron* e como isso se relaciona com o movimento de ascensão das empresas militares e de segurança privada, dois aspectos chamam mais atenção: a aderência das empresas nas estruturas de defesa por meio do ramo da tecnologia e quais os elementos que motivam a transferência de atribuições tradicionais das forças oficiais. Por isso, a seção seguinte irá se dedicar a compreender a relação do paradigma tecnocientífico com a doutrina estratégica militar (Capítulo 7) e posteriormente quais processos orientaram a transferência de atribuições estatais para a iniciativa privada no setor de defesa (Capítulos 8 e 9).

¹⁹⁶ Archival Databases (AAD). Records of Prime Contracts Awarded by the Military Services and Agencies, created, 7/1/1965 - 6/30/1975, documenting the period 7/1/1965 - 6/30/1975 e Records of Prime Contracts Awarded by the Military Services and Agencies, created, 7/1/1975 - 9/30/2006 documenting the period 7/1/1975 - 9/30/2006. Disponível em: <<https://aad.archives.gov/aad/series-description.jsp?s=492&cat=a>>. Acesso em: 22 de ago. 2020.

¹⁹⁷ DYNALLECTRON Pact. *The New York Times*, Nova York, p.10, 6 abr. 1985.

¹⁹⁸ BRIEFS. *The New York Times*, Nova York, p. 17, 13 ago. 1985.

¹⁹⁹ Archival Databases (AAD). Records of Prime Contracts Awarded by the Military Services and Agencies, created, 7/1/1965 - 6/30/1975, documenting the period 7/1/1965 - 6/30/1975 e Records of Prime Contracts Awarded by the Military Services and Agencies, created, 7/1/1975 - 9/30/2006 documenting the period 7/1/1975 - 9/30/2006. Disponível em: <<https://aad.archives.gov/aad/series-description.jsp?s=492&cat=all&bc=,sl.sd>>. Acesso em: 22 de ago. 2020.

²⁰⁰ DEPARTMENT OF THE ARMY. *Vietnam Studies: Logistic Support*. Washington, 1974. P. 139.

7. O Regime Cibernético da Guerra

No regime mecânico, definido por Bousquet, o autor descreve como a tecnologia do relógio é operada a partir da transmissão de força mecânica, cujos princípios científicos manifestavam-se também no pensamento estratégico militar do período em que vigorou o regime mecânico da guerra. Quando passamos ao regime termodinâmico, destacam-se os princípios científicos da tecnologia que resultaram no motor, característica da mobilização e orientação de matéria energética. Já no regime cibernético, o paradigma científico apoiado nas tecnologias de comunicação demonstrava como o fluxo de informações via computador, cujos padrões expressam uma relação lógica, pode ser empregado para controlar máquinas a partir de instruções pré-definidas. Sua capacidade de operação segundo informações processadas e repassadas por meio de uma fonte externa de alimentação de dados e instruções fazem do computador o mais ideal dispositivo de controle. Sua capacidade de processamento de informações, programação a partir de instruções, transmissão retroalimentativa em rede, significaram mudanças nos padrões de complexidade e precisão de mecanismos de controle.²⁰¹

O computador contemporâneo é organizado em rede a partir de quatro funções distintas e transversais: capacidade de operar dados a partir de instruções finitas; utilização de informações retroalimentadas (*feedback – servomechanism*); operações de informações simbólicas (número, letras, imagens) e, por fim, acessório de telecomunicações. Apesar de outros dispositivos possuírem funções semelhantes, o computador tem como diferencial integrar diversas tecnologias em uma única unidade, a partir de sua capacidade de processamento de informações: “If force was the core concept of Newtonian mechanics and energy that of thermodynamics, it is information which would fulfil a similar organizing role for the science of cybernetics”.²⁰²

Na concepção do autor, a interação entre informações é um fator-chave para explicar o regime cibernético de guerra, não só entre humanos-máquinas e máquina-máquina, dispositivos diversos de diferentes propósitos vêm sendo cada vez mais integrados, especialmente com o advento da internet. O uso de informações que podem ser processadas e repassadas para outros dispositivos de forma integrada só foi possível graças ao uso que se deu ao computador, sendo o mecanismo central para coordenar o fluxo de informações, em uma estrutura organizada em rede. O computador, portanto, é a tecnologia-chave que carregava os

²⁰¹ BOUSQUET, 2009, p. 100-101.

²⁰² BOUSQUET, 2009, p. 101-102.

princípios científicos norteadores da estratégia militar em tempos do determinado regime cibernético.

O objetivo das transformações no que se refere às táticas empreendidas e as estratégias que as norteavam está associado à necessidade de manutenção da ordem perante o caos e avanços na capacidade de previsibilidade a partir das técnicas possibilitadas pelos dispositivos de eletrocomunicação. A partir dos princípios da cibernética, a compreensão acerca do uso de força na guerra se tornaria auxiliar à análise científica. O computador foi/é um artifício central desde a Segunda Guerra, a própria tecnologia foi concebida e desenvolvida no seio do setor de Defesa.

O “eterno problema” da incerteza poderia ser contornado com sucesso a partir das tecnologias que pudessem oferecer previsibilidade, uma característica certamente apelativa às forças militares, que viam o potencial desta racionalidade científica para o modo de se travar guerras.

7.1. Nortes científicos sob demanda militar

Em verdade, o “respaldo científico” para ação governamental é uma busca constante desde a Segunda Guerra. A geração acadêmica do Projeto Manhattan recebia não só prestígio público, graças às colaborações acadêmicas aos esforços bélicos em meio às ameaças da Guerra Fria, bem como patrocínios milionários para seus departamentos de pesquisa envolvidos nos empreendimentos militares. Neste meio, destacava-se especialmente o campo das ciências exatas, mas as humanidades não estiveram excluídas de fornecer contribuições que pudessem ser utilizadas na formulação estratégica militar, em especial pesquisas em ciências humanas cujos paradigmas, metodologias e resultados estivessem em semelhança com as exatas. Os militares, interessados em uma “tecnologia de comportamento humano”, buscaram entre psicólogos, antropólogos e cientistas sociais, pesquisadores que pudessem fornecer e sistematizar informações segundo uma determinada modelagem, em especial as linhas deterministas de controle entre causa e efeito:

The hard-core, technocratic orientation of military-sponsored social research faithfully mirrored the 'behavioral sciences' rhetoric. Recent scholarship on social science and its ties to the national security state suggests that such research typically aimed to facilitate prediction and control, qualities often considered, at least since the time of the 17th-century Scientific Revolution, to be hallmarks of 'science'. During World War II, psychologists, anthropologists, and other scholars working in the field

of culture and personality studies, all sought to predict national behavior as part of wartime operations.²⁰³

Nos interessa apontar a concepção do Projeto Camelot, que tinha como objetivo final fornecer os parâmetros que indicassem o potencial de um processo revolucionário a partir de características particulares de diferentes países. Talvez isso possa ser compreendido como um elemento diferencial, do uso da comunidade de inteligência que buscava acessar as capacidades de resistência do inimigo e acompanhar as movimentações geopolíticas que indicassem expansão ou fortalecimento do regime soviético (e de seu projeto político econômico). Estimar a capacidade material bélica das nações envolve um cálculo quantitativo. O Projeto Camelot, ainda que adotasse paradigmas de controle de fenômenos, tinha a difícil missão de avaliar qualitativamente elementos históricos e sociais a fim de sistematizá-los em padrões do que seria considerado “pré-revolucionário”.

A famosa citação de Oppenheimer lembrando o sucesso da pesquisa que gerou a Bomba Atômica - “Now I am become Death, the destroyer of worlds” – sugere dilemas éticos da ciência colocada em favor do desenvolvimento de forças de destruição, para tal, contava-se basicamente com pesquisadores das ciências exatas. Mas, os militares também encontraram contribuições para os esforços de guerra no campo das ciências humanas. O teor politicamente sensível de programas de pesquisa em ciências sociais durante a Guerra Fria carregava implicações éticas talvez menos nítidas, mas não menos eticamente questionáveis ou politicamente sensíveis, como demonstrou a reação chilena ao Projeto Camelot.²⁰⁴

Eisenhower alertou em seu discurso sobre os perigos da corrupção das agendas de pesquisa universitárias em que o patrocínio militar poderia substituir a curiosidade acadêmica. Podemos compreender que os desdobramentos desta imposição de demandas específicas para pesquisas poderia inclusive subverter a função da pesquisa acadêmica, para o autor, o patrocínio militar influenciou a configuração dos próprios campos disciplinares, levantando inclusive questionamentos acerca do papel dos pesquisadores enquanto tais, evidenciando como valores ideais estimados pelo *mainstream* acadêmico e sua defesa da existência de “objetividade” e “neutralidade”, ou seja, sua capacidade de produzir conhecimento estritamente científico, no sentido de que não é influenciado por fatores políticos, por exemplo, e sua oferta de metodologias científicas *quasi* infalíveis.²⁰⁵

²⁰³ SOLOVEY, Mark, Project Camelot and the 1960s Epistemological Revolution: Rethinking the Politics-Patronage Social Science Nexus. *Social Studies of Science*, v.31, n.2, abr./2001, p.177.

²⁰⁴ Ver mais no Capítulo 8.

²⁰⁵ SOLOVEY, 2001.

Nos anos 1960, o pensamento militar seguia colocando como demanda a necessidade de reconhecer os elementos subjetivos que fizessem parte da capacidade de resistência do inimigo, talvez por isso o setor de Defesa dos EUA insistisse na estratégia de “conquistar corações e mentes”. Para Clausewitz, o sucesso de uma ação militar e a capacidade de resistência do adversário conta justamente com elementos quantitativos e subjetivos, é possível estimar em termos quantitativos a capacidade do aparato militar do qual o adversário dispõe, mas não se pode desconsiderar os elementos subjetivos, “as paixões nacionais” e a disposição de resistência adversária, assim como a capacidade dos líderes militares de colocarem isso em favor de seu objetivo,²⁰⁶ dado o caráter destes elementos, não se aplica um cálculo quantitativo, em outras palavras poderia se dizer que o conhecimento perfeito do adversário é uma situação impossível.

Quando vemos a tática empreendida no Vietnã, nos parece que este aspecto tenha sido, talvez, subvertido. Ou seja, seria possível estimar a reação da população vietnamita tal como num cálculo de condições bem definidas, simular os cenários de batalha e seus resultados, tudo que não se teria conhecimento seria considerado uma “falta de informações” que poderia ser contornada facilmente com dispositivos tecnológicos de ponta e um sofisticado sistema de comunicações entre comando e unidades militares.

Concepções pervasivas das ciências naturais colocadas para compreensão do comportamento humano, especialmente na psicologia, que adotavam modelos mecanicistas e determinísticos, ganharam uma linha de pensamento opostora (a psicologia humanista). Suas críticas questionavam como valores idealizados de neutralidade e objetividade pelo campo *mainstream* supostamente desinteressado em fins políticos ou morais, afirmando-se preocupado com os meios, não com os fins. O debate se manifestou em outros campos das humanidades, a oposição às linhas ortodoxas colocava em questão como seus modelos analíticos emprestados ao governo ofereciam uma imagem empobrecida do comportamento humano, em favor de uma “manipulative orientation that saw human beings as objects to be studied, observed, analyzed, and ultimately controlled by supposedly objective scientific experts.” Quando o Projeto Camelot conquistou atenção pública e revelou estes elementos, o caráter da discussão se transformou, com a soma de novas vozes participantes - como o Congresso -, conferindo maior espaço às linhas de pensamento que confrontavam o *mainstream* e expondo a controversa

²⁰⁶ CLAUSEWITZ, C. V. *Da Guerra*. Tradução: Maria Teresa Ramos. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 11; 24-25.

relação entre a produção acadêmica das ciências sociais em colaboração com o estado de segurança nacional.²⁰⁷

Os diferentes períodos e suas respostas científicas aos problemas do universo e da humanidade também responderam diversamente ao desafio militar do controle em meio ao caos do campo de batalha. No período de predominância da mecânica (metáfora do relógio), a manutenção da ordem perante o caos significava padronizar o comportamento das tropas de forma programada e mecanizada; o regime termodinâmico, os poderosos dispêndios de energia (*powerful releases of energy*) combinados com o avanço da indústria e aprimoramento dos sistemas de logística garantiriam a capacidade de controle centralizado. No que o avanço de tecnologias de telecomunicação possibilitou um sistema que funcione de forma integrada e cada vez mais complexo, “institucionalizando” a estratégia a partir de “comando centralizado e estruturas de controle”: “the hability to marshal resources appropriately and manage vast integrated assemblages of bodies and material became the Paramount factor determining military and strategic victory in those wars of attrition, over and above tactical and operational brilliance”.²⁰⁸

7.2. A estratégia do regime cibernético empreendida no Vietnã

A introdução do computador associada a princípios de cálculo matemático, permite uma larga escala de projeção de cenários e análise de probabilidades, permitindo formulações mais abstratas, a partir da introdução de informações diversas. Tudo aquilo que fugir a esta lógica, incertezas e outras complexidades do campo de batalha, como a imprevisibilidade é considerado “deficiência de informação”, mas podem ser contornadas pelo uso e avanço de tecnologias. Os problemas da guerra moderna, poderiam, então, ser desbravados por cientistas, cujos poderes a partir das informações disponibilizadas podem ser convertidas em planejamento.

Em 1961, Robert McNamara foi nomeado Secretário de Defesa, um grande defensor da concepção da análise de sistemas enquanto a ferramenta ideal, ele aplicou o princípio entre os militares de forma sistemática. Durante a Segunda Guerra, ele se destacou em suas pesquisas de operações da força aérea utilizando computadores e máquinas de cálculo da IBM, diretamente envolvido com as táticas de bombardeio contra o Japão. Em 1946 ele se

²⁰⁷ SOLOVEY, 2001, p.183-184.

²⁰⁸ BOUSQUET, 2009, p. 128.

juntou à Ford, antes de ser convidado pelo Presidente Kennedy, sua equipe era de funcionários da RAND que compartilhavam de sua visão, buscando aplicá-la nos diversos braços das forças armadas dos EUA. Assim, aspectos quantificáveis eram considerados o maior determinante, tudo que pudesse ser colocado sob esta ótica era incluído em uma visão equacionista, perspectivas não quantificáveis eram desconsideradas (ruídos *versus* padrões). A capacidade de simulação de cenários e as diversas projeções possíveis eram assim o fator fundamental resultante da análise de sistemas, possíveis mediante o conjunto de informações que se capta, utiliza e se processa.²⁰⁹ A partir desta perspectiva, na busca pela previsibilidade, incertezas eram encaradas como obstáculos contornáveis e se o conjunto de informações necessário não era acessível, era preciso novos métodos e dispositivos capazes de cumprir essa tarefa.

A doutrina estratégica típica do regime cibernético, quando testada contra um adversário cuja estrutura organizativa é horizontal e permite certa autonomia militar, encontrou os limites da capacidade de ação no território, como os Estados Unidos puderam conferir. Além da novidade de se basear em operações cirúrgicas, encontraram um cenário muito mais difuso do que estavam habituados:

The Vietnam conflict was quite different from that for which the Army had trained, and, for that matter, was at variance with combat dynamics upon which the Army's logistic doctrine was based. Vietnam was a war fought essentially by small units (maneuver battalions, companies, and similar forces) in constant pursuit of an elusive enemy. In stark contrast to World War II and Korea, Vietnam was characterized largely by small, isolated actions consisting of ground and air assaults mounted from the numerous isolated base camps dotting the countryside. There were no fixed terrain objectives. Even when some key terrain feature was at issue it was usually for a limited purpose and a designated time [...] There was no neat, linear division between enemy and friendly forces; no front line; and no rear boundaries. Consequently, there was neither an Army service area, nor a communications zone. In fact, the combat zone and the communications zone were one and the same.²¹⁰

Mas, sua estratégia concentrada na capacidade de captação e processamento da maior quantidade possível de informações acerca do inimigo, território, unidades militares, arsenal, suprimentos, posicionamento, era encarada como a chave para o sucesso, para tal, o uso dos computadores e demais componentes que conformavam este sistema de comunicação automatizado foram preponderantes, a maior dificuldade encarada pelo Exército, em um primeiro momento era não dispor de habilidades com tecnologias de ponta e estruturas computadorizadas para um processamento automatizado.

Nos estudos logísticos da Força Aérea para o conflito no Vietnã, denota-se que a operação de aeronaves e as demandas por unidades de suporte no campo de batalha requeriam

²⁰⁹ BOUSQUET, 2009, p. 152-153.

²¹⁰ Department of the Army. *Vietnam Studies: Logistic Support*. Washington, 1974. p.7.

uma certa prontidão e flexibilidade, era necessário, portanto, que equipes cuja expertise no setor pudessem responder a emergências (ou cenários não-previstos). O aumento do fluxo de aeronaves enviadas para a guerra fez com que fosse estabelecido um comitê para traçar um plano para lidar com a logística que vinha se impondo, este plano consistia em três pontos organizacionais:

a) unidades de manejo de manutenção e suprimento das aeronaves integradas em uma “brigada de aviação” que exerceria o controle das atividades de aviação;

b) unidades integradas ao 1º. Comando Logístico e c) um comando separado sob controle do exército dos EUA já estabelecido no Vietnã. O Departamento de Defesa buscou apoio em empresas privadas do setor de aviação comercial, uma vez que o Exército em si não tinha equipes altamente especializadas na disposição em que era necessário para suprir as demandas no Vietnã.²¹¹

8. Esgotamento do padrão de acumulação, fim de Bretton Woods e Revolução Cultural – novos paradigmas de segurança

A empresa objeto de estudo desta pesquisa, em sua fase como *Dynalectron* (1961-1987), passa por um período que é emblemático para compreender dois aspectos, primeiro, suas próprias ações durante o período relacionadas aos movimentos de desenvolvimento capitalista e disputas geopolíticas e, em segundo, como se conectam ao atual status das empresas militares e de segurança privada no cenário de segurança. Isso, pois, ela adentra o setor de pesquisa em fontes enérgicas, ao passo em que ela passa a conduzir operações em outros países, ambos movimentos sugerem estar relacionados à expansão do padrão industrial produtivo euro-americano após a Segunda Guerra.

Ainda na década de 1960 ela é contratada pelo Departamento de Defesa para exercer serviços de apoio logístico na Guerra do Vietnã (que posteriormente se tornariam cada vez mais fundamentais para a estrutura dos aparatos de Defesa ocidentais), quando o país estadunidense optou por se envolver no conflito, o que causou uma ampla controvérsia interna acerca dos objetivos políticos do país – em nome do combate ao inimigo comunista - serem operacionalizados a partir de sua máquina de guerra, enviando milhares de jovens e adultos aos *fronts* de batalha em terras estrangeiras. No período, com a formação de um movimento

²¹¹ Ibid., p. 134-139.

antiguerra e tensionamentos gerados pelo processo de desenvolvimento capitalista de disparidades sociais, distúrbios sociais dariam o tom das novas demandas em políticas de segurança.

Passaremos então adiante, para compreender esta movimentação, descrevendo o esgotamento do arranjo de Bretton Woods e suas conexões com os distúrbios sociais que explodiram no fim da década de 1960, assim como as lições da Guerra do Vietnã e demais impactos para a doutrina estratégica militar dos EUA significaram para a atual consolidação das empresas militares privadas e porque esta configuração se tornou imperativa para os aparatos de Defesa.

O fim de Bretton Woods foi avistado perturbando a relativa estabilidade do sistema monetário internacional, o esgotamento do modelo de crescimento econômico revelou algumas limitações, arrefecendo ganhos de produtividade e de crescimento de demanda. O modo de produção estadunidense que tanto havia ganho espaço entre as fábricas e consumidores de nações asiáticas (especialmente o Japão) e europeias sofria um esgotamento, quando a trajetória de expansão arrefeceu e as receitas passaram a cair, os investimentos públicos foram grandes alvos de crítica, as redes de seguridade social e proteção trabalhista passaram a ser vistas como demasiadamente onerosas. A articulação que permitiu subordinar as políticas macroeconômicas à regulação estatal fora se desfazendo até que em 1971 os EUA rompem o acordo de Bretton Woods, revogando a conversibilidade ouro-dólar. Os princípios organizativos da ordem de Bretton Woods como condições de equilíbrio nas balanças de pagamentos e controle sobre movimentação de capitais deram lugar à internacionalização das praças financeiras norte-americanas, numa determinação também política além da econômica.²¹²

A Era de Ouro encerra seu ciclo ao passo em que a intervenção estatal é cada vez mais vista como demasiadamente intrusiva e os princípios liberais da economia ortodoxa passam a ter a preferência, em que prevaleceriam supostos mecanismos de autoajuste endógenos ao mercado, tomando forma nas políticas neoliberais a partir da década de 1980.

A combinação entre políticas de pleno emprego, fortalecimento sindical e aumento de rendimentos salariais, em um ambiente de economia capitalista dependente do consumo da classe trabalhadora sindicalizada e que exercia poder de pressão, era “uma construção política”:

Tratava-se de um pacto aceitável para todos os lados. Os patrões pouco se incomodavam com altos salários num longo boom de altos lucros, apreciavam a previsibilidade que tornava mais fácil o planejamento. A mão-de-obra recebia salários que subiam regularmente e benefícios extras, e um Estado previdenciário sempre mais abrangente e generoso. O governo conseguia estabilidade política, partidos

²¹² MAZZUCHELLI, 2014, p.126.

comunistas fracos (...) e condições previsíveis para a administração macroeconômica que todos os Estados então praticavam (...) até fins da década de 1960, a política da Era de Ouro refletiu esse estado de coisas.²¹³

Esta construção dependia dos EUA como o centro assegurador da ordem econômica mundial. Quando seu status hegemônico passa a ser questionado, esta própria ordem internacional em si, mantidos seus pressupostos e regras, é ameaçada. Aos finais da década de 1960, especificamente em 1968, a explosão de movimentos radicais estudantis mundo afora abalou a ordem “tranquila, se não sonolenta” do arranjo de Bretton Woods. O equilíbrio entre crescimento produtivo e a formação de um mercado devidamente equipado para o consumo encontrou obstáculos para controlar o aumento de salários e taxas de inflação.²¹⁴

O crescimento econômico nacional, a retomada de produtividade por nações concorrentes, a internacionalização industrial, o aumento das taxas de lucro ao empresariado, foram, portanto, características do período. Ao mesmo tempo, o fortalecimento dos sindicatos e as políticas voltadas para geração de empregos funcionaram, ainda que temporariamente, para estruturar Estados de Bem-Estar e impedir o desemprego em massa, acompanhadas pelo aumento dos rendimentos salariais da classe trabalhadora que conseguira ser absorvida, também são características deste ordenamento. Assim como as novidades tecnológicas que iam se tornando comercialmente viáveis refletiam-se em novos bens de consumo – e acessíveis –, a percepção da vida moderna esperada pela geração da Era da Catástrofe, a que viveu duas guerras mundiais, crises e recessões, gerou um abismo geracional, “tornara-se adulta uma nova geração, para a qual a experiência do entre guerras – desemprego em massa, insegurança, preços estáveis ou em queda – era história, e não parte de sua experiência”, transformando a separação entre a experiência da Era de Ouro e o horizonte menos reluzente de expectativas que se delineava.²¹⁵

Estes são elementos que explicam apenas parcialmente os motivos pelos quais a ordem pós-Segunda Guerra derreteu, eles podem apresentar as peculiaridades do capitalismo que se modelava ao seu próprio tempo, podem indicar o delineamento das agendas de pesquisa acadêmicas, refletidas na percepção do mundo e da humanidade engendrada em objetivos políticos da Guerra Fria, podem muito nos dizer sobre o impacto da transformação da vida cotidiana moderna na ordem política. Mas, ainda não revelam inteiramente as contradições inerentes ao seu ordenamento capitalista focado na expansão da acumulação e seu destino de múltiplas crises.

²¹³ HOBSBAWM, 1994, p. 277.

²¹⁴ HOBSBAWM, 1994, p. 279.

²¹⁵ Ibid.

Podemos mapear este processo desde as revoluções burguesas e seus traços cunhados na perspectiva da razão iluminista, em que as formas de conhecimento resultantes do racionalismo e do empirismo colocou a vida sob um julgamento crítico que pudesse ser sistematizado e comprovado. Sob estas bases, a coesão social desta sociedade “passava a depender mais da visão do futuro do que da memória do passado”, nesta visão congregavam-se os aspectos da noção de *progresso*. Esta, por sua vez, se percebia como a “ascensão de forças sociais que tinham na acumulação a fonte do próprio prestígio” e não poderia deixar de transferir este aspecto como um “padrão cultural”. O que se chama de progresso, na modernidade, portanto, está diretamente ligado a acumulação como um fim em si, ou seja, indicadores de melhoria e progresso eram representados pela capacidade de acumulação, sujeitos ou nações. A promessa da acumulação como solução para os problemas das massas da população passou a formar o elemento legitimador do sistema de dominação.²¹⁶

Se a força gravitacional que mantinha o arranjo de Bretton Woods era o status dos EUA enquanto a potência hegemônica industrial, financeira e militar, o desgaste deste modelo internacional esteve associado à própria perda de prestígio dos EUA e as críticas levantadas sobre sua posição no cenário internacional, igualmente deve-se enfatizar outros processos para explicar o derretimento do arranjo econômico multilateral e como este se relacionou com os levantes de 1968 como expressão da crise que se avizinhava.

A “ideologia do progresso-acumulação” era o verdadeiro pacto que sustentava o equilíbrio em que viviam classes sociais de interesses antagônicos, como o empresariado e os sindicatos. A intervenção militar do país na Guerra do Vietnã tornou-se uma controvérsia internacional e doméstica, tomando o debate público, especialmente entre a nova juventude universitária e, principalmente, ativista, cujas perspectivas de empregabilidade e de renda se transformaram junto com os espaços de trabalho, cada vez mais informatizados e cujo aumento salarial havia se estagnado: “A ideia de progresso foi o cimento de uma super ideologia que injetou um fio de solidariedade entre grupos sociais que fatores econômicos objetivos de monta levavam a conflitar.”²¹⁷

Mesmo no âmbito internacional, o fenômeno da transnacionalização de empresas se dava a partir da estrutura da divisão internacional do trabalho, isso significa que para os países periféricos receptores da expansão produtiva sob a égide dos EUA e demais países centrais, a promessa da universalização do mercado para as massas trabalhadoras nunca

²¹⁶ FURTADO, Celso. Da ideologia do progresso ao desenvolvimento. In: *Criatividade e dependência da civilização industrial*. São Paulo: Cia das Letras, 2008, p. 99-103.

²¹⁷ *Ibid.*, p.107.

produziu os resultados vistos nos países centrais. Quanto mais o arranjo de Bretton Woods e seus órgãos financeiros multilaterais impunham suas premissas para equilíbrio das balanças de pagamentos em países periféricos, mais nítidas foram ficando as distorções criadas pela especialização produtiva geográfica. Países centrais gozavam de taxas de acumulação e aumentos de produtividade, além de desenvolver uma indústria intensiva em capital, países periféricos – ainda que tenham conseguido avançar em sua industrialização, mantiveram-se como fornecedores de matéria-prima.

A *Dynallectron*, em 1952, com o reestabelecimento do comércio internacional com o Japão, anunciou seus planos de um trajeto aéreo até os EUA. Em 1956, encontrou a chance de iniciar operações comerciais na Argentina após a saída do governo peronista, que impunha restrições para companhias estrangeiras atuarem no país como medida protecionista. Em 1964, atenta às demandas energéticas, comprou a *Hydrocarbon Research* e adentrou o ramo de pesquisas no setor, além de ganhar contratos para refinarias no Kuwait e na Libéria. Mas o desenvolvimento e o progresso econômico eram, sobretudo, do bloco euro-americano.

O processo de acumulação tem como característica estrutural um centro que tende a homogeneização e a formação de outras diversas economias periféricas, cujo abismo tende a ser crescente. Para os países do centro, a homogeneização do padrão de produção, consumo e acumulação, significa, nas economias periféricas um distanciamento cada vez maior das condições de vida de uma minoria privilegiada. Portanto, não se generaliza em escala planetária. A orientação geral do desenvolvimento produtivo calcado na constante introdução de produtos finais, baseia-se no aumento de renda daqueles países que constituem o centro, na periferia apenas a minoria mais rica consegue beneficiar-se. As disparidades geram tensões no conjunto do sistema, no âmbito interno dos países periféricos aumenta a desigualdade social, o mesmo acontece entre os países centrais e periféricos, ou seja, constitui-se um abismo crescente entre eles:

A conclusão geral que surge é que a hipótese de extensão ao conjunto do sistema capitalista das formas de consumo que prevalecem atualmente nos países cênicos não tem cabimento dentro das possibilidades evolutivas aparentes deste sistema. E é essa a razão pela qual uma ruptura cataclísmica, num horizonte previsível, carece de verossimilhança. O interesse principal do modelo que leva a essa previsão de ruptura cataclísmica está em que ele proporciona uma demonstração cabal de que o estilo de vida criado pelo capitalismo industrial sempre será privilégio de uma minoria.²¹⁸

²¹⁸ FURTADO, Celso. O mito do desenvolvimento econômico. Companhia Penguin. Celso Furtado. *Essencial*. Organização Rosa Freire d'Aguiar. 1ª. Ed. São Paulo: Penguin Classics Cia das Letras, 2013, p. 174.

Esta razão burguesa orientará, portanto, um problema clássico da economia, a adequação dos meios aos fins. A racionalidade técnica determinará os meios, ao passo em que os fins serão fruto de uma orientação ética. Na civilização moderna, subvertem-se os meios e os fins, neste último, impera a acumulação infinita. Se o Estado era o agente capaz de subordinar os meios a um fim que não fosse mera acumulação, com o processo de transnacionalização, este status do Estado se dilui e qualquer horizonte civilizatório é operado pela acumulação. Quando os tensionamentos emergem, esta condição do progresso colocada intrinsecamente à visão de futuro passa a se esfumçar, uma vez que a acumulação é “um dos sustentáculos do sistema de dominação social”, quando este se mostra limitado ou mesmo inatingível, todo o ordenamento da dinâmica social é ameaçado.²¹⁹

A concepção do progresso invadiu a percepção de futuro das gerações que viveram o início da Era de Ouro, essa penetração foi tamanha que na década de 1950 o sociólogo Daniel Bell e o cientista político Seymour Lipset, chegaram a apresentar uma tese de “fim da ideologia” defendendo que o desenvolvimento do pensamento social e político teria colocado a nação dos EUA em um amplo acordo de objetivos em comum, restaria a nação buscar os meios para os fins.²²⁰

A década de 1960 foi uma experiência diferente do que foram os anos dourados de 1950, o brilho da manutenção de uma “comunidade internacional saudável” passara a ser ofuscado pelo esgotamento do modelo pactuado após a Segunda Guerra, pelo abismo geracional entre os que viveram a Era da Catástrofe, pelo surgimento de uma juventude politizada e ativista, por novas mudanças no panorama geopolítico. O envolvimento dos EUA na Guerra do Vietnã conseguiu convergir em si insatisfações sociais diversas em todo um movimento antiguerra; em terras estrangeiras, o fim da década foi de explosão de levantes estudantis questionadores do *establishment*.

Ainda que o “consenso keynesiano” tenha conferido um certo verniz de democratização progressiva, tal política econômica parcialmente redistributiva, em especial por estar associada ao desenvolvimento de forças produtivas, fora consubstanciada em forças destrutivas, altamente apoiadas em inovações tecnocientíficas e na construção de um complexo militar-industrial-acadêmico, ambos legitimados pela retórica da Guerra Fria, que potencializavam as máquinas de destruição. Não é de se surpreender que insatisfações e as promessas de prosperidade moderna não cumpridas tenham se convergido para o

²¹⁹ FURTADO, 2008, p. 55-62.

²²⁰ SOLOVEY, 2001.

questionamento da ordem do *establishment*, assim, o inerente aumento da desigualdade social na sociedade industrial e demais tensionamentos, que em verdade, não haviam desaparecido, ainda que restringidos há um pacto (ou consenso), graças à política imperialista dos EUA em nome da expansão de seus ideais de progresso e democracia, encontraram uma voz comum justamente neste paradoxo entre desenvolvimento produtivo voltado para forças destrutivas a partir da Guerra do Vietnã.

As revoluções estudantis de 1968 representavam o sinal do fim de uma era, ainda que se considere os fracassos das tentativas de reação como acidentais, o mundo adentraria em uma nova era de crises e profundas transformações na vida social e política das nações.²²¹ A virada para a década de 1970 demarcaria o fim do consenso econômico internacional, consagraria a juventude universitária como uma força política, transformaria os espaços de trabalho e resultaria em novas formas de controle social, e consigo, novas concepções para as políticas de segurança - nacional e internacional:

Em uma sociedade em que grupos e classes sociais, com interesses antagônicos, adquirem progressivamente uma percepção das posições respectivas e uma visão do todo social -, as estruturas de privilégios passam a ser transparentes e, por conseguinte, permanentemente ameaçadas. Forças centrífugas tendem a emergir com a tomada de consciência de antagonismos que se agravam. As lutas de classes, que em sociedades submetidas a formas tradicionais de dominação se manifestam sob a forma de explosões ocasionais de populações levadas ao desespero pela exploração e a opressão, surgirão agora como um processo intermitente, exigindo um quadro institucional que as discipline.²²²

Se pensarmos na expansão da sociedade industrial amparada pela lógica do progresso enquanto acumulação, a manutenção de uma “comunidade internacional saudável” cuja referência seria os EUA, a busca pela estabilidade a partir da difusão do padrão produtivo ao restante do mundo pode ser melhor compreendida na formulação dos objetivos políticos nacionais, incluindo as que se manifestam como políticas de segurança.

Os tensionamentos sociais são captados pelas classes que realizam o poder, em verdade, qualquer sociedade que pense sobre si irá gerar uma pluralidade ideológica, que por sua vez “ampliava necessariamente a área coberta pelo debate político”, nos momentos de acirramento das tensões sociais, novas opções de políticas poderiam ser apresentadas, os grupos privilegiados se preparavam, então, “para assinalar iniciativas antecipadoras”. Em segundo lugar, uma vez que o desenvolvimento é um pacto mantido pelas estruturas de poder interessadas na expansão de acumulação, a estrutura social complexa e a permanência de

²²¹ HOBBSAWM, 1994, p. 280.

²²² FURTADO, 2008, p. 100.

interesses divergentes mostram que este desenvolvimento, como colocado pela lógica do progresso enquanto acumulação, está dissociado das estruturais sociais. Este desenvolvimento não abarca a existência dos interesses conflitantes de classes antagônicas, ele “aponta para o simples transplante da civilização industrial”. Nesta sociedade, a população é recurso produtivo, enquadrada nas leis de mercado, assim, qualquer distúrbio social pode ser encarado “como formas de desperdício de energias da sociedade”. Se assim vista uma nação, para um transplante de sucesso dos padrões produtivos e de consumo que possam acelerar a acumulação, as atividades políticas governamentais orientam seus esforços “para reduzir as resistências das estruturas sociais à penetração das técnicas produtivas à civilização industrial.”²²³

A noção de progresso, colocada sob uma perspectiva economicista da performance industrial, influencia, portanto, quais os meios para se garantir a estabilidade internacional, a manutenção do *status quo* dos EUA neste panorama e o que constituía ameaça para tal. É possível encontrar a concepção de política de contrainsurgência nesta própria noção de progresso. Coloquemos o contexto da Guerra Fria, sem conflitos diretos e abertos entre as potências envolvidas, esta guerra foi essencialmente de operações clandestinas e de espionagem. Era preciso estar à frente da corrida armamentista ao mesmo tempo em que se evitava a ampliação das alianças entre comunistas.

Cabe mencionar aqui um projeto de pesquisa patrocinado pelos militares em parceria com diversas universidades, aquele que é considerado o Projeto Manhattan das ciências sociais: o Projeto Camelot. No início dos anos 1960, as administrações de Kennedy e Johnson nos EUA, recrutaram intelectuais como consultores para formulação de políticas, confiantes em uma espécie de “engenharia social” como chave para a harmonia social. O Projeto partia de uma preocupação e uma pergunta, a primeira estava relacionada ao receio da expansão de países em aliança com a URSS, a segunda, o que poderia ser feito para evitar que países adentrassem em processos revolucionários. Como militares eram especialmente mais atraídos por metodologias e resultados quantitativos semelhantes aos das ciências naturais, as ciências sociais, por sua vez, aderiram ao modelo, firmado sob premissas de previsão e controle.²²⁴

Em suma, o Projeto Camelot foi um programa de pesquisa interdisciplinar, com um campo de ciências humanas voltado para linhas *behavioristas* e especialistas em análise de sistemas, seu objetivo era compreender o apoio ao comunismo em determinadas regiões e qual

²²³ FURTADO, 2008, p.107-108.

²²⁴ SOLOVEY, 2001.

a probabilidade de passarem por processos revolucionários. De forma a prever e evitar os mesmos, podendo ser classificado como um programa de “contrainsurgência”.

Em 1964, em meio aos esforços de ampliação das bases de conhecimento acerca de elementos que podem impulsionar conflitos internos, verificou-se a deficiência de dados relativos a nações estrangeiras. A resposta do Departamento de Defesa foi criar um programa que justamente pudesse analisar “movimentos revolucionários e táticas de contrainsurgência”. A ideia do Projeto Camelot, era sistematizar as metodologias necessárias para investigar o potencial de guerra civil em diferentes nações, quais medidas um governo poderia tomar de forma a mitigar tensões que potencialmente gerariam processos revolucionários e caracterizar um sistema que pudesse captar e analisar os dados necessários para cumprir suas duas tarefas anteriores. Sua abrangência era ampla, contemplando países da periferia do sistema internacional por todo o globo, incluindo o Brasil.

Os pesquisadores envolvidos no projeto também foram recrutados em diversas universidades dos EUA, como MIT, John Hopkins, Princeton, Columbia e Stanford, entre outras. Envolvendo mais de cem pesquisadores de diferentes áreas, seguindo uma das características principais de programas de pesquisa conduzidos no MIT ou na RAND, por exemplo, sua natureza interdisciplinar:

Presumably, Camelot would provide valuable data and an important learning environment for researchers working on future studies. The final stage of this effort noted Army Chief of Research and Development (...) would be the production of 'a single model which could be used to estimate the internal war potential of a developing nation'.²²⁵

O Projeto foi cancelado em menos de um ano de sua formulação, após se tornar matéria de um incidente diplomático. Quando tentaram recrutar pesquisadores em universidades chilenas, o assunto chegou às autoridades congressuais do país e foi classificado como uma expressão imperialista dos EUA contra o direito a autodeterminação dos povos, sob o véu da pesquisa científica, sua natureza política ameaçava a soberania nacional de outros países, incluindo o Chile. Para evitar que programas de pesquisa de teor politicamente sensíveis pudessem gerar outras polêmicas internacionais, o então presidente L. Johnson ampliou os mecanismos de segurança para estudos que visassem a formulação de políticas nacionais, ampliando os programas que seriam então classificados como secretos.²²⁶

²²⁵ SOLOVEY, 2001, p.182.

²²⁶ Ibid., p. 187.

O Projeto partia de algumas premissas: movimentos revolucionários podem ser previsíveis, eles são perturbadores da ordem e por isso ameaças a ela, para manutenção do equilíbrio sob a égide dos EUA como a potência hegemônica, estes movimentos são indesejáveis e devem ser reprimidos, uma vez que o progresso é a acumulação da sociedade industrial e as sociedades são o recurso material desta concretização, devem absorver o padrão produtivo e de consumo que se busca instaurar mundo afora. O antropólogo Marshall Sahlins classificava o Projeto Camelot em termos de “epidemiologia”, em que os processos revolucionários eram colocados como disruptivos e desestabilizadores, diagnosticados como uma espécie de “patologia social” e cujo tratamento adviria de métodos de engenharia social - receitado pelos EUA:

In this view of things, social scientists and the military performed the humanitarian tasks normally assigned to doctors. Their patients, however, were social movements or entire countries, not individuals. Clearly, Cold War priorities guided social science judgements about what constituted 'national sickness', and what should be done in order to restore afflicted nations to 'good health'.²²⁷

Se a razão burguesa como o elemento de coesão social e legitimação do poder governamental trouxe promessas de prosperidade no século XIX, o iluminismo como projeção da razão e de progresso, a economia política produzirá a generalização das conquistas das forças produtivas e um modelo de bem-estar formado sob uma perspectiva eurocêntrica. O desenvolvimento econômico capitalista e as consequências do poder das forças de destruição foram características de um período de contexto internacional relativamente estável, mas a vida da Era de Ouro coexistiu com a ameaça de inverno nuclear. A governabilidade política das economias de guerra não poderia passar ilesa. A coexistência da democracia política e desta ideia de desenvolvimento econômico capitalista não podem escorar-se por longos períodos, não sem produzir crises.

Gerações que vivenciaram grandes guerras foram decisivamente marcadas por elas. Gerações inteiras que tomaram parte direta nos conflitos, recrutadas para os *fronts* de batalha, ou que assistiram pelos meios de comunicação quando o rádio e a televisão adentraram os ambientes privados das famílias, que viveram o luto de perder aqueles que amavam devido ao desenvolvimento das forças destrutivas e de disputas geopolíticas decididas por meios violentos. O desenvolvimento das forças produtivas se manifestou também na mobilização do poder de fogo, cada vez mais devastador, graças à expansão das fronteiras tecnocientíficas,

²²⁷ Ibid., p. 182.

imprimindo o caráter de violência pelo qual as diferentes gerações teriam suas vidas transformadas, assim como sua perspectiva da vida futura.

Em outras palavras, a humanidade não passou ilesa ao desenvolvimento econômico capitalista, em especial quando se tem registrado o acúmulo histórico da mobilização de forças de produção colocadas em serviço das forças de destruição. A primeira grande experiência da escala industrial colocada à disposição das forças de destruição vivida pela humanidade se materializara na Primeira Guerra, cuja mobilização e explosões de energia caracterizavam-se no determinado regime termodinâmico da guerra. O escritor alemão Ernst Jünger, escreveu sobre sua experiência servindo no conflito:

The spirit of this *Materialschlacht* [‘battle of materials’] and war of trenches, which had been fought more ruthlessly, more wildly and more brutally than any other, produced men which the world had not seen before. It was a new race, embodying energy and charged with great strength. Sleek, lean and sinewy bodies with striking facial features, beneath the helmets were eyes petrified by a thousand frights. They were vanquishers, *Stahlnaturen* [“natures of steel”], tuned in with the struggle in its most abominable form. Their approach over splintered landscapes meant the last triumph of a fantastic horror. Whenever their bold troops closed in on battered positions, where pale creatures with mad eyes stared at them, unforeseen energies were set free. As jugglers of death, masters of explosives and the flame, and as glorious predators, they moved through the trenches.²²⁸

Os avanços tecnológicos que possibilitaram as táticas da Segunda Guerra Mundial e a extensão do poder de fogo, em especial devido aos avanços em artilharia e do setor aéreo que contavam com novas tecnologias para precisão de ataques e comunicação das unidades militares, associadas às novas táticas de bombardeio e ataques simultâneos, transformaram o campo de batalha. Escreveu o Marine Eugene Sledge sobre vivenciar um campo de batalha com inovações em artilharia, mais velozes e potentes:

Most of the wounds resulted from enemy shell fragments, but it seemed to me we had more than the usual number of cases of blast concussion from exploding shells. That was understandable because of the frequent heavy shelling we were subjected to. All the casualties were muddy and soaking wet like the rest of us. That seemed to accentuate the bloody battle dressings on their wounds and their dull expressions of shock and pain, which made the horror and hopelessness of it all more vivid as we struggled through the chilly driving rain and deep mud to evacuate them. Some of the concussion cases could walk and were helped and led (some seemed to have no sure sense of direction) to the rear like men walking in their sleep. Some wore wild-eyed expressions of shock and fear. Others whom I knew well, though could barely recognize, wore expressions of idiots or simpletons knocked too witless to be afraid anymore. The blast of a shell had literally jolted them into a different state of awareness from the rest of us. Some of those who didn't return probably never recovered but were doomed to remain in mental limbo and spend their futures in a veteran's hospital as ‘living dead.’²²⁹

²²⁸ JÜNGER, 1992, p.14 apud BOUSQUET, 2009, p.81-82.

²²⁹ SLEDGE, Eugene B. *With the Old Breed: At Peleliu and Okinawa*. Presidio Press. 1981, p. 270.

O coreano Zhang Zheshi, que se juntou ao exército em 1950 para lutar na guerra por eles denominada “*The War to Resist US Aggression and Aid North Korea*”, se lembra de quando cruzou o sul da Linha de Demarcação Militar, chegando a uma comunidade sul-coreana, em entrevista ele conta:

We saw a... that was...I felt totally empty in my body. I heard the sound of a cat from the house. I opened the door and saw a crowd of wild cats around the corpse of a young girl. They were eating her face and her head. The scene was so heartbreaking (...) One of my comrades was burned to death by the napalm used by the United States. There was no way to remove the napalm when it got stuck to one's skin. He was rolling on the ground and suffering. We could not go near him as there was a huge fire. So, I could only watch him being burned to death. What I realized was that a human life during the war was not even worth that of an ant. An ant could still crawl on the ground [during wartime]. Therefore, respecting human life should be the top priority of human civilization.²³⁰

A jornalista de guerra Marta Gellhorn, cobriu diversos conflitos desde 1930 até a década de 1990. Dentre estes, ela pode acompanhar a Guerra do Vietnã. Em seus escritos, ela se mostrava reticente em acompanhar todo um novo cenário de massacres, como cidadã estadunidense consciente de estar na década de 1960 em meio ao crescente tensionamento social e político, demonstrava saber que o Vietnã estava no centro do debate, mas apesar disso, primeiramente relutou em conceder sua atenção:

(...)havia tantos desastres nacionais que uma pessoa mal podia se concentrar em um país cuja localização não estava clara em sua mente. Fomos subitamente, enormemente, envolvidos em uma guerra sem qualquer explicação que fizesse sentido para mim (...) os mortos americanos foram pranteados, mas não o suficiente; eles deviam ter sido pranteados com perguntas amargas e incessantes sobre o valor de sacrificar essas vidas jovens. O povo vietnamita foi aparentemente esquecido, exceto como um clichê de discursos. As missões de bombardeio americanas foram anunciadas como se as bombas fossem uma arma seletiva, ou como se apenas o inimigo proclamado vivesse no terreno. Os civis vietnamitas viviam por todo o terreno, sob aquela chuva de bombas. Eles estavam sendo impiedosamente ‘libertados da agressão’.²³¹

A estratégia dos EUA para a Guerra do Vietnã pode ser colocada de duas maneiras, para o setor de Defesa do país este era o primeiro conflito em que se aplicaria a estratégia de contrainsurgência – o mesmo que pacificação, em sua visão – a ideia era que uma multiplicidade de áreas da vida vietnamita fosse adereçada a partir das bases populacionais, para isso, era

²³⁰ Veterans recall Korean war's horrors 65 years after the armistice. *South China Morning Post*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch/KNVewpBFq9U>>. Acesso em: 02/01/2021.

²³¹ GELLHORN, M. *A Face da Guerra*. Tradução de Paulo Andrade Lemos e Anna Luisa Araujo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 254.

necessário “conquistar corações e mentes” da população, afinal, o discurso oficial justificava o envolvimento estadunidense no conflito para ajudar o povo do Vietnã do Sul.²³²

Ou, sob uma outra perspectiva, na Guerra do Vietnã seria colocada à prova a doutrina estratégica militar que os EUA vinham desenvolvendo desde a Segunda Guerra, uma que desafiava o *dictum* clausewitziano da incerteza como elemento intrínseco à própria natureza da Guerra. Com um aparato tecnologicamente sofisticado e o amplo desenvolvimento para superioridade bélica, esta estratégia contava com a capacidade de captar e processar informações acerca do inimigo a tal ponto, que todas as suas reações e resultados dos enfrentamentos poderiam ser calculados a partir das informações, prevendo as ações inimigas e garantindo a vitória de seu exército. Em ambas concepções, esta estratégia foi derrotada. Não bastasse, foi plataforma para o frenesi social questionador da ordem do *establishment* amplificar sua voz nos EUA.

Descrevemos acima alguns elementos resultantes da derrota na Guerra do Vietnã e outras condições convergentes do período, como o *ethos* liberal da racionalização de custos que ganhou força a partir da década de 1980, a necessidade de revisar a operacionalização das políticas de segurança internacional, além do debate interno gerado pelo envolvimento do país no conflito e a nova era de distúrbios sociais que se colocariam na medida em que o esgotamento da ideologia progresso-acumulação evocasse as disparidades sociais e geográficas. Com o fim da Guerra Fria, características como a organização estrutural em rede dos aparatos de defesa, cujo uso da iniciativa privada se torna preponderante para incorrer em operações militares e administrar toda a máquina de guerra estadunidense, em que forças nacionais vão sendo crescentemente substituídas por forças extraoficiais, a necessidade de se posicionar antecipadamente frente a processos revolucionários ou qualquer ameaça ao *status quo* dos EUA no panorama internacional.

Tais características estão marcadamente presentes no fenômeno de privatização da guerra por meio do crescente uso de empresas militares privadas. A *Dynalectron* e sua história puderam revelar como este processo foi sendo concretizado ao longo do tempo, ainda que o apoio pela iniciativa privada já fosse prática comum, observa-se uma crescente transferência de atividades, recursos e responsabilidades das políticas de segurança nacional e internacional à condução por empresas da iniciativa privada. O apoio da iniciativa privada em transporte de equipamentos, em serviços de manutenção especializada e de logística foi fundamental para a

²³² Counterinsurgency in Vietnam: Lessons for Today. *The Foreign Service Journal* - April 2015. Disponível em: <<https://www.afsa.org/counterinsurgency-vietnam-lessons-today>>. Acesso em: 15/01/2021.

estratégia empenhada pelos EUA em terras vietnamitas. Desde então, a crescente busca dos militares por empresas privadas transformou um “apoio pontual” em um elemento fundamental da configuração estrutural dos aparatos de Defesa, seja para atuação direta em conflitos armados ou missões de paz, seja na manutenção de bases militares – oportunidades de atuação frutíferas para a empresa objeto desta pesquisa e para todo o ramo das empresas militares e de segurança privadas.

O setor atualmente está fortemente presente em aparatos de defesa ocidentais, em especial nos EUA, no qual, a empresa objeto desta pesquisa foi uma das mais presentes em contratos com o governo, atuando simultaneamente em diversas regiões do mundo. A próxima seção se dedicará a apresentar a concretização destas características nos aparatos de defesa contemporâneos, carregando consigo os momentos de crise e para onde estão se abrindo as possibilidades de atuação (lucro). O fim da Guerra Fria fortaleceu e ampliou a privatização da guerra, no momento em que a *Dynalectron* segue para sua fase como *DynCorp* – sua atual denominação, após a empresa ser vendida após rodadas de negociações, em 1988.²³³

Adentraremos no período mais comumente associado na literatura como um grande marco da proliferação e ascensão das empresas militares e de segurança privadas, que se dá no fim da Guerra Fria em diante. No período, a tendência recebeu atenção não só devido a esta expansão, como também devido a atenção midiática acerca de polêmicas envolvendo empresas militares em cenários de guerra e operações clandestinas, é quando aparece com maior nitidez como os contingentes extraoficiais são alternativa política ao uso de forças nacionais, que ficam sujeitas ao escrutínio público e podem gerar consequências aos governos em empreitadas belicosas.

Antes de adentrarmos na questão da globalização, é interessante apresentar como a iniciativa privada já vinha aderindo aos aparatos de defesa de forma mais ampla e difusa, por meio de uma reestruturação organizativa (a exemplo do uso de empresas como a *Dynalectron* da Guerra do Vietnã). Isso porque defendemos aqui que o período seguinte, que representa o estágio de maior consolidação destas empresas nos cenários de segurança, é resultado de processos históricos anteriores ou que já estavam em curso.

²³³ OFFER Accepted By DynCorp. *The New York Times*, Nova York, p.5, 20 jan. 1988.

9. Do *just in case* ao *just in time*: as forças armadas *on demand*

Os contratos da *DynCorp* com as Forças Armadas e demais órgãos de Defesa do país referiam-se à oferta de serviços especializados em três ramos: manuseio, modificação e manutenção de dispositivos tecnológicos, manutenção de aeronaves e outros meios aéreos (como helicópteros) e serviços para administração de bases militares nos EUA e no estrangeiro. A partir dos anos 1990, ela buscou corresponder à demanda por efetivos militares, treinamento militar, em atividades também ofensivas, não mais apenas defensivas, como anteriormente. Paulatinamente, cada atribuição tradicionalmente conduzida por militares passa a ser transferida para a iniciativa privada, em vistas da dificuldade de mobilizar massivamente ou manter um efetivo em atividade constante devido às restrições mais políticas do que orçamentárias, em especial quando se trata de manter uma máquina de guerra global, estrategicamente espalhada pelo mundo e políticas de segurança nacional em alta atividade de monitoramento, de segurança internacional para garantir a prontidão de uma ação militar e um aparato tecnológico altamente sofisticado que por sua vez demandou mão de obra (especialistas) intensivas em capital. Buscou-se, por meio deste uso de empresas privadas, terceirizar as funções que poderiam ser consideradas mais periféricas do que estratégicas.

Isso significa dizer que o movimento de aderência das empresas prestadoras de serviços militares – para além da operação da indústria de defesa propriamente dita – está associado a mudanças de caráter organizacional dos aparatos de defesa nacionais, as quais mostram características em comum com transformações no campo da economia, como terceirização, transnacionalização, crescente automatização, *international outsourcing*, rearranjo segundo competências estratégicas etc.

Assim, elementos que já estavam consolidados nos padrões de produção e consumo da sociedade industrial e manifestaram-se também na arquitetura organizacional do aparato de defesa, de maneira que a mobilização, a organização e o exercício das investidas militares foram em alguma medida afetadas pelas novas tendências de organização econômica transnacional e em cadeias globais.

Isto é, determinadas transformações no setor de defesa podem ser associadas a tendências típicas de uma economia compreendida como pós-fordista. Em verdade, ao apresentar o conceito de “exército pós-fordista”, Antony King, relembra a afirmação de Mary Kaldor ao tratar do fim de um exército de massas e do surgimento de organizações militares mais flexíveis como “o último bastião remanescente do fordismo”. Como forma de expressar

rearranjos estruturais ocorrendo no setor de defesa e extrair aspectos paralelos ao campo econômico, o conceito apresentado pelo autor perpassa quatro mudanças principais que descrevem, portanto, o regime industrial emergente e que se mostraram associáveis ao reordenamento do setor de defesa: a) rearranjo organizativo mediante competências essenciais (“core and periphery”); b) terceirização (“outsourcing”); c) centralização (“centralization”) e d) guerra em rede (“network warfare”).²³⁴

Resumidamente, este conceito pensa como o setor de defesa se reordenou mediante pressões de oferta e demanda, tal como no campo da economia. Com a queda da oferta do efetivo militar, o aparato militar é reordenado de forma a compreender o que são suas atividades centrais e o que são as atividades periféricas, recorrendo à terceirização destas, como parte do processo de racionalização de custos, mas também como forma de atender uma demanda que se transforma de *just-in-case* para *just-in-time*. O reordenamento das fronteiras organizacionais foi possível essencialmente devido às inovações de comunicação que permitem a integração centralizada de uma rede dispersa de fornecedores, de produção e distribuição – sendo rede a palavra-chave que indicará um modo de operação das forças armadas que se dá de forma dispersa, não-linear, com unidades diversas em operação e simultaneamente coordenadas.

A iniciativa privada encontra prosperidade em basicamente todos os aspectos elencados para caracterizar o “exército pós-fordista”. E é possível destacar três frentes que justificam a crescente presença de empresas militares e de segurança na estrutura dos setores de defesa nacionais:

a) especialização, uma vez que empresas podem se profissionalizar em funções específicas e utilizadas para uma série diversa de tarefas fragmentadas;

b) promoção de eficiência, no sentido de que possibilita a orientação das forças de segurança nacionais em operações estratégicas ao passo em que atividades periféricas são delegadas a companhias comerciais – de forma a satisfazer uma demanda *just-in-time* de situações que requerem soluções de segurança; e

c) permitem a flexibilização do setor de defesa na medida em que fornecem um suporte flexível às forças oficiais, que representam o *core*, operando mediante contratos pontuais e

²³⁴ KING, Anthony. The Post-Fordist Military. *Journal of Political and Military Sociology*, Florida, v.34, n. 2, 2006.

temporários na manutenção e na operação de sistemas de defesa que operam num campo de batalha globalizado.

Em concordância com a estratégia de terceirização, a logística *just-in-case* dos exércitos de massas passam a operar segundo o *just-in-time*. As empresas privadas passam a também conformar toda uma camada necessária na estrutura do aparato militar. Segundo o próprio *Joint Chiefs of Staff* “focused logistics aims to deliver supplies to mission-specific requirements, reducing overheads and avoiding the massing of vulnerable people and equipment”.²³⁵

A terceirização em tarefas e operações especializadas conferem um caráter de flexibilidade, fornecendo, na verdade, “um suporte especializado flexível ao núcleo militar estatal”. Para o exército é mais eficiente delegar determinadas funções às firmas comerciais, que consigam satisfazer a demanda do *just-in-time*. Para operar essa rede, o núcleo estratégico exerce o comando centralizado, que por sua vez veio acompanhado também de uma certa descentralização do comando tático operacional, afetando principalmente a capacidade de velocidade de ação e resposta das unidades militares em campo de batalha, este certo nível de autonomia tática é reconhecido como “mission command”. Em vez de serem comandadas operações específicas, as unidades passam a ser orientadas a atuarem segundo os objetivos das missões, encorajando uma certa autonomia para agir. Desta maneira, é possível traçar um paralelo com um fenômeno no setor econômico, a centralização de autoridade vem associada a maior autonomia e “criatividade” nas camadas táticas.²³⁶

A estruturação de um núcleo estratégico apoiado por uma rede flexível de unidades desempenhando atividades periféricas levou à terceirização das atividades, ou seja, à busca por empresas especializadas para desempenhar a variedade de serviços. A busca de empresas privadas para execução das funções se tornou essencial para a habilidade dos EUA se engajarem em guerras, e não só: “The rising importance of the private sector has transformed the institution of war-fighting in America”.²³⁷

Esta racionalização das atividades pode ser compreendida inclusive em uma chave de obtenção de vantagens competitivas. O arranjo estratégico militar para o Vietnã, por exemplo, compreendia como fundamental a inclusão de empresas privadas especializadas em determinadas tarefas consideradas como periféricas, no sentido de que permitem que as forças

²³⁵ Joint Chiefs of Staff, 1997, p. 24 apud KING, 2006, p.365.

²³⁶ KING, 2006.

²³⁷ KING, Anthony. The Post-Fordist Military. *Journal of Political and Military Sociology*, Florida, v.34, n. 2, 2006, p.361-364.

oficiais possam concentrar-se em operações militares ao passo em que a manutenção de dispositivos tecnológicos no aparato bélico e serviços de transporte e logística poderiam ser terceirizados para a iniciativa privada. Não só, as forças armadas também reconheciam a dificuldade de manter em seu efetivo uma mão de obra especializada que encontrava salários muito mais atraentes na iniciativa privada.²³⁸

Os serviços ofertados por estas empresas são ramificados e podem ser altamente especializados. Uessler divide o ramo em quatro âmbitos: segurança (de locais, pessoas, transportes), formação (diz respeito aos treinamentos de forças policiais e militares), inteligência (operações de espionagem e processamento de informações) e logística (fornecimento de alimentação, lavanderia, construção, manutenção – esse aspecto é relativamente importante devido à busca por serviços especializados em tecnologia, pois é uma mão de obra intensiva em capital), eles têm bases de treinamento e operações próprias, mas também cooperam em ativos militares (inclusive estrangeiros), ainda, equipes de busca, escolta armada, consultoria em segurança, cursos para civis, manuseio de armamento, etc. Os fornecedores privados ocupam atualmente um amplo âmbito das tarefas do exército. Com serviços customizáveis e *on demand*, como qualquer entidade corporativa contemporânea:

Mesmo que às vezes afirmem algo diverso, elas só obedecem às leis do mercado, ou seja, à lei da oferta e da procura. Uma vez que se movimentam no mercado global e produzem para ele, as empresas podem subtrair-se a qualquer momento a medidas, restrições e regulamentações nacionais [...] Essa liberdade de ação no mercado mundial lhes possibilita desenvolver produtos para clientes específicos e soluções centradas no contratante. Seus serviços são, por assim dizer [...] ‘feitos sob medida’. É essa centralização no cliente que torna as empresas militares privadas tão atraentes para aqueles que contratam o serviço, pois se trata, na verdade, de soluções drásticas, mas rápidas e eficientes. E, com efeito, elas trabalham sob o seguinte lema: se o senhor tem um problema com rebeldes armados, com círculos de população insurgentes, com milícias estrangeiras em seu território, com ataques terroristas, com sindicalistas revoltosos, etc., preencha um cheque que nós resolvemos o resto de maneira rápida, não burocrática e para a sua mais plena satisfação.²³⁹

Dentro deste enquadramento, podemos dizer que as transformações institucionais e de organização estrutural podem ser percebidas como reações ao cenário econômico, em termos de economia, aponta-se a queda do lucro industrial e em termos do setor militar, a pressão por contingenciamento orçamentário, em ambos os casos, a solução foi a busca de recursos alternativos para executarem seus papéis. Ao passo em que a agenda de política externa do país

²³⁸ DEPARTMENT OF THE ARMY. *Vietnam Studies: Logistic Support*. Washington, 1974. p. 37; 139.

²³⁹ UESSELER, R. *Guerra como prestação de serviços: a destruição da democracia pelas empresas militares privadas*; tradução Marco Casanova. São Paulo: Estação Liberdade, 2008, p.57-58.

demanda por forças de segurança, lidava com obstáculos na mobilização destas – seja devido aos custos orçamentários ou políticos, as empresas foram colocadas como uma solução.

Exércitos que antes se caracterizavam por serem de massas, agindo mediante ameaças localizadas, e mobilizados no efetivo militar oficial do Estado, agora se organizam a partir de uma rede mais flexível, com um núcleo estratégico reduzido e especializado, com o apoio fundamental de unidades periféricas que atuam com contratos temporários e cujas funções tem sido substituídas pela iniciativa privada. Ainda, sua organização de comando centralizado e compartilhado deve coordenar esforços em campos de batalha não-lineares com uma multiplicidade de subunidades, as relegando, ao mesmo tempo, uma certa autonomia. Esta transformação dos exércitos, por sua vez, congrega características associáveis ao mundo corporativo, por isso a defesa de um conceito como “pós-fordismo” para destacar os fenômenos paralelos aos dois setores, econômico e militar, uma vez que consegue visualizar pressões de oferta e demanda e os novos aspectos de um mundo globalizado – em que se destacam os esforços de cooperação multilaterais.²⁴⁰

²⁴⁰ KING, 2006, p.369-371.

PARTE 3: A DYNACORP

10. Principais aspectos da terceira fase da empresa

Diferentemente das outras sessões, esta não se apoiará necessariamente nas movimentações da empresa em sua fase como *DynCorp* tendo como referência principal os artigos publicados no periódico *The New York Times*. As informações disponíveis acerca da *DynCorp* podem ser vastamente encontradas em jornais, sites oficiais do governo dos EUA e demais produções.²⁴¹ Nesta sua fase, no pós-Guerra Fria, é bem consolidado entre a literatura que este momento se constitui um marco da crescente presença de empresas militares e de segurança privada nos cenários de segurança, embora isso tenha ganho uma forte escala midiática devido ao uso destas empresas nos primeiros anos de Guerra contra o Iraque e Afeganistão, em especial no que se refere a denúncias de operações com danos colaterais aos civis e atuação politicamente questionável.²⁴²

Pelo que pudemos compreender até aqui, este período pode ser encarado tanto como o *resultado* de processos históricos anteriores que foram alçando a iniciativa privada de forma ampla, difusa e generalizada nos aparatos de defesa ocidentais, assim como demonstra o atual estágio de consolidação do ramo nos cenários de segurança, em que se identifica onde estas empresas estão se aderindo, o que por sua vez pode indicar, em alguma medida, os sinais dos cenários que se avizinham.

Para dimensionar o que foi a *DynCorp* no período em que estas empresas passaram a fornecer guardas armados para atuarem em regiões instáveis e/ou de conflito armado – em um fenômeno de mercenarismo em sua forma corporativa, considerando uma ampla cadeia de serviços ofertados que passam por recrutamento até mesmo em países que não o de sua sede, treinamento, transporte de tropas, proteção armada de pessoas e instalações, fornecimento de operadores de aparatos bélicos (pilotos, etc), algumas informações acerca da empresa são pertinentes, uma vez que ela era uma *defense contractor* de destaque.

Recentemente, a *DynCorp* descrevia-se em seu portal como “uma provedora global de serviços para o governo dos EUA apoiando objetivos de segurança e política externa” e fornece uma variada gama de serviços oferecidos, que vão de “operações aéreas”, “operações

²⁴¹ PAOLIELLO, T. O. *Anatomia de uma Empresa Militar e de Segurança Privada: a empresa DynCorp em perspectiva global*. Tese de doutorado em Relações Internacionais apresentada ao Programa de Pós-Graduação San Tiago Dantas, São Paulo, 2016.

²⁴² SCAHILL, J. *Blackwater: A ascensão do exército mercenário mais poderoso do mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

de contingenciamento", "treinamento e soluções em inteligência" e "serviços de segurança", entre outros.²⁴³ Em 2007 ela afirmou que seu quadro de funcionários contava com 14 mil pessoas,²⁴⁴ mas chegava vangloriar-se de um total de 50 mil *freelancers* em seu cadastro, de prontidão para serem convocados a qualquer momento.²⁴⁵ Em 2011, ela chegou a entrar para a lista de top 20 empresas a acumular pelo menos U\$3 bilhões em contratos *prime* com o governo, especialmente devido aos trabalhos desempenhados na guerra contra Iraque e Afeganistão e no âmbito do Plano Colômbia.²⁴⁶ Em ambos cenários, ela foi uma das principais contratadas para prestação de serviços, entre as três maiores ("The Big 3") a atuar no Oriente Médio, junto à então *Blackwater* e *Triple Canopy*;²⁴⁷ chegando a receber sozinha entre 2002 e 2013, cerca de 70% do orçamento destinado ao programa de reconstrução do Afeganistão.²⁴⁸ No Plano Colômbia, foram cerca de U\$161 milhões em contratos apenas em 2006, e outros U\$96,8 milhões até 2009, para operações de combate à produção, comércio e transporte de narcóticos.²⁴⁹ Ainda nos anos 2000, ela também recebeu importantes contratos para serviços no setor de tecnologia para a comunidade de inteligência dos EUA, administrando setores de tecnologia para a *National Security Agency* (NSA)²⁵⁰ e contratada como a responsável para implantação da nova rede de computadores - a *Trilogy* - do *Federal Bureau of Investigation* (FBI).²⁵¹

Ao se tornar *DynCorp*, a empresa reestruturou-se em duas grandes divisões: *Government Services* e *Comercial Aviation Services*, indicando o foco de seus serviços após abandonar o ramo em energia, concentrando-se na prestação de serviços relacionados à aviação

²⁴³WHAT We Do. Dyncorp International, 2012. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20120116012954/http://www.dyn-intl.com/what-we-do.aspx>>. Acesso em: 10 de jul. de 2021.

²⁴⁴ Rosenkranz, Robert B. & Dyncorp Intl. Statement of Robert B. Rosenkranz, President, Government Services Division, Dyncorp International before the / Subcommittee on Management, Investigation, and Oversight... / Hearing on "Increasing the Number of U.S. Border Patrol Agents" [6 pages] (PDF) (Report). Washington, DC: United States House of Representatives, Committee on Homeland Security. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20070726005209/http://homeland.house.gov/SiteDocuments/20070619152426-71242.pdf>>. Acesso em: 10 de jul. de 2021.

²⁴⁵ UESSELER, 2008, p. 62.

²⁴⁶ CORRIN, A. Dyncorp cracks top 20 with \$3B in prime contracts. *Washington Technology*, 2011. Disponível em: <<https://washingtontechnology.com/articles/2011/06/06/dyncorp-top-100-government-contractors.aspx>>. Acesso em: 10 de jul. de 2021.

²⁴⁷ PELTON, R. Y. *Licensed to Kill: Hired Guns in the War on Terror*. Nova York: Broadway Books, 2007, p. 168.

²⁴⁸ Special Inspector General for Afghanistan Reconstruction. *Department of State Assistance to Afghanistan: \$4 Billion Obligated Between 2002 and 2013*. Virginia, 2014. Disponível em: <<https://www.sigar.mil/pdf/special%20projects/SIGAR-14-49-SP.pdf#page=4>>. Acesso em: 25 de julho de 2021.

²⁴⁹ LINDSAY-POLAND, J. A Flexible War. *ACLA Report on the Americas*, 2016, Vol. 48, No. 2, pp. 167-172.

²⁵⁰ UESSELER, 2008, p. 69; 169.

²⁵¹ UESSELER, 2008, p. 44.

e defesa. Isso se deve à tendência de que “serviços elétricos e eletrônicos gradualmente cederiam espaço para os serviços de computação” em um contexto de fins de Guerra Fria em que se previa menor demanda e orçamento para atuação militar. Isso fez com que a empresa passasse a investir em sua especialização em tecnologia, voltada à Tecnologia da Informação (TI), como indica a compra de nove empresas do setor entre 1990 e 1993. Sem necessariamente abandonar a prestação de serviços militares, como indicam seus contratos para treinamento de forças de segurança na Bósnia no início dos anos 1990, sua proeminente atuação no Plano Colômbia e posteriormente na guerra contra Iraque e Afeganistão. A partir de 2003, o destaque da empresa no cenário das *defense contractors* impactou em uma movimentação diferente no que se refere a aquisições e fusões com outras empresas, em detrimento da busca por empresas menores para serem incorporadas, a própria empresa foi adquirida por um grupo maior em 2003, a *Computer Sciences Corporation* (CSC), fazendo com que a empresa conquistasse o top 5 no ranking dos cem maiores contratos com o governo dos EUA.²⁵²

Para a presente seção, já que entendemos que suas movimentações podem nos oferecer pistas que ajudam a pensar a ascensão destas empresas e que o período a partir dos anos 1990 é a apresentação dos resultados dos processos históricos anteriores que foram gradativamente alçando a iniciativa privada à sua atual escala, nos bastará três aspectos da fase *DynCorp* para apontar os elementos mais determinantes para a concretização de tal processo e as respectivas análises acerca destes, sendo os aspectos: a atuação da empresa no conflito dos Balcãs no início dos anos 1990 responsável pelo *treinamento de forças de segurança locais*, suas operações no Plano Colômbia nos anos 2000 para *combate ao narcotráfico* e a prestação de *serviços para a comunidade de inteligência* dos EUA, como seu contrato para instalação da nova rede de computadores do FBI. Tais questões, em última instância, materializam as novas agendas de segurança no mundo pós-Guerra Fria, e conseqüentemente, dado nosso interesse aqui, isto é, identificar onde e porque os serviços militares privados estão presentes.

As movimentações posteriores à sua aquisição pela *CSC* não serão tratadas aqui. Como apontado no início desta seção, para os efeitos desta pesquisa, compreende-se o uso destas empresas no período mais à frente da primeira década do milênio como resultado dos processos apontados ao longo da pesquisa até aqui, em especial no que se refere à descrição dos elementos impulsionadores do processo de ramificação dos serviços militares privados nos aparatos de defesa oficiais.

²⁵² PAOLIELLO, T. O. *Anatomia de uma Empresa Militar e de Segurança Privada: a empresa DynCorp em perspectiva global*. Tese de doutorado em Relações Internacionais apresentada ao Programa de Pós-Graduação San Tiago Dantas, São Paulo, 2016, p. 80-83.

Não obstante, o mesmo se aplica no que se refere à abordagem da atuação e presença destas empresas na Guerra contra Iraque e Afeganistão, em que confluíram diversas das tendências em curso, o *outsourcing* militar, a privatização de atribuições estatais, a memória do Vietnã que inferiu em um cálculo do custo político do envolvimento em conflitos armados e a alternativa através do uso de empresas privadas cujo monitoramento, fiscalização e imputabilidade são encobertos, o papel da especialização em tecnologia. Entretanto, no que se refere à mobilização de todo o conjunto de recursos militares necessários para operacionalizar uma doutrina estratégica que se movia na tendência de batalhas difusas contra adversários que se organizam de formas associáveis às guerrilheiras em uma multiplicidade de focos de demanda de segurança, veremos abaixo, pois considera-se um elemento determinante para pensar o futuro da aderência dos serviços militares privados pelo mundo. Por esta razão, a seção seguinte buscará delinear algumas das tendências emergentes após o fim da Guerra Fria, buscando compreender como os aspectos descritos acima integram-se.

11. Globalização e tendências de segurança em linhas gerais

No período da virada do milênio, podemos compreender quais as pressões que seguiam em curso impulsionando a iniciativa privada. Assim, veremos o impacto da reorganização geopolítica e dos orçamentos de defesa, efeitos da globalização e a disputa por mercados, e da multiplicação dos focos de instabilidade e conflito em menor escala envolvendo atores não-estatais, ao passo em que se ampliavam as concepções de demanda de segurança e defesa em um campo de batalha identificado como difuso e global.

A *DynCorp* foi contratada para atuar na estabilização nacional no conflito dos Balcãs, em resolução aprovada pelo Conselho de Segurança da ONU, acordou-se que países deveriam enviar agentes de segurança para treinar as forças de segurança na região e auxiliar temporariamente na manutenção da segurança local, em reportagem do *The New York Times*, menciona-se duas preocupações expressadas pela ONU na efetivação da iniciativa, sobre a lentidão dos países em enviar os contingentes prometidos (em que no caso dos EUA, a *DynCorp* foi uma das empresas contratadas para enviar uma porção da guarda necessária) e acerca de forças internacionais adentrando no país para cumprir tais funções sem que comprometessem sua soberania doméstica.²⁵³

²⁵³ U.N. Members Slow to Send Bosnia Police. *The New York Times*, p.11, 21 mar. 1996.

Contratada para prestar serviços de treinamento de forças de segurança nos Balcãs, a empresa também prestou serviços militares na Libéria, como parte dos programas do Africom (*United States Africa Command*) que, como se descreve, luta contra “ameaças transnacionais e atores malignos, fortalece as forças de segurança e reage a crises de forma a cumprir interesses nacionais dos EUA e promover segurança, estabilidade e prosperidade regional”.²⁵⁴ E, como veremos abaixo, esteve igualmente na América Latina, prestando serviços militares no âmbito de acordos bilaterais com os EUA, nos anos 2000 – em que trataremos especialmente do Plano Colômbia – e demais iniciativas de menor porte.

A agenda de segurança pós-Guerra Fria integrou iniciativas multilaterais de responsabilidade humanitária, de estabilização de regiões periféricas estrategicamente importantes para a divisão internacional do trabalho, por meio de intervenções pontuais (como nos Balcãs e Somália nos anos 1990) bem como programas mais amplos que se pretendem de desenvolvimento e fortalecimento institucional (como o Plano Colômbia e AFRICOM, nos anos 2000).

As missões de paz articuladas pela comunidade internacional a partir dos anos 1990 são uma faceta da ampliação do conceito de segurança e defesa, que passa a ser a tônica da solução de regiões sofrendo com conflitos civis, desigualdades acirradas e presença de violência paramilitar, além da demanda gerada pela multiplicação de focos de conflitos de menor escala pelo mundo.

Em geral “desde o fim da Guerra Fria as decisões sobre paz e segurança têm sido improvisadas” em um mundo de tendências separatistas, conflitos civis étnicos e sistema internacional instável. O emergente mercado global de armas e veteranos e as possibilidades de financiamento que viabilizam ações militares influenciou o equilíbrio entre Estados e organizações não-estatais, ao passo em que obstáculos para intervenções armadas entre países foram removidos pela dissolução da União Soviética e conflitos armados civis se tornaram mais proeminentes no cenário de segurança internacional.²⁵⁵

A questão humanitária tem sido frequente justificativa para intervencionismo, como foi no caso do conflito dos Balcãs, que recebeu intervenções “rápidas e decisivas a curto prazo”. Pode se argumentar que a intervenção externa “ajudou a terminar a carnificina antes do que teria ocorrido se houvesse permitido o prosseguimento da guerra”, nas palavras de Hobsbawm,

²⁵⁴ Site oficial Africom, sessão What We Do. Disponível em: <<https://www.africom.mil/what-we-do>>. Acesso em 21 de dez. 2021.

²⁵⁵ HOBBSAWM, E. *Globalização, Democracia e Terrorismo*; tradução Marcos Santarrita - São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 30-31. ¹⁵⁷ *Ibid.*, p. 16-17.

mas ainda assim dificilmente seria possível afirmar que o resultado foi satisfatório para todos os países e nações do leste europeu envolvidas no cenário e que as relações foram estabilizadas, tampouco fora estabilizada a região.¹⁵⁷

Outro exemplo que merece destaque para os propósitos desta pesquisa é a Operação *Restore Hope* (1993), cuja importância pode ser encarada como um legado para as movimentações da iniciativa privada a convite do Estado como alternativa ao uso de forças oficiais devido consequências de custo político.

Enquanto a Somália enfrentava uma escalada de violência entre facções paramilitares rivais lideradas pelos chamados *warlords*, uma resolução da ONU determinou que "the magnitude of human tragedy caused by the conflict in Somalia, further exacerbated by the obstacles being created to the distribution of humanitarian assistance [constitutes] a threat to international peace and security".²⁵⁶ E permitiu que uma força tarefa unificada, em uma coalisão de forças lideradas pelos EUA fosse designada para criar as condições necessárias para envio de ajuda humanitária e recursos para as populações atingidas. Com o acirramento do conflito e as dificuldades enfrentadas, a missão foi expandida para uma solução militar que pudesse forçar as facções à mesa de negociação e promover a restauração nacional.²⁵⁷ Para tal, o Departamento de Defesa dos EUA realizou um investimento milionário cujo aparato mobilizado envolveu *defense contractors* para serviços de construção e logística²⁵⁸ e o efetivo oficial das Forças Armadas para as operações militares.

Quando um dos *warlords* mais proeminentes do conflito, Mohamed Farah Aidid, declarou guerra à coalisão estrangeira e agentes paquistaneses foram assassinados por uma multidão em protesto, a reação foi a condução de novas investidas contra as facções paramilitares e a capital do país se tornou um campo de batalha. A situação seguia se deteriorando até que contingentes da elite de forças de operações especiais tiveram que ser enviados, respondendo diretamente aos EUA e não à coalisão multilateral, o chamado *Task Force Ranger*. Rapidamente, operações subsidiadas pela produção de inteligência buscaram apreender os principais quadros militares de Aidid, além do próprio. Por meio de helicópteros sobrevoando áreas selecionadas, agentes desciam de rapel para deter os alvos, que seriam levados por comboios de veículos aproximando-se do local determinado, e então conduzidos

²⁵⁶ SAROOSHI, D. *The United Nations and the development of collective security: the delegation by the UN Security Council of its chapter VII powers*. Oxford University Press, 2000, p. 212.

²⁵⁷ BACEVICH, A. Gunboats and Gurkhas. In: *American Empire: the realities and consequences of U.S. diplomacy*. Londres: Harvard University Press, 2002.

²⁵⁸ Peace Operations: Cost of DOD Operations in Somalia (Chapter Report, 03/04/94, GAO/NSIAD-94-88). Disponível em: < <https://www.govinfo.gov/content/pkg/GAOREPORTS-NSIAD-94-88/html/GAOREPORTS-NSIAD-94-88.htm>>. Acesso em 21 de dez. 2021.

para as devidas instalações da coalisão. Foram seis tentativas com o mesmo plano, nenhuma conseguiu capturar Aidid ou alvos de alto valor. Na sétima, as forças de Aidid derrubaram três helicópteros *Blackhawk* além de danificar outros três; enquanto em terra, barricadas e emboscadas impediram os comboios de conduzir a extração dos alvos detidos. A atenção midiática e a caça aos responsáveis que se seguiram foram significativas dentro das fronteiras dos EUA e aos dez meses de intervenção, eles se determinaram a retirar sua presença da região.²⁵⁹

Em verdade, nos conflitos pós-anos 1990 não há desfechos de soluções estáveis ao passo em que intervenções de longo prazo também não produziram resultados satisfatórios:

Obriga os interventores a manter suas tropas indefinidamente e a custos desproporcionais em áreas nas quais não têm nenhum interesse em particular e das quais não podem extrair nenhum benefício. Torna-os dependentes da passividade da população ocupada, a qual não se pode garantir; se houver resistência armada, forças relativamente reduzidas de 'manutenção da paz' dotadas de armamentos terão de ser substituídas por forças muito maiores.²⁶⁰

O fim da Guerra Fria impactou na redução dos gastos militares, com a supressão do adversário mais proeminente – a União Soviética - e com a consequente diminuição dos efetivos militares, milhões de soldados passaram então a buscar emprego para sua ocupação, esta expansão da oferta de agentes de segurança fez com que o valor para sua contratação tivesse uma redução, “com isso, agentes da violência não estatais (...) passaram a oferecer serviços de guerra especializados” podendo ser adquiridos “em mercados abertos, graças à globalização” e o mesmo ocorreu com os arsenais de guerra, que passaram a ser vendidos “a preços baixos em ofertas públicas”.²⁶¹

O papel do fim da Guerra Fria e o rearranjo de orçamentos e efetivos militares nacionais em um contexto de aumento da insegurança nos países periféricos, bem como a redução dos orçamentos militares em relação ao trabalho de veteranos e militares na ativa foram motivos para a propagação de empresas militares privadas. Ao mesmo tempo, há uma crescente recusa dos Estados nacionais em envolverem seus efetivos oficiais em missões de paz buscando eximir-se de responsabilização, dado os custos financeiros e políticos. Não só, a própria concepção das soluções para os problemas humanitários, que são essencialmente militarizadas, e que no melhor dos casos só podem produzir ajudas limitadas.²⁶²

²⁵⁹ Bacevich, 2002, p. 143-147.

²⁶⁰ HOBBSAWM, 2007, p. 33.

²⁶¹ UESSELER, 2008, p.152-153.

²⁶² Uesseler, 2008, p. 265.

Concomitante, a influência da opinião pública teria um novo peso na decisão dos governos – aqui, o dos EUA - em envolverem-se em intervenções militares. As polêmicas e a derrota na Guerra do Vietnã foram um importante elemento, em que podemos citar também a intervenção na Somália, em 1993, com a Operação *Restore Hope*, cujo fracasso também demarcou as políticas de intervenção militar dos EUA, que nos anos seguintes passou cada vez mais a se apoiar em tecnologias de ponta e empresas militares privadas. Adentrar em ambientes com presença de conflito armado poderia colocar vidas norte-americanas em risco, sem que interesses nacionais absolutamente vitais estivessem em jogo. Assim, as iniciativas de intervenção se dariam com uso de forças alternativas, não-oficiais, cujo monitoramento e fiscalização não são tão visíveis aos olhos do público, da mídia e das instituições. De fato, no que se refere ao campo da segurança internacional, isso foi imperativo para que os EUA pudessem garantir os ambientes econômicos mais favoráveis para seu país.²⁶³

O avanço do projeto neoliberal nas demarcações da globalização impulsionou de forma significativa a ascensão de empresas militares privadas, quando a economia “coincidia exatamente com os interesses das grandes multinacionais, cujo apetite natural ansiava por novos mercados desregulados”.²⁶⁴ De forma associada, a multiplicação de focos de instabilidade gerados pela abertura econômica e o fluxo de capital estrangeiro em mercados que tendiam à liberalização e privatização, cujas cadeias de commodities movimentavam demandas em segurança para locais de extração, instalações corporativas e linhas de transporte dos recursos, recorrendo à iniciativa privada. O terreno para a proliferação dos serviços militares se mostrava fértil em diversas frentes.

A farta fonte de riquezas e recursos naturais pode ser encarada como *botín* de guerra em especial para Estados que a institucionalidade interna não tem condições de garantir a ordem de maneira que suas terras não sejam alvos de *botín* por iniciativa de potências que definem “as regras do jogo” e exercem o poder para cumpri-las. Como caso emblemático do conjunto de países que não usufruem logros desta hierarquia, o autor descreve como na África o *botín* foi permeado de disputas envolvendo forças mercenárias e onde surgiu a primeira grande corporação modelo do que viriam a ser as *private military companies* (a *Executive Outcomes*), em que territórios com altas reservas de jazidas de diamantes e focos de extração de petróleo eram alvo de disputas entre forças paramilitares rebeldes e empresas militares contratadas para retomar controle, em *holdings* que comportavam ramos de extrativismo (como a empresa

²⁶³ Bacevich, 2002.

²⁶⁴ KLEIN, Naomi. *A Doutrina do Choque: A ascensão do capitalismo de desastre*. Tradução Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 74.

Diamond Works), segurança e engenharia, exercendo um domínio político econômico das regiões que governos nacionais teriam dificuldades de fazer paridade ou controle.²⁶⁵

Entre o limiar geopolítico do fim da Guerra Fria e a avidez do clima econômico da globalização, países subdesenvolvidos experienciaram a fusão entre dependência econômica e militar por meio de intervenções diversas, a convite ou de ocupação.

Em muitos casos, iniciou-se um círculo vicioso: por meio da inserção de pessoal civil nas lutas e da vinculação de meios financeiros para a compra de armamentos, a produção econômica foi enfraquecida e a guerra, incrementada; a guerra, por sua vez, tornou a população mais pobre por conta da destruição da terra e dos meios materiais, dos mortos e feridos; e a pobreza ou as condições de vida cada vez piores instigaram uma vez mais os conflitos armados.²⁶⁶

Para Rosa Luxemburgo, o militarismo caminha junto e integrado à expansão do padrão de acumulação de capital. Para além de características dos novos arranjos do aparato militar, este próprio outsourcing militar pode ser considerado uma condição para a implantação do modelo do regime de acumulação inserido no contexto da globalização. Em que a intervenção nas regiões periféricas significou a manutenção de um ambiente favorável à transnacionalização de capitais e fluxos globais de comércio, garantindo espaços que absorvam e permitam seu alastramento:

Na realidade, a violência política é apenas o veículo do processo econômico; ambos os aspectos da reprodução do capital encontram-se interligados organicamente, resultando dessa união a trajetória histórica do capital. Este não vem à luz apenas ‘gotejando por todos os poros sangue e imundície’, mas vai-se impondo dessa forma, preparando, em meio a convulsões cada vez mais violentas.²⁶⁷

A concepção de imperialismo de Rosa Luxemburgo evidencia como o capital tem como necessidade a destituição de formas de organização da vida e da economia anteriores, que sejam hostis à proliferação do padrão de acumulação, assim não há esquema de acumulação de capital sem o fator da violência politicamente organizada. Sua análise aponta para a simbiose entre expansão do esquema de acumulação de capital e o próprio militarismo, este segundo como elemento garantidor do primeiro.

Para a teórica, a despeito de teorias liberais que buscam dissociar a violência ruidosa do domínio econômico do capital como deliberações fortuitas do exercício de política externa dos países, quando se trata de destruir os entraves e obstáculos que façam frente ao padrão de acumulação capitalista “reinam os métodos da política colonial, o sistema dos empréstimos

²⁶⁵ ESCUDÉ, Carlos. *Mercenarios del fin del milenio: Estados Unidos, Europa y la proliferación de servicios militares privados*. Editora: Universidad del Belgran. Buenos Aires, 1999.

²⁶⁶ UESSELER, 2008, p. 156.

²⁶⁷ LUXEMBURGO, Rosa. *A Acumulação do Capital* Tomo II. São Paulo: Abril Cultural, 1984, p. 87.

internacionais, a política das esferas de influência, a guerra. A violência, a fraude, a opressão, a pilhagem aparecem abertamente, sem disfarce”.²⁶⁸

Além de ser manifestação de pressões, digamos, de mercado, de racionalização do ordenamento dos aparatos de defesa para serem menos custosos e mais estratégicos (flexíveis, *just in time*, de contratos pontuais e temporários para funções tidas como periféricas), o hábito do *outsourcing* militar associado ao hábito do uso de tecnologias de ponta que conferissem precisão cirúrgica e superioridade tecnológica foi condição anterior para garantir que o projeto neoliberal fincasse suas raízes ao redor do mundo a partir da década de 1990, especificamente sob a égide dos EUA: “By the end of the 1990’s, habits hardened into a de facto doctrine for how the United States would fulfill its self-assigned responsibilities as a star-spangled global enforcer.”²⁶⁹

A permanência da hierarquia do sistema internacional não foi fruto de imposições unilaterais pela supremacia militar dos Estados Unidos, mas resultante de um acordo entre as partes aliadas, países, arranjos institucionais e entidades, que “logrem concordar entre si”.²⁷⁰ Assim, veremos países centrais buscando e articulando formas intervencionistas para manutenção de domínio político e econômico na periferia capitalista, explorando a possibilidade de não envolverem suas forças militares oficiais como tentativa de afastar repercussões políticas negativas, ao passo em que se garante o cumprimento de interesses em territórios como África, Oriente Médio e América Latina. O mercenarismo em sua forma corporativa prospera entre as investidas da globalização e da expansão do projeto neoliberal, no sentido de manutenção do *status quo* do sistema internacional.

Pensando na crescente tendência de uso das empresas militares podemos identificar quais os aspectos referentes ao impacto do fim da Guerra Fria se mostram mais determinantes para este movimento de ascensão do setor. Estes seriam o reordenamento geopolítico e dos orçamentos de defesa, a tendência de privatização das funções estatais, governança corporativa transnacional e a renovação das agendas de segurança incluindo intervenções multilaterais promovidas via comunidade internacional (como as missões de paz) com programas ampliados de desenvolvimento nacional em diferentes regiões, mas de perfil essencialmente militarizado e a emergência de atores não-estatais nos cenários de segurança nacional e internacional – como as próprias empresas militares, organizações humanitárias e a ampliação do que se considera

²⁶⁸ Ibid.

²⁶⁹ BACEVICH, 2002, p.166.

²⁷⁰ Hobsbawm, 2007, p. 32.

ameaça à segurança nacional dos EUA – como grupos terroristas, associações de narcotráfico e guerrilhas paramilitares. Com o fim da Guerra Fria:

Uma infraestrutura inteira de segurança global e poder militar teve que ser reforçada e ampliada. Os EUA já tinham bases em quase todos os países; agora elas foram expandidas com o uso de (...) ‘bases discretas’ administradas por ‘não combatentes estadunidenses aposentados’ que terceirizavam ou subcontratavam o trabalho de manutenção de base. A maioria das Forças Armadas em todo o mundo seria forçada a treinar com Forças Armadas dos EUA em exercícios conjuntos que ligavam os comandos militares desses Estados menores à estrutura de comando dos EUA. (...) Essa estrutura de interoperabilidade permitiu que os EUA criassem novas alianças regionais (...) para atrair os países através de acordos militares, bem como acordos comerciais e de ajuda para projetar o poder dos EUA.²⁷¹

11.1. Um olhar mais atento para a periferia: o Plano Colômbia

Historicamente a América Latina é alvo de intervenções estrangeiras que se apresentam de variadas formas, a manutenção da dependência econômica e sua condição enquanto periferia capitalista não é mera casualidade ou parte de uma trajetória orgânica de países subdesenvolvidos. As condições assimétricas no plano internacional são arquitetadas para uma nítida manutenção de domínio da região por parte de países ditos centrais.

A intervenção pela via militar não é uma novidade em termos de investidas imperialistas, e embora atualmente não se apresentem conflitos armados interestatais em sua forma clássica, a presença militar estrangeira para o exercício de objetivos políticos alheios aos interesses nacionais latinos e caribenhos é explícita quando pensada no contexto das agendas de segurança exportadas para a região.

Se faz necessário pontuar aqui um determinado caráter dialético da guerra, no que se refere à denominação de “conflitos assimétricos” para classificar a era de guerras com a forte participação de atores não-estatais, isso porque esta visão advém de quem olha do centro do sistema para a periferia. Os EUA, quando impõem a guerra, não estão sujeitos à intensidade da violência que perpetra, de sua perspectiva isso se apresenta como de “baixa intensidade”. Para os países-alvo, todos os recursos disponíveis para execução de segurança e controle são mobilizados frente aos exércitos de ocupação, a mobilização total *clauswitziana*.²⁷²

²⁷¹ PRASHAD, Vijay. *Balas de Washington: uma história da CIA, golpes e assassinatos*. Tradução: Rafael Tatemoto. 1a. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2020, p. 136-137.

²⁷² SAINT-PIERRE, H. “Defesa” ou “segurança”? Reflexões em torno de conceitos e ideologias. In: Mei, E.; Saint-Pierre, H. *Paz e guerra: defesa e segurança entre as nações*. São Paulo: Unesp, 2013.

Para a periferia do sistema capitalista, as transformações que orientaram as políticas de segurança e as formas de intervencionismo estrangeiro podem ser compreendidas no bojo da manutenção da ordem hegemônica, que objetiva manter inalteradas as posições de controle de poder nas condições políticas e militares na ordem global.

Recentes acontecimentos na América Latina e Caribe expuseram em manchetes mundo afora operações de um determinado ramo da segurança privada envolvendo-se em missões clandestinas politicamente questionáveis em países periféricos. Na Venezuela, agentes mercenários estrangeiros sob contrato com a empresa *Silvercorp* saíram da Colômbia para cumprir um plano de derrubada do presidente e foram capturados por forças populares.²⁷³ Posteriormente, um plano para uma nova tentativa de desestabilização política na América Latina após o retorno do *Movimiento al Socialismo* à presidência da Bolívia fora denunciado, em que o general boliviano envolvido no esquema, partiu à Colômbia, após negociar uma operação que contaria com a mobilização de tropas contratadas que sairiam de bases militares de Miami,²⁷⁴ onde se operam atividades do Comando Sul dos Estados Unidos (um acordo multilateral para operações de segurança e inteligência). Em 2021, no Haiti, o presidente Jovenel Moïse foi assassinado por agentes mercenários sob contrato com a empresa *CTU Security*. Quase todos os agentes eram colombianos e revelaram a Colômbia como base de preparação e condução do tal plano.²⁷⁵

O uso de empresas militares e de segurança privada em operações militares deste teor é sua faceta mais sensacionalista. Como vimos, em termos da integração do setor aos aparatos de defesa, da amplitude das atribuições que vão sendo transferidas à iniciativa privada, da variedade de operações e missões em que atuam, pode-se identificar a presença da iniciativa privada de forma ampla, difusa e generalizada. Em verdade, “quase não há mais uma área no âmbito das tarefas das forças armadas que não tenha sido ocupada por fornecedores privados”.²⁷⁶ Cujas crescente e consolidada tendência pode ser interpretada como um fenômeno de privatização da guerra, cujos processos históricos e elementos mais determinantes para que

²⁷³ General Services Agreement between the Venezuelan opposition and Silvercorp, Oct. 16, 2019. *The Washington Post*, 2020. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/context/general-services-agreement-between-the-venezuelan-opposition-and-silvercorp-oct-16-2019/>. Acesso em: 09 mai. 2020.

²⁷⁴ GRIM, Ryan; BLAIR, Laurance Ex-ministro da Defesa da Bolívia Planejou Segundo Golpe Usando Mercenários dos EUA. *The Intercept Brasil*. Disponível em: <https://theintercept.com/2021/06/18/ex-ministrobolivia-golpe-eua/>. Acesso em: 18 jun. 2021.

²⁷⁵ DODD, O. A indústria de mercenários colombianos está por trás do golpe no Haiti. Tradução de Marianna Deus Deu. *Jacobin Brasil*. São Paulo, 23 ago. 2021 Disponível em: <https://jacobin.com.br/2021/08/a-industriade-mercenarios-colombianos-esta-por-tras-do-golpe-no-haiti/>. Acesso em: 23 ago. 2021.

²⁷⁶ UESSELER, R. *Guerra como prestação de serviços: a destruição da democracia pelas empresas militares privadas*; tradução Marco Casanova. São Paulo: Estação Liberdade, 2008. p.69.

a iniciativa privada tivesse tal presença no setor de defesa contemporâneo perpassa por uma série de transformações de ordem política e econômica.

A América Latina também se torna um mercado próspero para o ramo de serviços militares privados, isso por conta da “crescente violência” na região, resultado da abertura econômica, do aumento das desigualdades e do acirramento do conflito narcotráfico.²⁷⁷ A região já demonstrava as tendências de contratação de empresas privadas estrangeiras para apoio em segurança regional. A *DynCorp* esteve presente no Peru em 1992. Sob contrato com o Departamento de Estado dos EUA, a empresa operava aviões e helicópteros alugados pelas autoridades peruanas para operações antinarcóticos, na região de Santa Lucia.²⁷⁸ Ela também esteve presente na Bolívia para uma experiência de mesmo teor de apoio às forças de segurança locais.²⁷⁹

Como colocamos, a renovação das agendas de segurança após a dissolução da União Soviética, contará essencialmente com adversários não-estatais, como grupos terroristas, guerrilhas insurgentes e operações de combate aos cartéis, que por sua vez se organizam de forma semelhante ao inimigo que encontraram no Vietnã, isto é, sua estrutura é mais horizontal do que confinada a uma pirâmide hierárquica, como nos setores de Defesa ocidentais, de forma que as unidades possuem maior autonomia para agir e atuam de forma descentralizada.

Unidades sociais/militares que conseguem aderir a estes princípios organizacionais ameaçam aquelas que ainda estão sob o rígido controle centralizado. É possível observar esta forma organizacional como uma tendência em cenários de baixo conflito. A dissolução do cartel de Medellín e Cali e como a partir de então, o narcotráfico colombiano passa a se conformar a partir de pequenas unidades grupais com atividades espalhadas, enquanto as operações passaram a ser mais descentralizadas.²⁸⁰ É justamente neste cenário que a *DynCorp* opera a partir do Plano Colômbia. Contextualizemos, portanto, o que foi o Plano e quais foram seus objetivos ampliados, como se deu a destinação de recursos e o peso da inferência das relações políticas entre EUA e Colômbia.

Anunciado em 1999 pelo presidente Andres Pastrana, todo o programa foi concebido para ser de longo prazo, receber recursos bilionários dos EUA, com um objetivo ampliado de estabilização política e econômica da região, cujos problemas de segurança advém de aspectos como ser um dos principais pontos de produção e transporte de narcóticos, da

²⁷⁷ BRUYÈRE~OSTELLS, 2012.

²⁷⁸ PERUVIAN Rebels Assert Role in Downing of a U.S. Copter. *The New York Times*, p.3, 24 jan. 1992.

²⁷⁹ PAOLIELLO, 2016.

²⁸⁰ BOUSQUET, 2009, p. 209.

desigualdade econômica, conflito civil com presença de violência paramilitar e demais consequências que disso resultaram.²⁸¹ Além disso, o programa representa a exportação da agenda de segurança dos EUA, projetado a partir da concepção de que o narcotráfico não era um problema doméstico dos EUA e que representava ameaças à sua segurança nacional, de que o acirramento da violência e instabilidade na região, segundo a concepção do *think-thank* militar *RAND Corporation (Research and Development)*, colocaria em teste a influência (leia-se: domínio) dos EUA na arquitetura de segurança regional e nas instituições de segurança no hemisfério sul. Conforme argumenta o autor, a concepção do Plano tinha como ideia que há uma íntima conexão entre desenvolvimento econômico e institucional, segurança e manutenção da paz.

É possível compreender dois ciclos no âmbito do Plano Colômbia, o inicial (2000-2010) foi demarcado por assistência financeira e tecnológica, mirando a modernização das forças armadas colombianas, e um segundo ciclo (2011-2018) em que o foco do programa se centrou na formação dos quadros colombianos sob a doutrina estratégica dos EUA. No sentido de dominação deste quadro pelos EUA, a “assistência militar” configura-se como dependência, dentro de um escopo que pode ser denominado como “intervenção por convite” e que se dá por vias indiretas (como apoio logístico, modernização de aparato e sofisticação da formação de oficiais para operações condizentes com os propósitos de combate a guerrilhas).²⁸²

O Plano incluía o fortalecimento institucional do Estado colombiano, mas principalmente das capacidades das forças de segurança nacionais (polícia e militares). Se diz “principalmente” pois, dentre o orçamento de U\$6,1 bilhões destinados ao programa entre 2000 e 2008, o montante destinado para os esforços de modernização de aparato bélico e formação militar representaram 75% do total orçamentário, indicando uma certa priorização dos aspectos envolvendo segurança no “amplo” programa de estabilização, este aspecto centrava-se nas operações antinarcóticos. Isso significa falar em um programa que se pretende de reestabilização generalizada do Estado colombiano, mas de perfil essencialmente militarizado.²⁸³

²⁸¹ (...) illicit drug proceeds have not only helped traditional criminal networks thrive and expand, but also have provided a very lucrative source of funding for guerrilla operations against the Colombian Army and its proxy paramilitary units. Over the past ten years alone, hundreds of thousands of people were displaced because of fighting and violence, corruption reached epidemic proportions within the law enforcement and judicial systems, and important social and government institutions teetered on the brink of failure. (OEHME, 2010, p.221-222)

²⁸² ESTEVAM, J.; CEPIK, M. Relações militares entre Estados Unidos e Colômbia: do Plano Colômbia ao Acordo de Paz (2000-2018). *Meridiano 47 - Journal of Global Studies*, v. 22, 2021, p. 6-8; 11. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/MED/article/view/34045>>. Acesso em: 24 ago. 2021.>

²⁸³ OEHME, C. Plan Colombia: Reassessing the Strategic Framework. *Democracy and Security*, v. 6, n. 3, 2010, p. 221-236.

O programa, ao desenvolver unidades de combate modernizadas com helicópteros e barcos de patrulhamento e demandar que se providencie condições de segurança em torno das bases de operações da coalizão Colômbia e EUA, permitiu pela primeira vez que forças militares da Colômbia recebessem apoio direto dos EUA para combate à guerrilha.²⁸⁴ Se Washington compreendia umnexo direto entre o problema do narcotráfico na Colômbia e o conflito civil com participação de guerrilhas, mas ainda se demonstrava reticente em envolver-se diretamente em operações de contrainsurgência,²⁸⁵ esta preferência pelo distanciamento não perdurou. Com a ascensão de Bush Jr. ao poder e após os ataques às Torres Gêmeas, uma vez que as organizações paramilitares guerrilheiras eram consideradas terroristas, orçamentos para as operações focadas em combate a narcóticos foram autorizados para combate aos grupos guerrilheiros.²⁸⁶

Até o ano de 2015 o orçamento investido no Plano pelos Estados Unidos chegou a U\$10 bilhões. Majoritariamente destinados à compra e aluguel de equipamentos, treinamento de forças de segurança e operações de pulverização aérea de herbicidas em plantações de coca.²⁸⁷ Em termos de importação de armamentos da indústria de defesa dos EUA, entre 2000 a 2009, o país correspondeu a 65,2% das importações colombianas, período em que houve um salto significativo nos valores destinados à compra de armamentos, “de US\$72,7 milhões em 2000 para US\$ 603,5 milhões em 2008”. Em 2010 a Colômbia foi o terceiro maior comprador de armamentos dos EUA, perdendo apenas para México e Brasil, passando a adquirir Veículos Aéreos Não-Tripulados, mísseis e blindados.²⁸⁸

O Plano Colômbia, apesar de formalmente encerrado em 2016, gerou repercussões significativas para a segurança da região e em termos de presença militar estrangeira, especialmente devido à forte presença de EMSP contratadas para exercer diversos dos serviços e atribuições do plano, como o empréstimo e operação de equipamentos, condução do programa de pulverização de herbicidas, treinamento de forças de segurança locais, além de outras atividades de transporte, logística e administração.²⁸⁹ Com a Guerra contra Iraque e

²⁸⁴ ISACSON, A. The Role of the United States and the Military in Colombia. In: BAGLEY, M.; ROSEN, J (org.). *Colombia's Political Economy at the Outset of the Twenty-First Century: From Uribe to Santos and Beyond*. 1. ed. Londres: Lexington Books, 2015, p. 285-286.

²⁸⁵ OEHME, 2010, p.227.

²⁸⁶ ISACSON, 2015, p. 285-286.

²⁸⁷ KASSAB, H.; ROSEN, J. *Illicit Markets, Organized Crime, and Global Security*. 1. ed. Suíça: Palgrave Macmillan, 2019, p. 63-65.

²⁸⁸ ESTEVAM, J.; CEPIK, M. Relações militares entre Estados Unidos e Colômbia: do Plano Colômbia ao Acordo de Paz (2000-2018). *Meridiano 47 - Journal of Global Studies*, v. 22, 2021, p. 6-8; 11. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/MED/article/view/34045>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

²⁸⁹ A título de informe, há uma ampla gama de serviços desempenhadas pelas *defense contractors* no Oriente Médio a serviço dos EUA na guerra. A *Commission on Wartime Contracting (CWC)*, órgão estatal responsável

Afganistão, a região latina e caribenha foi alvo destas empresas que buscavam recrutar agentes do setor de segurança (militares e policiais) para desempenharem serviços e tarefas sob contrato com os EUA, a presença do setor que se atinha majoritariamente a determinados âmbitos de atuação como no Plano Colômbia e Acordo de Cooperação com Equador, se proliferou para outros países, transformando o continente em um mercado destes agentes, facilmente contratáveis por meio de redes corporativas multinacionais da segurança privada.²⁹⁰

Algo que não pode ser colocado em segundo plano são os interesses estrangeiros históricos na América Latina e Caribe, região colonizada cujas repúblicas nasceram de processos de independência anticolonial, que durante a Guerra Fria foi palco de diversas operações clandestinas que resultaram em golpes ou tentativas diretas de desestabilização, sempre no sentido da manutenção do domínio regional sob liderança dos EUA, como longamente apresentado nas discussões de Penido & Stédile (2021), que descrevem as formulações estratégicas de amplo espectro que influenciam o pensamento militar contemporâneo e sua materialização em iniciativas de intervenção estrangeira por meio de operações clandestinas, a exemplo de acontecimentos em países como Bolívia, Honduras, Venezuela, Nicarágua e Paraguai; e de Prashad (2020), que enfatiza o papel das comunidades de inteligência para operações clandestinas política e moralmente questionáveis, como assassinatos, torturas e golpes, assim como a trilha do financiamento das agências envolvidas. Períodos posteriores à dissolução da União Soviética não alteraram a importância estratégica da manutenção da estrutura hierárquica do sistema internacional:

O fim da Guerra Fria sinalizou o fim da principal ameaça à aliança - A União Soviética e seus satélites. Desde então, os Estados Unidos e seus confederados fizeram questão de reprimir qualquer desafio ao sistema. (...) Qualquer tentativa de construir uma base de poder regional alternativa como através do processo bolivariano na América Latina ou através da iniciativa do Cinturão e Rota da China - deve ser destruída.²⁹¹

Pontuamos anteriormente como a concepção de estabilidade da ordem para manutenção do status dos EUA no plano internacional relaciona-se com sua concepção de contrainsurgência. Uma vez que distúrbios sociais podem ser previstos a partir da identificação de determinados padrões, é possível garantir a não irrupção destes distúrbios ou exercer algum

pela contratação, dividiu em três categorias os serviços desempenhados via empresas privadas: a) logística, que trata do fornecimento de alimentação, serviços de lavanderia, construção de instalações, etc.; b) segurança, como serviços de proteção de pessoas, instalações e comboios, em que os agentes atuantes são armados e c) serviços de reconstrução, que tratam da reconstrução institucional, como o treinamento de forças de segurança (AVANT e NEVERS, 2011, p. 89).

²⁹⁰ DEUS DEU, M. Soldados privados na América Latina: operações e recrutamento. *Temáticas*, Campinas, SP, v. 28, n. 56, p. 281–308, 2020. Disponível em:

<<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/13179>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

²⁹¹ PRASHAD, 2020, p. 136.

controle. Uma posição antecipada pode significar, assim, a presença de forças de prontidão no próprio terreno, ou a partir de bases militares próximas estrategicamente posicionadas.

O que sofre mutações são os meios de operação da manutenção do plano internacional no que se refere às vias militares. O Plano Colômbia, por exemplo, revela diversas transformações que se materializaram nas demandas e operações de seguranças, sendo elas as características da economia de guerra contemporânea que integram indústria e setor de serviços, cujo uso da iniciativa privada é preponderante para a execução das operações. Contém em si a importância do país como aliado dos interesses de EUA e Otan e como plataforma para proliferação de empresas militares e de segurança privada sob contratos estrangeiros. Suas características de contínuo conflito civil com presença de violência paramilitar, sob o qual convive a sociedade colombiana, com a presença de agentes que não são militares sob uma cadeia de comando oficial, são civis militarmente armados, usados para operações oficiais ou clandestinas, em um cenário de “paz militarizada”.

O continente latino, como importante zona de exportação, fornecedora de matérias-primas, seu papel na divisão internacional do trabalho e suas ricas reservas de recursos naturais estratégicos “é a prioridade número um para a política exterior dos Estados Unidos” e não recuará em iniciativas que garantam sua presença e liderança, que se dão também por meio de alianças regionais. O autor ainda destaca com particular importância a Colômbia, devido ao seu papel mais geral como base aliada da OTAN - expressa no acordo de cooperação de 2013 - em que seu aparato bélico, ativos militares nacionais e forças de segurança estariam à disposição de interesses dos EUA.²⁹²

Este fator está alinhado à expansão das bases militares dos EUA pelo mundo e sua doutrina estratégica militar que pensa guerras travadas em rede e de forma difusa e integrada ao redor do globo. A operacionalização desta máquina global de guerra explica em parte a aderência da iniciativa privada nos aparatos de defesa contemporâneos. O uso de empresas para viabilizar recrutamento, transporte, treinamento e outros serviços relativos à manutenção e administração de instalações militares se tornará uma constante nos anos 2000. Este processo de mobilização, como elencamos, se conforma em redes ao redor do globo, com recrutamento de contingentes em países diversos, com a presença de multinacionais dos EUA ou da Europa atuando com diversos órgãos estatais em diferentes regiões do mundo simultaneamente, em um movimento de consolidação de empresas especializadas em determinados setores ou operações,

²⁹² BORON, Atilio. Notas sobre a atualidade do imperialismo e a nova estratégia de segurança nacional dos Estados Unidos. In: López, Emiliano. (org). *As Veias do Sul Continuam Abertas: debates sobre o imperialismo do nosso tempo*. 1a. ed. São Paulo, Expressão Popular, 2020, p. 132-137.

um conjunto necessário para a operação de uma máquina de guerra globalizada em centenas de bases militares mundo afora, em que a mobilização de forças e recursos perpassa o globo.

Podemos pontuar, ainda, que o uso da força de trabalho em áreas periféricas como forma de redução de custos, descentralização hierárquica e operacionalização em rede, especialização de setoriais específicos, são características centrais de uma “racionalização” do aparato militar das sociedades ocidentais, reforçada pelo *ethos* político e econômico vigente no período.²⁹³ Não obstante, as transformações no uso de aparato militar podem ainda estar associadas com as transformações internas não só na cultura organizacional do exército, como também em seu próprio código de valores, em que o militarismo é colocado de forma subjugada ao mercado. Assim, a essência da profissão militar se confunde com funções civis e o serviço militar deixa de se tratar de um dever cívico, que passa a ser uma commodity.²⁹⁴

Esta congregação de fatores está embutida em uma macro concepção do que norteará a doutrina estratégica militar em rede: o campo de batalha é difuso, os atores envolvidos são múltiplos, travada de forma global. Defenderemos aqui, portanto, que a operacionalização desta estratégia é o movimento mais amplo que integra a ascensão das empresas militares e de segurança privada.

O próprio campo de batalha é hoje uma estrutura global, na qual a máquina de guerra dos EUA conta com cerca de 800 bases militares,²⁹⁵ manifestando-se em uma “presença global *total*”, nos termos de Prashad. Citamos o caso da Colômbia que assinou em 2013 um acordo de cooperação com a OTAN. Pontuamos aqui que a criação dessa figura “aliado extra-OTAN” tinha como objetivo facilitar acordos militares de Norte a Sul e revela como tendência das transformações estruturais das Forças Armadas dos Estados Unidos, a preparação para

Travar guerras em territórios limitados a uma legião imperial que, com suas bases militares de diversos tipos (...), suas forças regulares, suas unidades de ‘rápido deslocamento’ e o crescente exército de ‘terceirizados’ (vulgo: mercenários) quer estar preparada para intervir em poucas horas (...) em qualquer ponto quente do planeta.²⁹⁶

A concepção desta forma de guerra é melhor descrita nos termos da Network Centric Warfare (NCW), o elemento mais determinante da chamada Revolution in Military

²⁹³ Conforme a construção do conceito de forças armadas pós-fordistas de Antony King (2006) demonstra paralelos em tendências econômicas associáveis ao reordenamento dos aparatos de defesa em determinadas tendências (*outsourcing; core x periphery e network warfare*).

²⁹⁴ LEVY, Y. The Essence of the “Market Army”. *Public Administration Review*, v.70, n. 3, p.378-389, 2010.

²⁹⁵ LAZARE, S. As bases militares dos EUA estimulam intermináveis guerras e intervenções. *Jacobin Brasil*, 2020. Tradução de Marianna Deus Deu. Disponível em: <<https://jacobin.com.br/2020/10/as-bases-militares-dos-euaestimulam-interminaveis-guerras-e-intervencoes>>. Acesso em 11 de jun. 2021.

²⁹⁶ BORON, 2020, p.137.

Affairs (RMA), que demarcou a transformação estratégica e das táticas militares, centrada na introdução de tecnologias de informação, em que sistemas eletrônicos integram todo o aparato bélico. A NCW compreende justamente a integração do sistema militar, de forma que as diversas unidades podem trocar informação entre si e afetar o ciclo decisório, organizado em rede. A seção seguinte se dedica a pensar este movimento de transformação e seu papel para o ramo de serviços militares privados.

12. Doutrina militar estratégica e as guerras em rede

O envolvimento e a derrota dos EUA na Guerra do Vietnã inferiram em questionamentos acerca da eficácia da doutrina estratégica deixada de herança pela Segunda Guerra e do aspecto de “infalível” conferido ao acúmulo tecnológico da Guerra Fria. O envolvimento nacional em fronts de guerras no estrangeiro e práticas clandestinas da comunidade de inteligência detinham o potencial de impor prejuízos políticos determinantes. A estratégia do regime cibernético da guerra encontrou limites em sua ousada premissa de perfeito conhecimento do inimigo, em seus aspectos quantitativos e subjetivos, desviando-se do elemento de incerteza, além de se mostrar ineficiente frente um exército guerrilheiro. O debate público resultante da controvérsia interna levou ao fim do alistamento obrigatório, de onde podemos extrair dois fenômenos principais:

a) Para manter os níveis de efetivo militar era preciso tornar a carreira mais atraente, em especial com aumento de salários, isso fez com que aumentassem os custos direcionados para o efetivo militar, em um momento em que o orçamento de defesa estava sob escrutínio público;²⁹⁷ e

b) Era preciso buscar fontes alternativas para mobilização de tropas de forma a suprir a demanda. Em ambos os aspectos a busca por empresas militares e de segurança privada mostrou-se como solução. O uso destas empresas foi colocado como racionalização de custos, uma vez colocada a efetividade de seu uso como redução destes, seguindo o dogma de que a iniciativa privada é mais eficaz e barata do que o “velho” e “burocrático” aparelho estatal.

A reestruturação do aparato de defesa agora fortemente apoiada em empresas privadas para o cumprimento de tarefas diversas (todas aquelas que pudessem ser terceirizadas)

²⁹⁷ FORDHAM, 2007.

pode ser compreendida como uma resposta às pressões orçamentárias – a oferta – e cumprindo um papel fundamental para atender às demandas das políticas de segurança. Mas além disso, a tendência de organização em rede em que as diferentes partes oferecem informações de forma retroalimentativa e integrada que influenciou o pensamento militar foi uma forma de reação à necessidade de sofisticar a estratégia perante inimigos que se organizam de forma centralizada e cujas unidades militares possuem autonomia, algo desafiador para a tradicional cadeia hierárquica de comando e controle dos militares, segundo a argumentação de Bousquet (2009).

Como sabemos, a militarização presente na retórica política histórica do país e sua característica comonexo de sociabilidade mantinha uma nação predisposta aos objetivos nacionais serem cumpridos por meios violentos, a partir da violência estatal organizada, isso ajudaria a garantir a legitimidade pública necessária para as operações não se tornarem estorvos políticos. Quando os meios de comunicação passavam indiscriminadamente os horrores dos campos de batalha e a destruição causada pelas bombas químicas de seu aparato bélico, isso poderia levar a população a questionar se tais medidas eram necessárias e em vista de qual objetivo, ou seja, era necessária uma justificativa convincente o suficiente para sobrepor imagens de crianças atingidas por *napalms* estadunidenses.

Com os meios de comunicação veiculando globalmente as imagens que retratavam a violência do conflito, o discurso oficial que justificava o envolvimento estadunidense encarava dificuldades em se legitimar publicamente. A atuação e os gastos militares passaram a ganhar os holofotes e, sob escrutínio público, o governo dos EUA não só não conquistou os corações e mentes vietnamitas, como também conseguiu o grande feito de perder, cada vez mais, os corações e mentes de seus próprios cidadãos. O envolvimento e a subsequente derrota do país na Guerra do Vietnã ocorreram em um período de tensionamentos sociais domésticos, da vida moderna prometida pela Era de Ouro dissolvendo-se no ar, nesse processo, ganhava proeminência como força política a juventude universitária – que a partir do fortalecimento de um movimento antiguerra – foi então apresentada com uma plataforma e um megafone. Diferentes descontentamentos com o governo puderam, também, convergir-se em uma causa comum.

O setor de Defesa também foi obrigado a revisar sua doutrina estratégica militar. Uma vez que não conseguiu emplacar com sucesso a estratégia combinada de contrainsurgência e superioridade bélica (esta, dentro de uma doutrina militar mais ampla sobre o uso da informação), como é de comum conhecimento a disposição de resistência do exército de Ho Chi Min que não cedeu aos intensos bombardeios, inclusive com armas químicas, e ainda

garantiam ataques às forças estadunidenses que perdiam em conhecimento e adaptação ao território.

De certa forma, considerando os aspectos descritos acima, pode-se dizer que os EUA sofreram uma dupla derrota na Guerra do Vietnã: da estratégia que vinha sendo desenvolvida desde a Segunda Guerra a qual se concedia uma demasiada convicção de que era infalível; e em âmbito doméstico, com o fortalecimento do movimento de contracultura, questionador da ordem estabelecida e que não passou despercebida (vide os levantes de 1968 e seus impactos).

Os novos paradigmas de segurança colocados encontraram no uso de forças extra oficiais – em especial empresas militares e de segurança privadas - uma forma alternativa de manter as perdas de vidas e toda responsabilização por atos beligerantes longe das vistas do público e de responsabilização. Não só da imprensa, como também restringem o controle e supervisão dos órgãos institucionais. A dificuldade de monitoramento e supervisão de tropas em operações militares é uma tônica do uso destas empresas. Mas, a dificuldade de controle também perpassa por decisões políticas.

Como vimos anteriormente, o Executivo nunca renunciou à prerrogativa integral de conhecimento e supervisão da comunidade de inteligência, mesmo a partir de iniciativas legislativas para ampliar o controle público sobre as agências governamentais. Na Guerra conduzida contra Iraque e Afeganistão o uso destas empresas militares foi particularmente notável, entre 2000 e 2009, o Departamento de Defesa aumentou transações contratuais com empresas privadas em 328%, e o órgão responsável pela supervisão dos contratos caiu de 70 funcionários, em 2002, para 14, em 2009.²⁹⁸ Não só, em boa medida, as empresas militares e de segurança privada puderam se beneficiar tanto do uso de efetivo não-oficial bem como da constante introdução de tecnologia aos aparatos bélicos.

Sabemos como o desenvolvimento de tecnologias conta necessariamente com o apoio da indústria para elaborarem e materializarem os aparatos necessários, bem como o apoio das universidades como elemento fundamental para expansão das fronteiras do conhecimento tecnocientífico. A justificativa da superioridade bélica ganhou uma nova camada, a ideia de ataques com uma precisão sem precedentes que carrega a promessa de uma “guerra limpa”, com mínimo dano a civis e agentes/soldados/funcionários encarregados das operações, firmada

²⁹⁸ AVANT, D.; NEVERS, R. Military Contractors & the American Way of War. *Daedalus*. v. 140: 3, 2011, p.94-95.

em uma concepção de um campo de batalha cujos processos decisórios podem ser automatizados.

A Guerra do Vietnã colocou em xeque a estratégia mediada pelos princípios do regime cibernético da guerra, que não foi abandonada por completo, mas demandou uma revisão. Compreender a guerra como um sistema fechado em que sua visualização e previsibilidade mediante projeções, colocava fatores chave da própria natureza da guerra como uma mera “falta de informações” e, portanto, um obstáculo contornável a partir da aplicação dos sistemas de telecomunicações sofisticados. No período posterior, ainda no desenrolar da Guerra Fria, caos e imprevisibilidade ainda eram abordados com o desenvolvimento de tecnologias de informação. O surgimento de novas teorias científicas que abarcavam estes fatores, fez com que fossem implementadas em combinação com os modernos sistemas cibernéticos, levando a um novo “regime de método científico da guerra”, em especial no que se refere à constituição de redes e descentralização, por sua vez, baseados nas descobertas do campo científico, em especial as ciências não-lineares.²⁹⁹

O (último) regime de guerra moderna segundo apresenta Bousquet (2009), denominado como “*chaoplexic*” devido à influência das teorias do caos e da complexidade na estratégia militar dos EUA. A metáfora aqui utilizada, tal como o relógio, o motor e o computador, é a tecnologia em rede. E tal como na cibernética, as teorias que forneciam como pano de fundo, seu desenvolvimento se constituiu a partir de uma abordagem interdisciplinar além de integrar um movimento mais amplo de transformação cultural.

A primeira onda cibernética centrava-se na capacidade dos sistemas computacionais de processarem informações e serem utilizados como controle de mecanismos mediante um objetivo mais amplo ao qual foi configurado, focando uma análise que busca contornar os obstáculos que impeçam ou se desviem de tal objetivo (ruído vs padrão). Enquanto a primeira onda da cibernética enxergava o conjunto de relações entre os componentes, a nova abordagem das ciências não-lineares transformava este olhar em direção a uma perspectiva de como os componentes se reproduzem, focando nos aspectos qualitativos da relação entre elementos, mais do que os quantitativos e os padrões emergentes de uma visualização linear. A teoria do caos que emerge da tentativa de compreender a não-linearidade, atravessando com isto os campos de diversas disciplinas. Equações matemáticas não-lineares fornecem resultados diversos para qualquer variável. Apesar da matemática se concentrar prioritariamente em equações lineares, ao passo que as não-lineares são desvios, algumas críticas já eram tecidas

²⁹⁹ BOUSQUET, 2009, p.161.

acerca desta abordagem linear. Se o comportamento de sistemas lineares reflete um equilíbrio fixo, os não-lineares expressam uma complexidade de comportamentos diversos e oferecem uma nova gama de possibilidades. “A natureza é fundamentalmente não-linear”. Os resultados são diversos, podem até manter o equilíbrio (como na linearidade) e podem “oscilar” de um ponto a outro ainda assim revelando determinados padrões. Isso foi crítico para a teoria do caos, aquilo que parece desordenado e aleatório, revela uma estrutura, leis de determinação a qual estão subordinadas, padrões escondidos: “disorder finds with chaos theory its own hidden order.”³⁰⁰

O desenvolvimento dos computadores possibilitou a exploração de equações não-lineares. Um dos principais resultados descobertos, foi a dependência dos sistemas não-lineares em relação à sua condição inicial, onde pequenas mudanças podem influenciar significativamente o comportamento dos sistemas, ou seja, eles são adaptáveis. Em contraste com um princípio newtoniano de que influências minoritárias não geram impactos significativos no resultado, a capacidade de previsão converge com premissas deterministas. Nos sistemas não-lineares, se revelou como pequenos desvios podem gerar variações em seu comportamento no longo prazo, a mutação das condições iniciais pode inferir em todo processo. Esta perspectiva compreende a limitação da capacidade de previsão, considerando inclusive imprecisões na captação do que é o estágio inicial, inclusive, por vezes, pela falta de instrumentos capacitados para sua compreensão. Entretanto, ainda que a capacidade de previsão no longo prazo seja vista como significativamente limitada, a teoria do caos também revela a existência de uma ordem oculta, inerente aos sistemas não-lineares, o que significava a possibilidade de previsão no curto-prazo, desde que se utilizem métodos estatísticos apropriados. Implicando em uma perspectiva que, ao enxergar qualitativamente o comportamento de determinado sistema, é possível substituí-la por um conjunto quantitativo. Isso representa uma mudança no padrão de análise da previsibilidade, da tentativa de estabelecer uma precisão medida de forma quantitativa, por uma abordagem qualitativa. Revelando determinados padrões observáveis, a teoria do caos reformula a percepção do controle, em que ordem e caos não estão em completa oposição: a ordem emerge da própria “desordem”.³⁰¹

A teoria da complexidade foca “no comportamento de sistemas complexos, compreendidos como sistemas compostos de diversas partes independentes que são acopladas

³⁰⁰ BOUSQUET, 2009, p.169.

³⁰¹ Ibid., p. 169-170.

de forma não linear”. A interação entre os componentes de determinado sistema é o que constitui sua complexidade, pois fornecem uma ampla gama de possibilidades em que estes componentes podem interagir. Propriedades que emergem estão conectadas ao conceito do loop cibernético, “elas se manifestam a partir da organização das partes” e impactam no processamento, se afastando de uma visão reducionista de enxergá-las como a mera soma das partes constituintes do sistema.³⁰² Sistemas complexos adaptáveis são uma categoria particular dentre os sistemas complexos, eles inferem em como os agentes, agindo em paralelo, “agem e reagem com o que os outros agentes estão fazendo”. Os padrões que emergem a partir do comportamento dos agentes só pode se dar mediante “cooperação ou competição” entre si. A introdução da descoberta de bifurcações possíveis entre os componentes, permitiu uma abordagem acerca da própria vida, a enxergando “as a balance between forces of order and forces of disorder, between fixed rigid structures and chaotic motion.”³⁰³

As contribuições das teorias do caos e da complexidade, que se alimentaram desta primeira, revelaram a possibilidade de coordenação descentralizada, em que uma hierarquia fixa piramidal não está exatamente no oposto do que as novas abordagens suscitavam para alguma manutenção de ordem e capacidade de previsão. Elas são complementares, elas abarcam mudanças e instabilidade, mas constituem um sistema aberto, em interação com o ambiente em que estão, o que, na verdade, torna a abordagem de sistemas complexos não-lineares mais adequadas para a busca da previsibilidade. Ao mesmo tempo em que ela retira de cena a possibilidade de uma redução quantitativa e finita do conhecimento de determinado sistema, ela também aponta, segundo uma medida qualitativa, a possibilidade do controle, de forma que os sistemas “produced through these processes of self-organization have distinct emergent features which cannot be understood solely through an analysis of their atomistic components since it is their patterns of interaction which constitute their complexity”.³⁰⁴

O “paradoxo central” das ciências não-lineares, consiste no fato de que as ciências lineares não poderiam ser aplicadas para uma grande diversidade de fenômenos, que devem ser observadas a partir de abordagens múltiplas, ainda que não consigam ponderá-las de forma precisa e previsível, mas aquilo que aparecia enquanto aleatório, na verdade, possui uma estrutura complexa e identificável. Com o desenvolvimento dos aparatos de telecomunicações e suas tecnologias, a internet conformou uma cultura particular, em que a rede é seu principal epítome, impactando modelos organizacionais, contra a centralização hierárquica da cadeia de

³⁰² Ibid., p. 173-176.

³⁰³ Ibid., p. 177.

³⁰⁴ Ibid., p. 178-181.

comunicação. Esta formulação em rede é anterior à difusão das tecnologias de comunicação – que são, de fato, facilitadoras dessa difusão e passaram a desafiar a ordem anterior. A dinâmica da rede é, aqui, um elemento fundamental, sua forma de organização é descentralizada, aberta e adaptável, auto-organizável: “In the context of military operations, the art of war becomes the harnessing of similarly fluid structures through informational exchanges between its interacting parts”.³⁰⁵ Entretanto, mesmo nesta perspectiva, não é possível dizer que o método científico da guerra se sobrepõe ao exercício das forças armadas sem contestação, mas pode-se dizer de uma crescente ascensão que vai de encontro ao desenvolvimento industrial e tecnológico na guerra.

Assim, é oportuno apontar aqui que a reestruturação que caminha para o formato em rede diz respeito não só ao aspecto organizacional do próprio aparato de defesa, nem somente diz respeito à estratégica cujas táticas resultantes são centradas na integração de unidades diversas que podem agir de forma descentralizada e simultânea, bem como a própria concepção do campo de guerra: ele é global e difuso. Para administrar toda a máquina de guerra, as empresas tornaram-se fundamentais, sendo paulatinamente encaixadas onde se encontram obstáculos para o envio de forças oficiais, como efetivo militar reduzido e pressões políticas contra o expansionismo das bases militares dos EUA pelo mundo.

Ainda, as transformações geopolíticas resultantes do fim da Guerra Fria e da dissolução da URSS relacionam-se com alguns aspectos que influenciaram a condução das políticas de segurança, uma nova disputa pela periferia do sistema internacional e a necessidade de manutenção da ordem em regiões dependentes e exploradas pelo centro, a reorganização dos efetivos militares de diversos países e a introdução de um segmento da população dispensado do serviço militar em busca de oportunidades de trabalho, introdução de agentes não-estatais nos conflitos armados (ONGs humanitárias, terroristas, guerrilheiros e, claro, mercenários), aumento da demanda por segurança em regiões instáveis associadas a políticas econômicas que elevaram desigualdades sociais e concepção militarizada de missões de paz. Certamente este conjunto de argumentos para explicar a ascensão das empresas militares privadas no cenário de segurança internacional compõem as condições que foram sendo criadas para o fenômeno se consolidasse com o status que tem atualmente, em que são partes integrantes da estratégia dos EUA para as guerras do novo milênio. As demandas de segurança internacional pós-Guerra Fria, o uso das forças alternativas às oficiais como forma de contornar custos políticos, associadas ao alto uso de tecnologias que visam a promessa de uma “guerra mais limpa”, os termos da sociologia industrial para denominar a organização do aparato militar

³⁰⁵ Ibid., p. 200-205.

como um exército pós-fordista, a expansão do projeto neoliberal no mundo pós-Guerra Fria e os impactos em termos de intervencionismo estrangeiro em países periféricos na manutenção do status quo da divisão do sistema internacional. Mas, observar as transformações nos arranjos organizativos do poder, da sociedade e da economia associadas aos respectivos paradigmas tecnocientíficos dos diferentes períodos permitem enxergar a ascensão das empresas militares e de segurança privada a partir de mudanças na doutrina estratégica como um movimento mais amplo desta busca pelos serviços militares.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa, desde o princípio, buscou compreender sob quais processos históricos se deu a ascensão de empresas militares e de segurança privada nos cenários de segurança internacional, além de tentar identificar quais foram os elementos mais determinantes para este processo. Isto é, a ideia era mapear o movimento de adesão destas empresas nas políticas de segurança e apontar quais os aspectos-chave que possibilitaram, permitiram e/ou viabilizaram o fenômeno dos serviços militares privados nas estruturas de defesa contemporâneas, em especial a dos EUA.

Para tal, se apresentou como caso mais representativo para este propósito uma história que começasse muito tempo antes do que se aponta na literatura como o momento decisivo de proliferação destas empresas – os anos 1990, por isso demarcar o período analisado a partir do fim da Segunda Guerra, quando a *DynCorp* foi fundada, demonstrou-se pertinente, no sentido de que se poderia captar um período significativo e de transformações emblemáticas para pensar políticas de segurança contemporâneas. Sendo uma *defense contractor* de destaque para o governo dos EUA, seu principal cliente, até os anos 2000, suas movimentações poderiam sugerir por quais vias este ramo da economia de defesa prosperou. Assim, mapear os passos da empresa poderiam revelar pistas deste processo, que deveriam ser analisadas mais profundamente para compreender se e como se deu sua integração nos diferentes contextos e tendências que possibilitaram, permitiram e estimularam a adesão da iniciativa privada nas questões de guerra.

A pesquisa rastreou as principais movimentações da *DynCorp*. Quando, em um de seus primeiros passos, ela se envolveu em uma iniciativa civil de apoio às nações europeias devastadas pela Segunda Guerra para se antecipar aos soviéticos, isto nos obrigou a olhar para o contexto dos primórdios da Guerra Fria, de disputa ideológica e a posição dos EUA que emergiu em meados de 1940. Quando vemos que a empresa foi fundada por veteranos, identificamos um padrão nesta relação com o mercado. Ao se diversificar para o ramo de tecnologia ao passo em que executava contratos com as Forças Armadas indicando sua orientação rumo a um nicho entre indústria de defesa e indústria de tecnologia, a empresa nos levou a olhar para as bases em que esse arranjo-parceria foi construído. Ao ser contratada para a Guerra no Vietnã com serviços de manutenção especializada na divisão da Força Aérea e no Conflito dos Balcãs para treinamento de forças de segurança, conduz nosso olhar para os desdobramentos que implicaram na contratação destas empresas atuando diretamente em zonas

de guerra ou escalada de violência. Ao surgir em diversos lugares do mundo durante sua história prestando diferentes serviços, é possível se atentar para os fatores que confluíram para que serviços como os seus fossem solicitados em cada contexto – e como transformaram-se ao longo do tempo.

Ao passo em que as demandas transformaram-se, associadas ao seu próprio contexto, e que merecem atenção os seguintes aspectos: a) a importância da formação institucional do complexo militar-industrial-acadêmico fornecendo oportunidades para empresas do ramo; b) a expansão do padrão de acumulação dos EUA e os movimentos de transnacionalização do mercado, transformando fluxos globais em oportunidades de lucro afora das fronteiras domésticas; c) transformações de ordem econômica e social integrando a concepção de racionalização de custos e o peso do escrutínio público a que podem ficar sujeitos os governos acerca de seus gastos militares e engajamento em situações de conflito armado no estrangeiro e d) a relação do pensamento militar no que se refere às mudanças em doutrina estratégica, concomitantemente como ação e reação pois forma-se um ciclo interativo entre as possibilidades abertas pelo desenvolvimento tecnológico na renovação de estratégias e táticas que podem ser empreendidas.

A partir desta análise, pode-se extrair algumas conclusões que nos orientam a pensar na resposta para a pergunta inicial. Primeiro, sabemos que a iniciativa privada foi procurada para prestar serviços de apoio às Forças Armadas em momentos anteriores, a exemplo das empresas *non-scheduled*, como a *California Eastern Airways*. Contratos para transporte de carga e manutenção de aeronaves foram os primeiros que a empresa recebeu, foi ao se expandir no ramo da indústria de aviação e diversificar-se rumo ao setor de tecnologia que ela passou a prestar também serviços especializados no nicho em que se encontrava – indústria de defesa e indústria de tecnologia, quando as demandas de segurança passaram a envolver serviços privatizados de responsabilidades mais tradicionais de forças militares oficiais, como recrutamento, treinamento e fornecimento de pessoal armado, ela também pôde corresponder aos contratos ofertados via governo.

Assim, diremos que a iniciativa privada buscou corresponder ao que lhe é colocado enquanto demanda a ser suprida por meio das empresas. Vimos como a formação de um complexo militar-industrial-acadêmico foi uma das bases que viabilizaram a relação mais direta das empresas com as demandas em segurança e defesa. Se no contexto do desenvolvimento tecnológico segundo as diretrizes da estratégia militar da Guerra Fria há uma seleção *ex ante* das inovações vencedoras, as que são selecionadas mediante sua aplicabilidade relativa aos objetivos militares e recebem apoio e investimentos, pode-se afirmar que o mesmo ocorre em

relação ao ramo de serviços. A iniciativa privada, na hierarquia decisória, responde às demandas que lhe são colocadas. Ademais, como vimos em sua fase como *Dynalectron*, seus contratos envolvendo manejo de tecnologia, como manutenção e modificação de aeronaves e operação e implementação de sistema de armas e defesa, adiciona-se ao fator “apoio pontual” uma mão de obra que se especializa segundo o ritmo da constante introdução de inovações nos aparatos bélicos. A presença prévia das *defense contractors* na indústria de defesa pode ter sido um elemento facilitador da ramificação para serviços, já posicionadas na dinâmica da economia de guerra. Assim, a ascensão das empresas militares e de segurança privada associa-se ao desenvolvimento do complexo militar em duas frentes:

a) Tal como determinadas estratégias militares exercem a função de seleção *ex ante* das inovações tecnológicas escolhidas como vencedoras (aquelas que receberão patrocínio e incentivos) cuja demanda será atendida pela iniciativa privada, o desdobramento para o setor de serviços indica tentativas de adequação por parte do setor privado em atender demandas que vão sendo a ele ofertadas via setor de defesa (por exemplo contratos para transporte, manutenção de equipamentos, instalação de sistemas de telecomunicações e posteriormente outros serviços como recrutamento, treinamento, fornecimento de guarda armada, segurança para instalações e corpo diplomático, e assim em diante); e

b) O *know how* da indústria de tecnologia a tornava tanto atraente bem como necessária aos aparatos de defesa, por sua vez cada vez mais intensivos em tecnologia. Sua posição previamente estabelecida via complexo militar facilitou a disponibilização de empresas para o uso do setor de defesa, que exigia uma mão de obra especializada em operação e manejo de inovações, constantemente introduzidas nos aparatos bélicos, e que encontrava salários e condições mais atraentes na iniciativa privada, dificultando a constância deste corpo em um efetivo oficial.

Esta é uma forma mais simplista de adereçar a parceria entre indústria de defesa e governo para cumprir objetivos políticos nacionais em tempos de guerra. Podemos de fato dizer que a iniciativa privada busca corresponder às demandas que lhe são colocadas via setor de defesa, mas segundo o que Eisenhower já havia alertado, ela é justamente parte deste processo decisório. O *lobby* de guerra e a dinâmica estabelecida entre as elites políticas, militares e da indústria de defesa configuravam o que ele chamaria de “delta of power”, materializados em seu famoso conceito de complexo militar-industrial. Assim, há igualmente uma inferência da

iniciativa privada na formulação das políticas que permitam ou impeçam os fluxos de patrocínio e comercialização dos produtos que oferta e que podem garantir ou dificultar oportunidades de negócios.

Essa construção também não era trivial. A aceitação popular generalizada da máquina de guerra estadunidense envolvia necessariamente a construção da percepção de risco frente um adversário. Na Guerra Fria, este adversário era um determinado projeto comunista soviético agressivo e imperialista. No período da globalização, a queda da principal liderança a ser combatida – a União Soviética – deu lugar a multiplicação de grupos identificados e apontados como as ameaças à segurança nacional e à estabilidade de uma "comunidade internacional saudável" que seria espelhada nos EUA. Isso significa que a formação de uma imagem nítida do adversário a ser combatido, o grau de ameaça que representa e o porquê de sua nocividade, são elementos socialmente construídos, vulneráveis às transformações no campo sócio-político, são, assim, impermanentes.

Se o *outsourcing* já vinha se constituindo antes da Segunda Guerra como uma prática das Forças Armadas, esta tendência ganhou uma nova força motriz por meio da reestruturação da governança corporativa nas demarcações pós-fordistas e do padrão *just in time*. Há atualmente uma ampla gama de oportunidades de contratos: serviços de segurança de pessoas, instalações e transporte, de recrutamento e treinamento, de inteligência para operações encobertas e análise de informações, de apoio logístico, de construção, de administração, de buscas e resgates, transporte de cargas e em diante. Terceirização, organização segundo competências estratégicas, fluxos em rede e fragmentação de atividades foram eixos em que a adesão das empresas militares e de segurança privada foi decisiva, como meio de garantir maior flexibilidade aos aparatos bélicos. Nesse sentido, o que deu coesão ao processo foi mais a demanda colocada do que exatamente a reestruturação da governança corporativa, que permitiu a flexibilidade buscada para o tempo *just in time* e facilitou os fluxos de contratação de serviços ao redor do mundo, permitindo inclusive outros bônus como contratação de mão de obra do "terceiro mundo" de forma mais barata.

Concomitante a este processo, outras questões levantadas em âmbito social e político foram igualmente decisivas, o envolvimento polêmico e o resultado fracassado dos EUA na Guerra do Vietnã – principalmente, e da emboscada na Somália, deixou suas marcas na memória institucional, a possibilidade do custo político do envolvimento do país em cenários de violência armada sem que interesses vitais estejam em jogo (ou que ao menos seja possível inculcar esta percepção), deixaram as administrações mais sensíveis em deixar ao céu aberto as práticas e custos de sua política de guerra. As revelações das práticas clandestinas da

comunidade de inteligência também foram lições, por isso mesmo em operações encobertas e politicamente sensíveis é um atrativo recorrer à iniciativa privada. A presunção do véu da negação é facilitada quando partes terceiras ao quadro institucional são colocadas em cena. Não é preciso assassinar presidentes por dentro do conjunto oficial e, digamos, arriscar a difamação de agências de prestígio como a CIA. É possível contratar empresas como a *Silvercorp* e a *CTU Security*.

O processo de expansão do padrão de acumulação norte-americano esteve no bojo da construção da ordem internacional de Bretton Woods, no período, o motor de seu sistema nacional de inovação esteve intimamente ligado às demandas militares vinculadas à estratégia do armamento superior e demandas da comunidade de inteligência. Os aparatos de defesa eram crescentemente intensivos em tecnologia, que exigiam uma mão de obra que se qualificasse no ritmo da constante introdução de inovações. Conforme sua cultura militar foi colocada em debate público, a prática tornou-se mais como um imperativo para encobrir custos e mortes. Demais transformações de ordem geopolítica e a manutenção de potência militar mundial significaram organização, mobilização e operação em rede ao redor do globo por meio de sofisticados sistemas de comunicação. O pensamento militar, ao mesmo tempo que estabelecia demandas via formulação das políticas de segurança, era impactado pelas possibilidades abertas em termos de novidades táticas e renovações estratégicas (como a NCW).

Neste processo, podem ser elencados aspectos diversos, referentes a mudanças de estrutura organizativa para maior flexibilidade, do padrão *just in case* para *just in time*, o peso do escrutínio público no cálculo político, o *ethos* de transferência de atribuições estatais para a iniciativa privada, a formação de um complexo militar que já posicionava estas empresas em nicho de fusão entre indústria de defesa e de tecnologia, a constante introdução de inovações tecnológicas, associadas a transformações no pensamento militar que possibilitaram uma guerra em rede e que prometem previsão e controle mediante sofisticados e integrados sistemas de comunicação.

De forma associada, passamos a acompanhar como a expansão dos focos de demanda territoriais ou em termos de quais são as demandas de segurança, agitavam o setor destas empresas como integrante fundamental do efetivo mobilizado, operando em uma máquina de guerra global e globalizada, por meio de instalações de bases militares todo o globo, operacionalizando sua concepção estratégica de batalhas difusas e os atores adversários não estatais. O conjunto colocou uma pressão nas *defense contractors* como elemento essencial para efetivação desta máquina de guerra, tanto em termos de indústria de defesa bem como no ramo de serviços para uso militar em bases ou mesmo na inflada comunidade de inteligência. Essa

máquina não pode ser toda oficial, fiscalizável, imputável, ela precisa ser obscura, de difícil acesso público, longe de estatísticas oficiais e sob presunção do véu da negação.

Em um exercício imaginativo, podemos pensar que a era dourada do capital foi também a era da ameaça de inverno nuclear. O contexto de relativa estabilidade necessariamente passou por uma construção sociopolítica que harmonizasse estas experiências antagônicas. Nisso pode-se pensar como o complexo militar foi a governabilidade política da economia de guerra. O impacto das inovações tecnológicas transformaram a vida moderna, novos dispositivos nos lares e espaços entregavam a visão futurística do que poderia ser o padrão de vida capitalista, em uma estrutura de legitimação das autoridades governamentais em uma prerrogativa iluminista e positivista e de acúmulo enquanto progresso, ao passo em que havia uma aceitação pública generalizada no país que vivia sob a constante da ameaça, infiltrada em seu país e buscando expandir suas zonas de influência pelo mundo.

A construção da imagem de um adversário viria junto com esta percepção de risco, se na Guerra Fria era o projeto comunista soviético, com o seu fim, novos atores/adversários identificados pelo mundo entraram em cena e consigo, a renovação das agendas de segurança, o que indica, por sua vez, o ímpeto de economias de guerra se perpetuarem em conflitos que não mais estão bem demarcados em espaço (campo de batalha global) e tempo (de guerra ou de paz).

As empresas militares são, por certo, meios alternativos ao uso de forças oficiais de forma a evitar possíveis consequências políticas e para operações clandestinas politicamente sensíveis (como a tentativa de sequestro ou o assassinato de presidentes). Não obstante, sua ascensão integra um movimento mais amplo, elas são parte de um complexo processo de transformação das políticas de segurança em meio a crises que se manifestam nos âmbitos econômico, político e social.

Com o arrefecimento do crescimento econômico e dos ganhos de produtividade, desestabilização das taxas globais de emprego e queda de renda, o aumento da desigualdade interna e internacional irrompe em turbilhões sociais. Estas sociedades precisam então, estar sob monitoramento de forma que possa se manter o *status quo*. Estes elementos não podem ser desprezados para pensar os projetos de sistemas de vigilância, de comunidades de inteligência transnacionais e de uma máquina de guerra global e globalizada.

As empresas se mostram imperativas para a operacionalização desta máquina de guerra, dispersa, difusa e altamente tecnológica. Em termos mais diretos, pode-se afirmar que os EUA só conseguem administrar todo seu aparato bélico garantindo manutenção, suporte logístico, destacamentos qualificados para operar inovações tecnológicas, unidades de

prontidão para operações de emergência, monitoramento dos sistemas de defesa, armamentos, transporte de tropas, recrutamento e treinamento de forças oficiais e extraoficiais, com um significativo apoio da iniciativa privada. Um poder de fogo desta magnitude, em um campo de batalha desta escala, requer, necessariamente, uma mobilização global. A operação deste processo é, preferencialmente, realizada da maneira mais encoberta possível.

A máquina de guerra contemporânea dos EUA só é possível sem maior escrutínio público pois usa forças que são extraoficiais. Fiscalização e imputabilidade tornam-se elementos que podem tornar administrações governamentais vulneráveis e enfrentar repercussões perante sua nação e a comunidade internacional. Para executar missões compostas por operações táticas localizadas e “discretas” (que nunca o são para as vítimas e para as regiões alvo, contra grupos adversários majoritariamente não-estatais, em diferentes partes do mundo, utilizando-se do que há de mais especializado para cada situação específica – a iniciativa privada é procurada.

De forma a satisfazer as demandas colocadas, portanto, pelas políticas de segurança que orientam as soluções executadas por meio do setor de defesa. Se as inovações são escolhidas em uma etapa prévia à comercialização civil lucrativa de tecnologias e dispositivos pervasivos na vida cotidiana, sabe-se que são soluções a problemas colocados mediante determinadas concepções do que são as necessidades de segurança – do que exigem os conflitos - isso não é estático, o “tempo de guerra” torna-se um *continuum*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVANT, D.; NEVERS, R. Military Contractors & the American Way of War. *Daedalus*. v. 140: 3. p.88-99, 2011.

BACEVICH, A. Gunboats and Gurkhas. In: *American Empire: the realities and consequences of U.S. diplomacy*. Londres: Harvard University Press, 2002, p. 141-166.

BRUYÈRE~OSTELLS, W. *História dos Mercenários: de 1789 aos nossos dias*. São Paulo: Contexto, 2012.

BORON, A. Notas sobre a atualidade do imperialismo e a nova estratégia de segurança nacional dos Estados Unidos. In: López, Emiliano. (org). *As Veias do Sul Continuam Abertas: debates sobre o imperialismo do nosso tempo*. 1a. ed. São Paulo, Expressão Popular, 2020, pp. 95-140.

BOUSQUET, A. *The Scientific Way of Warfare: Order and chaos on the battlefields of modernity*. Columbia University Press, NY. 2009

CARVALHO, F. C. Bretton Woods aos 60 anos. *Novos Estudos CEBRAP*, no. 70. São Paulo, CEBRAP, novembro, 2004.

CLAUSEWITZ, C. V. *Da Guerra*. Tradução: Maria Teresa Ramos. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

COUTINHO, L. & BELLUZZO, L.G. “O desenvolvimento do capitalismo avançado e a reorganização da economia mundial no pós-guerra”, *Estudos CEBRAP*, vol. 23, 1980.

DEUS DEU, M. Soldados privados na América Latina: operações e recrutamento. *Temáticas*, Campinas, SP, v. 28, n. 56, p. 281–308, 2020. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/13179>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

DODD, O. A indústria de mercenários colombianos está por trás do golpe no Haiti. Tradução de Marianna Deus Deu. *Jacobin Brasil*. São Paulo, 23 ago. 2021 Disponível em: <<https://jacobin.com.br/2021/08/a-industria-de-mercenarios-colombianos-esta-por-tras-dogolpe-no-haiti>>. Acesso em: 23 ago. 2021

GENERAL Services Agreement between the Venezuelan opposition and Silvercorp, Oct. 16, 2019. *The Washington Post*, 2020. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/context/general-services-agreement-between-thevenezuelan-opposition-and-silvercorpoct-16-2019>>. Acesso em: 09 mai. 2020.

GRIM, R; BLAIR, L. Ex-ministro da Defesa da Bolívia Planejou Segundo Golpe Usando Mercenários dos EUA. *The Intercept Brasil*. Disponível em: <<https://theintercept.com/2021/06/18/ex-ministro-bolivia-golpe-eua/>>. Acesso em: 18 jun. 2021.

EICHENGREEN, B. *A Globalização do Capital*. Uma história do Sistema Monetário Internacional. São Paulo: Editora 34, 2000.

ESCODÉ, Carlos. *Mercenarios del fin del milenio*: Estados Unidos, Europa y la proliferación de servicios militares privados. Editora: Universidad del Belgran. Buenos Aires, 1999.

ESTEVAM, J.; CEPIK, M. Relações militares entre Estados Unidos e Colômbia: do Plano Colômbia ao Acordo de Paz (2000-2018). *Meridiano 47 - Journal of Global Studies*, v. 22, 2021, p. 6-8; 11. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/MED/article/view/34045>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

FORDHAM, B. Paying for global power assessing the costs and benefits of postwar U.S. Military spending. In: BACEVICH, Andrew J. (org.). *American Empire: The Realities and Consequences of U.S. Diplomacy*. Nova York: Columbia University Press, 2007, p. 371-398.

FURTADO, Celso. Da ideologia do progresso ao desenvolvimento. In: *Criatividade e dependência da civilização industrial*. São Paulo: Cia das Letras, 2008, pp.99-110.

_____. O mito do desenvolvimento econômico. Companhia Penguin. Celso Furtado. *Essencial*. Organização Rosa Freire d’Aguilar. 1ª. Ed. São Paulo: Penguin Classics Cia das Letras, 2013.

GELLHORN, M. *A Face da Guerra*. Tradução de Paulo Andrade Lemos e Anna Luisa Araujo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HOBBSAWM, E. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*; tradução José Viegas - São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *Globalização, Democracia e Terrorismo*; tradução Marcos Santarrita - São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ISACSON, A. The Role of the United States and the Military in Colombia. In: BAGLEY, M.; ROSEN, J (org.). *Colombia’s Political Economy at the Outset of the Twenty-First Century: From Uribe to Santos and Beyond*. 1. ed. Londres: Lexington Books, 2015, p. 285-286.

KASSAB, H.; ROSEN, J. *Illicit Markets, Organized Crime, and Global Security*. 1. ed. Suíça: Palgrave Macmillan, 2019.

KLEIN, Naomy. *A Doutrina do Choque: A ascensão do capitalismo de desastre*. Tradução Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KING, Anthony. The Post-Fordist Military. *Journal of Political and Military Sociology*, Flórida, v.34, n. 2, p.359-374, winter 2006.

LAZARE, S. As bases militares dos EUA estimulam intermináveis guerras e intervenções. *Jacobin Brasil*, 2020. Tradução de Marianna Deus Deu. Disponível em: <<https://jacobin.com.br/2020/10/as-bases-militares-dos-eua-estimulam-interminaveis-guerrase-intervencoes>>. Acesso em 11 de jun. 2021.

LEVY, Y. The Essence of the “Market Army”. *Public Administration Review*, v.70, n. 3, p.378389, 2010.

LUXEMBURGO, R. *A Acumulação do Capital* Tomo II. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MAZZUCATO, M. *O Estado Empreendedor*: desbravando o mito do setor público vs setor privado; tradução Elvira Serapicos. - 1a. Edição - São Paulo: Portfolio-Penguin, 2014.

MAZZUCHELLI, F. *Os Dias de Sol*: A Trajetória do Capitalismo no Pós-Guerra. Campinas: Facamp Editora, 2013.

MEDEIROS, C. A. O desenvolvimento tecnológico americano no pós-guerra como um empreendimento militar. In: *O Poder Americano*. Org. José Luis Fiori. Petrópolis, Editora Vozes, 2004, pp. 225-252.

OEHME, C. *Plan Colombia*: Reassessing the Strategic Framework. *Democracy and Security*, v. 6, n. 3, 2010, p. 221-236.

PAOLIELLO, T. O. *Anatomia de uma Empresa Militar e de Segurança Privada*: a empresa DynCorp em perspectiva global. Tese de doutorado em Relações Internacionais apresentada ao Programa de Pós-Graduação San Tiago Dantas, São Paulo, 2016.

PEARSON, D. Washington Merry-Go-Round. *The Bell Syndicate*. Nova York, 11 out. 1947. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1961/2041-21899>. Acesso em: 7 mar. 2020.

PEDLOW, G. WELZENBACH, D. *The CIA and the U-2 Program, 1954-1974*. History Staff, Central Intelligence Agency, 1992.

PELTON, R. Y. *Licensed to Kill*: Hired Guns in the War on Terror. Nova York: Broadway Books, 2007.

PENIDO, A.; STÉDILE, H. *Ninguém regula a América*: guerras híbridas e intervenções estadunidenses na América Latina. 1a ed. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo : Expressão Popular, 2021.

POSSAS, M. L. Em direção a um paradigma microdinâmico: a abordagem neoschumpeteriana. In: AMADEO, E. J. (Org.). *Ensaio sobre economia política moderna*: teoria e história do pensamento econômico. São Paulo: Marco Zero, 1989.

PRADOS, J. Intelligence for Empire. In: BACEVICH, Andrew J. (org.). *American Empire*: The Realities and Consequences of U.S. Diplomacy. Nova York: Columbia University Press, 2007. p. 302-334.

PRASHAD, V. *Balas de Washington*: uma história da CIA, golpes e assassinatos. Tradução: Rafael Tatemoto. 1a. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

ROLAND, A. The Military-Industrial Complex: Lobby and Trope. In: BACEVICH, Andrew J. (org.). *American Empire*: The Realities and Consequences of U.S. Diplomacy. Nova York: Columbia University Press, 2007, p. 335-371.

SAINT-PIERRE, H. “Defesa” ou “segurança”? Reflexões em torno de conceitos e ideologias. In: Mei, E.; Saint-Pierre, H. *Paz e guerra: defesa e segurança entre as nações*. São Paulo: Unesp, 2013.

SAROOSHI, D. *The United Nations and the development of collective security: the delegation by the UN Security Council of its chapter VII powers*. Oxford University Press, 2000.

SCAHILL, J. *Blackwater: A ascensão do exército mercenário mais poderoso do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCHUMPETER, J. A. Processo de Destruição Criadora. In: *Capitalismo, socialismo e democracia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, [1942]1984. p 110-116.

SERRANO, F. Do ouro imóvel ao dólar flexível. *Economia e Sociedade*, Vol. 11, No. 2 (19). Campinas: Instituto de Economia da Unicamp, p. 237-253.

SHRADER, C. Contractors on the Battlefield. AUSA Institute of Land Warfare *ATTN: Landpower Essay Series*, v. 99, n.6, pp. 1-15, mai/1999.

SINGER, P. W. *Corporate Warriors: The Rise of the Privatized Military Industry*, Updated Edition. 1a. ed. Nova York: Cornell University Press, 2008.

SLEDGE, Eugene B. *With the Old Breed: At Peleliu and Okinawa*. Presidio Press. 1981.

SOLOVEY, M. Project Camelot and the 1960s Epistemical Revolution: Rethinking the Politics-Patronage-Social Science Nexus. *Social Studies of Science*, v.31, n.2, p.171-206, abr./2001.

STRINGER, D. Non-Skeds: the story of America’s Supplemental Airlines Part I. *Airways Magazine*, 2015. Disponível em: <<https://airwaysmag.com/best-of-airways/late-bro/>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2020.

_____. Non-Skeds: the story of America’s Supplemental Airlines Part II. *Airways Magazine*, 2016. Disponível em: <<https://airwaysmag.com/best-of-airways/non-skeds-storyamericas-supplemental-airlines/>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2020.

TEIXEIRA, A. *O Movimento da Industrialização nas Economias Capitalistas Centrais no Pós Guerra*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1983.

UESSELER, R. *Guerra como prestação de serviços: a destruição da democracia pelas empresas militares privadas*; tradução Marco Casanova. São Paulo: Estação Liberdade, 2008.

ANEXO 1 – Linha do Tempo da Empresa

Fase	Data	Título da notícia	Resumo
CEA	30/07/1946	Air Concerns Act to Retain Rights	A empresa busca certificações junto à Civil Aeronautics Board.
CEA	05/07/1947	Scheduled Planes Regain Air Freight	A empresa é mencionada como destaque entre as non-scheduled.
CEA	14/11/1947	Friendship train aided by airline	Transporte de alimentos arrecadados para o Friendship Train Movement
CEA	19/12/1947	Food Train Pamphlets on Way	Transporte de panfletos redigidos em francês, referente ao Friendship Train, para serem entregues na França e Bélgica.
CEA	13/03/1948	Irregulars' Win Air Board Support	A empresa foi recomendada por examinadores da Civil Aeronautics Board para ganhar certificação como transportadoras regulares deste tráfego. Artigo indica que é o primeiro passo rumo ao reconhecimento formal de um tipo de serviço que começou desde a guerra, principalmente por pilotos que ganharam sua experiência em serviços de transporte aéreo na guerra.
CEA	11/07/1948	Aviation Air Cargo	Artigo acerca da concorrência entre empresas certificadas e empresas non-scheduled, com menção a CEA como destaque do setor.
CEA	14/08/1950	Coast Line Joins Pacific Airlift	Contrato com a Força Aérea para executar serviços de frete na Pacific Airlift.
CEA	11/04/1951	Irregular Lines Seek Full Air-Coach Right	A empresa buscou certificação para operar serviços air-coach.
CEA	21/12/1951	California Eastern Buying 3 Companies	Aquisição de outras três empresas, a Loudon Instrument Company, a Oakland Aircraft Instrument Service, Inc. e Land-Air Inc.
CEA	03/04/1952	New Tokyo Airline is Formed on Coast	A empresa passa a participar de uma rota aérea que conecta EUA, Caribe, Brasil e Japão.
CEA	08/01/1953	Airline Gets Control of Service Concern	A empresa adquiriu participação majoritária na Air Carrier Service Corporation. Se tornando a maior do setor no mundo. Deve iniciar vôos entre Japão, EUA e América do Sul. A Companhia adquirida possui contratos com o governo dos EUA. Menção de operações da CAE na Miss. Columbus, principal base de treinamento da Força Aérea e especializada, por meio de sua subsidiária, Land-Air Inc em manufatura e instalação de componentes eletrônicos e mísseis guiados para os serviços.
CEA	08/01/1953	New Air Route Planned	A empresa anunciou os planos de operar serviços aéreos entre Tokyo e São Paulo, para a Japan International World Airways. A companhia disse que assinou um contrato de 10 anos com a linha aérea japonesa para operar seus C-54s com equipes norteamericanas inicialmente, e treinar equipes japonesas. Aquisição da Air Carrier Service Corporation, uma corporação global de comércio, manufatura e manutenção no ramo da aviação.
CEA	27/07/1954	Airline Merger Planned	A CEA adquiriu a United States Airlines Inc., uma empresa de transporte aéreo de cargas.
CEA	14/06/1955	Airline Gets Navy Contract	A empresa conquistou contrato com a Marinha dos EUA para transporte de carga prioritária regularmente de costa-a-costa.
CEA	24/05/1956	California Eastern Aviation	Aquisição da empresa F.A. Mattern Manufacturing Company, de Chicago, produtora de equipamentos de raio-x.

CEA	11/11/1956	Argentina Plans Aviation Growth	A CEA planeja expandir seus negócios de transporte aéreo para a Argentina, aproveitando novas políticas de aviação comercial pós governo peronista, que mantinha restrições para concessão de licenças para empresas privadas estrangeiras do setor.
CEA	10/07/1959	Bosch Acquires Ensign Company	A CEA adquiriu a Lund Aviation, Inc., uma empresa de comércio de dispositivos de aeronaves. Menção a CEA como uma empresa de produção de instrumentos e equipamentos eletrônicos e eletro-mecânicos, principalmente para aeronaves e mísseis guiados; operando também como uma agência de negócios no setor de aviação civil.
CEA	21/07/1960	Name Contest	Acionistas e funcionários da CEA foram convidados pela gerência para indicar um novo nome para a companhia, uma vez que o então nome da empresa não mais refletia suas atividades diversificadas e globais. Menciona-se que ela agora produz dispositivos eletrônicos e nucleares bem como equipamentos de aeronaves. Funcionários e acionistas irão participar de um competição para escolha de nome. A sugestão ganhadora irá receber duas passagens aéreas para o Rio de Janeiro.
CEA	16/03/1961	This Jet Age	Matéria acerca da mudança de nome da empresa, menciona-se a como atividades dela a produção de dispositivos de rastreamento de mísseis, equipamentos eletrônicos e de raio-x. Os ganhadores da sugestão do novo nome optaram por ações da empresa, em vez das passagens.
CEA	15/06/1961	Companies Hold Annual Meetings	Votação oficial para mudança de nome da empresa, que passa a se chamar Dynalectron Corporation. Menciona-se sua fundação no ramo de transporte aéreo e sua diversificação para a área de tecnologia. Ao comentar a mudança durante a reunião, o diretor Jorge Carnicero, disse, "Embora sejamos ativamente e vigorosamente em diversas fases da indústria da aviação, nós não somos mais uma transportadora aérea e portanto um nome mais descritivo é necessário."
Dynalectron	08/01/1964	Dynalectron Corporation and Hydrocarbon Research	Anúncio de aquisição da empresa Hydrocarbon Research, Inc., do ramo de serviços diversos na indústria de petroquímica e aço.
Dynalectron	11/06/1964	Dynalectron Corp	Menção a construção de uma refinaria de petróleo no Kuwait.
Dynalectron	11/08/1964	Dynalectron Plans Unit	Anúncio da construção de uma refinaria na Libéria, via Hydrocarbon Research.
Dynalectron	30/06/1970	Air Force Contract Won	A empresa foi ganhadora de um contrato com a Força Aérea dos EUA, para serviços de manutenção e modificação de aviões.
Dynalectron	29/03/1972	Dynalectron Says Process Cuts Sulphur in Fuel Oil	Anúncio de novo processo para refino de petróleo, a tecnologia "H-Coal".
Dynalectron	16/02/1974	Contract Awards	A empresa anunciou um contrato com o Exército, para fornecer serviços técnicos na White Sands Missile Range no Novo México.
Dynalectron	31/07/1974	Contract Awards	Contrato adicional com a Marinha para operações na Pacific Missile Range em Kauai, Havai.
Dynalectron	23/09/1976	Dynalectron Unit Award	Anúncio de contratos para construção em usinas elétricas no país.
Dynalectron	14/11/1976	New Synthetic Oil Developed Here	Artigo acerca das pesquisas da empresa em refino de petróleo.
Dynalectron	14/05/1977	Liberia Expropriates Oil Refinery Interests	A empresa sofreu uma expropriação de sua refinaria na Libéria, após buscar negociações junto ao governo para flexibilização do controle de preços do setor praticado no país.
Dynalectron	08/09/1977	Dynalectron Wins Aviation Subcontract	Anúncio do contrato para executar serviços de aviação na Arábia Saudita. Para operação e manutenção de helicópteros

			para o governo saudita para resgates aéreos, evacuação e serviços de bombeiro.
Dynalectron	05/10/1977	Pilot Coal-to-Oil Plant Gets Reactor Vessel	Artigo acerca de novas aquisições para produção de "H-Coal"
Dynalectron	12/05/1978	Dynalectron Improves Tar Sands Technology	Anúncio de pesquisas em refino de petróleo.
Dynalectron	20/06/1979	Fuel Hopes Spur Dynalectron	Artigo acerca das pesquisas em refino de petróleo e seu impacto financeiro positivo para a empresa.
Dynalectron	08/01/1981	Briefs	Aquisição de contrato em serviços de telecomunicação na Arábia Saudita.
Dynalectron	11/02/1981	Briefs	Contrato com o governo saudita para operação e manutenção de instalações.
Dynalectron	11/03/1981	Briefs	Anúncio de contratos para construção de usinas elétricas nos EUA e Canadá.
Dynalectron	22/04/1981	Briefs	Anúncio de contrato no setor de energia para a grande indústria dos EUA e Canadá.
Dynalectron	28/04/1981	Briefs	Contrato com a Air Force Systems Command para serviços técnicos na base da Força Aérea Eglin, Flórida.
Dynalectron	01/09/1981	Briefs	Novos contratos para instalação de sistemas elétricos em projetos industriais, institucionais e comerciais.
Dynalectron	15/10/1981	Briefs	Anúncio de novo contrato milionário com a Marinha.
Dynalectron	04/06/1982	Briefs	A empresa afirmou que sua unidade Hydrocarbon Research Inc., entrou em um acordo com o instituto de pesquisa do Ministério de Carvão da China.
Dynalectron	10/08/1982	Briefs	Contrato com a Marinha para serviços técnicos e de comunicação.
Dynalectron	03/09/1982	Briefs	A empresa afirmou ganhar um contrato para fornecer serviços técnicos para a Força Aérea ao redor do mundo.
Dynalectron	16/06/1983	Briefs	Novos contratos no setor de energia para projetos comerciais e governamentais no Canadá e EUA.
Dynalectron	22/10/1983	Upgrading Crude Oil	Compra de patente em processos de refino de petróleo.
Dynalectron	21/03/1984	Briefs	Anúncio de contrato com a Marinha para serviços técnicos e de engenharia para suporte a Navy Fleet Analysis Center.
Dynalectron	13/03/1985	Briefs	Contrato para instalação de um sistema de tráfego computadorizado regional nos EUA.
Dynalectron	06/04/1985	Dynalectron Pact	Contrato para manutenção de dispositivos e compra de inventário da Xerox Corporation Century Data Systems.
Dynalectron	13/08/1985	Briefs	Aquisição da Unitrace Inc., empresa de reparos de componentes de computadores.
Dynalectron	18/09/1985	Briefs	Contrato com a Marinha para fornecer serviços técnicos, de manutenção e suporte logístico em aviões usados no treinamento de pilotos.
Dynalectron	31/10/1985	Company Briefs	Contrato com a Força Aérea para modificação e manutenção de sistemas de armas.
Dynalectron	29/12/1987	Briefs	Contrato com o Exército para fornecer suporte técnico nas Ilhas Marshall.
DynCorp	20/01/1988	Offer Accepted By Dyncorp	Última notícia encontrada acerca das rodadas de negociação da venda da empresa e sua conclusão.
DynCorp	30/01/1990	Briefs	Aquisição da Becton Services Corp da Bechtel Corp, do ramo de engenharia.
DynCorp	22/06/1990	Company Briefs	Contrato com a Marinha para serviços técnicos e de engenharia em diversas instalações da Califórnia.

DynCorp	24/01/1992	Peruvian Rebels Assert Role In Downing of a U.S. Copter	Artigo sobre o ataque a helicópteros operados pela empresa no Peru, em um acordo local para combate a narcóticos, que os três dos funcionários contratados morreram.
DynCorp	05/04/1995	Kaiser-Hill Gets \$3.5 Billion Job	A empresa foi subcontratada por outra, a empresa Kaiser Hill, para serviços na base industrial de energia nuclear de Rocky Flats, via Departamento de Energia dos EUA.
DynCorp	21/03/1996	U.N. Members Slow to Send Bosnia Police	Artigo comenta o atraso no envio de tropas para missão de estabilização nos Balcãs e menciona contrato conquistado pela empresa DynCorp no recrutamento, envio e treinamento de agentes.
DynCorp	26/09/1998	Company Briefs	Anúncio de contrato para serviços no centro de treinamento de aviação do Exército em Fort Rucker.
DynCorp	28/04/2001	Inquiry on Peru Looks at a C.I.A. Contract	Artigo acerca de empresas contratadas por órgãos dos EUA atuando em operações de segurança na América Latina.
DynCorp	18/05/2001	Role of U.S. Companies in Colombia Is Questioned	Artigo comenta o envolvimento dos EUA em operações anti narcóticos na Colômbia.
DynCorp	17/08/2001	U.S. Pilots Fight Coca in Colombia	Artigo comenta o envolvimento dos EUA em operações anti narcóticos na Colômbia, com entrevistas a funcionários da empresa.
DynCorp	19/09/2002	U.S. Company To Take Over Karzai Safety	Artigo coloca em debate o contrato da empresa para fornecer segurança a um presidente estrangeiro e as implicações de se utilizar a iniciativa privada para uma atribuição de responsabilidade militar oficial.
DynCorp	13/10/2002	America's For-Profit Secret Army	Artigo problematiza o uso de empresas militares e de segurança privada pelo governo dos EUA em operações militares.

Obs.: Inclui apenas algumas das notícias mais relevantes utilizadas na pesquisa, omitindo negociações durante vendas, relatos breves de informações financeiras, movimentações internas e outras categorias.

Fonte: The New York Times.

Elaboração própria.